

OS “CANTO” NOS JARDINS PAISAGÍSTICOS DA ILHA DE S. MIGUEL

Nestor de Sousa*

Num dos primeiros dias do mês de Julho de 1861, às cinco horas da tarde, fundeava no ancoradouro de Ponta Delgada um navio de guerra da Armada francesa. De bordo desembarcaram dois membros da família imperial, o príncipe Napoleão e sua mulher, a princesa Clotilde. Na comitiva, um ajudante de ordens de Napoleão III, imperador dos franceses.

Era presença inesperada, em viagem para os Estados Unidos da América, que teria ainda aportagem intermédia na Horta, para abastecimento de carvão.

Entrados no cais da cidade, a Matriz de traça manuelina, construída no reinado de D. João III (c. de 1530 a 1545), foi visita primeira, quando nela se batizava um neófito aparentado com a família Canto. Deste episódio, os ilustres recém-chegados puderam beneficiar da comodidade de duas carruagens particulares. Outro tanto não diria a mãe do batizado que, com o oferecimento de Ernesto do Canto e de Honorato do Canto, *teve de palmilhar a pé com o pequeno* o regresso a casa.

De seguida, os visitantes estavam no Jardim de José do Canto, então ausente em Paris com a família, surpreendendo D. Francisca Cândida de Medeiros, sua sogra, que com o segundo marido e uma das filhas deste novo matrimónio, ali tinham ido esparecer de nojo recente por outro genro.

Das impressões colhidas *das bellas vistas que apresenta o Jardim*, os ocasionais anfitriões ouviram referências elogiosas do príncipe, porque

* Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade dos Açores.

estava muito bem tratado à Inglesa, não se esquecendo a princesa Clotilde de manifestar o seu agrado pelas flores oferecidas e pela observação da estufa de ananáses, ainda que, como lamentou D. Francisca, naquela época do ano elas não abundassem e os frutos estivessem verdes.

Na mesma tarde houve também visita aos jardins de José Jácome Correia — adjacente do lado poente ao de José do Canto — e de António Borges, um pouco mais afastado, para poente-sul. Antes deste, paragem na gruta que havia na *Quinta do Brander*, por particular interesse geológico do príncipe Napoleão.

Por igual as afirmações de apreço, com a particularidade, porém, de a *Caza do José Jácome* ter suscitado acrescida surpresa na alteza imperial, que *não pensava achar na Ilha um tão grande Palacio*, como o havia comentado *á sua cometiva*¹ (sic).

Foi já na madrugada do dia seguinte que o vapor deixou Ponta Delgada, para que os forasteiros cumprissem, no Vale das Furnas, a última etapa do seu percurso micaelense, com o previsível alvoroço que iriam causar na sociedade elegante ali de veraneio e a banhos (Doc. 1). A bordo seguiram os mencionados Ernesto do Canto e Honorato, seu irmão, que lhes serviram de cicerones e apresentadores².

Obsequiados pelo visconde da Praia com almoço³, as referências sobre o que puderam observar, numa paisagem onde a Natureza e o artifício tinham articulação romântica, não desmereceram das anteriores.

A qualificação de jardim à inglesa atribuída ao Jardim de José do Canto pelo príncipe Napoleão, corresponde a uma etapa, ao tempo ainda de relativamente recente generalização europeia, de uma jardinagem com longes de distância e cuja genealogia remonta às primeiras sociedades históricas — jardins, ditos suspensos, de Babilónia, pela organização em terraços plantados de árvores e seu dispositivo de rega.

Com outra concepção chega-nos a mítica — e fatídica — cena da maçã, fruto tornado fruto de todos os males da Humanidade. O sítio do desacato à ordem divina, na imagem transmitida pela tradição judaico-cristã, é a de um espaço plurifuncional e utilitário, feito Paraíso, de que os primeiros progenito-

¹ UA,JC, Carta de Agostinho Machado a José do Canto, em Paris, Caloura, 9-8-1861.

² UA,JC, Carta de Agostinho Machado a José do Canto, em Paris, Caloura, 9-8-1861.

³ UA,JC, Carta de Agostinho Machado a José do Canto, em Paris, Caloura, 9-8-1861.

res foram expulsos. Tema de pintura, encontra em Masaccio (1401-1428) ponto de partida de uma renovação estética em começo de ruptura com o sistema tardo-medieval de representação iconográfica. Num “Quattrocento” florentino, que logo se afirma recuperador do nu e avança pelo ilusionismo prospettico, a composição, figurada com profundo sentido de humanização, valoriza as anatomias e expressividade da situação e do acto, por efeitos de sombra-luz em simbologia que neutraliza a paisagem da expulsão.

De outro sentido edénico — não já de Paraíso perdido —, o jardim corânico — paraíso de novo prometido, povoado de húrís —, é lugar de delícias para os crentes. Transposto para a terra, em articulação com arquitecturas palacianas ou de mesquitas, a civilização islâmica realizou-o como “hortus conclusus” acordado com os quatro pontos cardeais e referência a Meca, onde o elemento água, sempre essencial, assume particular significado por relação com as ideias da morte, esperança numa nova vida e sabedoria, entendida esta como indispensável purificação da mancha original com que o homem nasceu.

A ordem rigorosamente geométrica e delimitada do jardim, a polícromia das flores, a visão dos frutos e fragância dos seus perfumes, conjugados com o verdejante das folhagens, sombras e frescas brisas que consentem, completam-se, no mesmo ideal de harmonia, com a arquitectura concebida como estilizada construção da natureza vegetalista e floralista. E nisto se afirma lugar de contemplação por excelência, que aproxima o ser humano do seu Criador, cuja voz é a própria água murmurante. Derramada de fonte centralizada no espaço ajardinado, espalha-se-lhe por canais de linhas rectilíneas — que o fragmentam racionalmente — até se confundir com a terra, como se uma e outra tivessem a mesma origem⁴.

Jardim associado a estas noções paradisíacas, não o haviam conhecido os gregos. Os Campos Elíseos homéricos são *Planura (...)* no extremo da terra (...), onde sopram aragens *sempre ligeiras, vindas do Oceano*. Primavera quase perene, ali não cai a neve e *não há grande invernia, nem chuva*⁵. Muitos séculos depois, à entrada da Época Clássica, eles são, para Píndaro, lugar *debaixo da terra*. E se aí há *prados de rosas rubras, ensom-*

⁴ Ver, Pietro Porcinai e outro, *Giardini d'occidente e d'oriente(...)*, pp. 20-21; Georges Gromort, *L'Art des jardins*, p. 1.

⁵ Homero, *Ilíada*, IV, 561-569, Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade*, p. 43.

bradas pelo incenso, e árvores carregadas de áureos frutos”, situam-se à frente da *cidade* dos eleitos, para quem *o deleite são os cavalos, os exercícios gímnicos, o xadrez e a lira* ⁶. Esta concepção tem lembrança da descrição deixada por Homero dos jardins de Alcino, rei dos Feaces, em que o palácio é realidade outra e fechada, mas para além do qual se estendem *quatro jeiras com uma sebe a toda a volta, onde crescem altas árvores viçosas, pereiras e romãzeiras, e macieiras de frutos luzidios, doces figueiras e oliveiras frondosas*, também plantado de vinha. A zona florida, cultivada de *alegretes e plantas de toda a espécie*, é relegada para *o extremo do jardim*, distinta, pois, do terreno frutífero, num conjunto em que uma das fontes *irriga o jardim todo*, enquanto a *outra vai passar sob o limiar do pátio, a caminho do palácio altaneiro*, servindo para abastecimento da cidade⁷.

Próximo do conceito mesopotâmico, sem com ele se confundir enquanto organização, falta-lhe o sentido mítico que reservaram aos bosques em volta dos templos, *o recinto sagrado (...), no prado florido ou os prados de rosas floridos*⁸.

Ao contrário do mundo grego, a civilização romana, de tradição etrusca, consubstanciou na casa e seu terreno adjacente, o microcosmo da família sob a “*patria potestas*”. A residência é, ao mesmo tempo, o templo da vida privada do cidadão, onde desde a soleira da porta tudo é sacro e de que é sacerdote o “*pater familias*” que, assim, combina simultaneamente a suprema autoridade civil e religiosa do mundo particular de cada romano. É ali que se fundarão as práticas públicas de cidadania, projectadas no “*cursus honorum*” republicano, antes que o luxo consagrado no Império lhe transformasse a mentalidade terrantesa, o modo de vida e os rituais domésticos.

O jardim privado romano, estruturado em partes distintas, comportava a área de cultivo de plantas diferenciada do “*pomarium*”, destinado às árvores frutíferas, particularmente significativo nas normas de hospitalidade e em vista das oferendas às divindades familiares. Mas tinha também uma zona florida, da qual se destacava, separadamente, o local do roseiral, porque a rosa era entendida como símbolo de um futuro pleno de

⁶ Píndaro, Os Campos Elísios, (frag.), id., ib., p. 148.

⁷ Homero, *Odisseia*, VII, 112-132, Maria Helena Rocha Pereira, ob. ind., p. 57.

⁸ Ver Pietro Porcinai (...), ob. ind., pp. 22-37.

felicidade. As outras, com presença abundante da violeta, ficavam-se pelo estatuto de flores comuns, com préstimo de dar ao ambiente o seu perfume e colorido. Completava-lhe a orgânica o “vivarium”, área de criação de animais. Era parte acessória, como também o era o lago ou piscina, tornado viveiro de peixes e provido de fonte.

Outros complementos eram a gruta, geralmente com função decorativa, e o pequeno templo dedicado aos “Lares” e “Penates”, divindades protectoras de cada família. Integrava ainda a “diaeta” ou terraço⁹.

Mas este é o jardim do tempo em que ao fausto se junta o luxo. Aquele, no sentido de glorificação ou favorecimento por escolha divina, é expressão da tradicional autoridade — “auctoritas” — dos valores familiares, que viria a confundir-se, nos últimos tempos da República e sobretudo no Império, com a fortuna financeira capaz de realizar a sumptuosidade, enquanto manifestação exterior e exibicionista de um poder meramente material.

O fluxo de riquezas proporcionado pela expansão conquistadora para além dos limites itálicos, amorteceu a severidade da vida patriarcal antiga. A casa familiar da tradicional classe senatorial, de sóbria que era transformouse e engrandeceu-se. Desaparece a horta para dar lugar ao peristilo porticado e florido, tendo ao centro o tanque rectangular com repuxos, que irá estender-se por terrenos arborizados em forma de bosques, a espaços ornados de estatuária. Para aí se transfere o altar do culto doméstico, em templo para o efeito edificado. O romano inicia um modo novo de se interessar pela Natureza, que irá desenvolver-se e, das cidades, ganha as “villae” rústicas, tornadas fabulosas residências de veraneio. Impõe-se-lhe o repouso da agitação urbana, onde o ócio ganha dimensão de actividade do espírito, realizada sem objectivo de imediato pragmatismo. Deste ócio participará a mulher romana, perdido o recato que era exigido à antiga matrona e a confinava na intimidade dos afazeres domésticos. Ficaram conhecidos círculos elegantes de romanas cultivadas, tanto como de costumes livres, em cujos jardins se realizaram memoráveis festas, em que o refinamento mundano e cultural andava de par com a permissividade dos comportamentos.

O incêndio de Roma no tempo de Nero e a reconstrução empreendida, condicionou o espaço urbano para amplos jardins residenciais. Todavia, o imperador teve-os e, depois dele, ainda outros os possuíram no século I, em áreas mais ou menos periféricas da cidade em expansão. As

⁹ Id., ib., pp. 39-41.

vilas imperiais, como as de grandes personalidades, no circuito de Roma ou já fora dele, chegam-nos por testemunhos literários e arqueológicos. Também outras do Baixo Império.

Um princípio lhes é comum. A imensidão espacial, em que o jardim se confunde com a paisagem natural, aproveitando-se encostas de colinas, margens fluviais ou litorais marítimos e demais acidentes topográficos. Os seus limites serão *dissimulados por sebes, sem uma parede que oculte a paisagem*¹⁰.

Se confinando com a orla marítima, *também aí o jardim estabelece, por feliz disposição de terraços, uma transição imperceptível entre a floresta e o mar*. É o antigo jardim fechado que se torna aberto, sem perder, no entanto, a dupla situação de herdade agrícola ou, pela localização costeira da vila, conjugando-a com a utilidade de porto privativo de grandes lagos de água salgada, simultaneamente piscinas e reservatórios piscícolas, com que se melhorava a alimentação do proprietário.

O jardim-quinta anterior permanece, mas torna-se parque sumptuoso na zona de lazer, onde o artifício ganha presença de exótica cenografia, não só pela abundância de estatuária de divindades — já sem crença — e espelhos de água, com sublinhado dos canais construídos, mas também por uma particular intervenção escultórica, que transforma troncos de árvores em figurações de diversificadas representações — caçadas, armas, escultura animalista e composições de letras —, tornadas fantasiosas emoldurações de alamedas ou decorativismo de clareiras e recantos¹¹.

Penetrado o romano pelo contacto com diferenciadas culturas e civilizações, o seu jardim foi realização de luxo espaventoso, imagem de impressionante eclectismo.

A Idade Média, nascida das ruínas do Império, ignora a jardinagem sob as marcas dominantes dos germânicos infiltrados, povos de florestas bravias.

Depois da gradual cristianização dos novos reinos e da recuperação carolíngia da ideia de império — sucessivamente reanimada em confrontos do poder temporal com o da Igreja —, a Europa das catedrais góticas — ultrapassado o monaquismo campesino —, encontra no Cântico das Criaturas de Francesco Bernardone — o “poverello” de Assis —, um par-

¹⁰ Pierre Grimal, *A Vida em Roma* (...), p. 135.

¹¹ Id., *ib.*, pp. 135-139.

ticalar momento de exaltação da fraternidade universal, porque tudo que existe em volta do ser humano, tanto como ele, tem progeneritura em Deus.

Sob esta inspiração, a França da língua de “oc” reclama-se das canções de amor, que terão correspondência portuguesa e variante autóctone de poética trovadoresca e cortesã nas cantigas de amigo.

Mas este, é tempo também de heresias cristãs, de lutas feudais, de papas e antipapas e, ainda, de reconquista no Ocidente peninsular.

O jardim monástico, senhorial ou pontifício, não contém novidades que lhe afirmem evolução de conceito e de organização. Lugar de meditação mística e, no Quattrocento, de inspiração poética humanística, de contemplação neoplatónica ou já aristotélica, ele é igualmente e indistintamente sinónimo de horta.

A separação como entidade autónoma dar-se-á na Itália do Alto Renascimento e do Maneirismo artísticos. O jardim é, então, nas luxuosas novas vilas palacianas, lugar privilegiado de fruição do belo, onde a vegetação se constitui cenário de antiga estatuária e de arquiteturas. É o “jardim decorativo”, com seus canteiros geométricos de flores e bosques ao longe¹².

Na outra Europa, ainda quinhentista, a França construirá os seus mais sumptuosos espaços ajardinados submetendo-os inicialmente a dupla influência. Os relvados flamengos conjugam-se com terraços, fontes, grutas e pavilhões do jardim italiano. Será desta combinação que, no século seguinte, Le Nôtre e Versalhes — expoentes maiores da jardinagem e do jardim francês clássico —, definirão um novo programa, que recolherá paulatina evolução. As novidades que nele emergiram são, essencialmente, de *relação diferente entre as diversas partes do jardim entre si, e do todo com o palácio, pelo uso que se faz dos jogos de água e o diverso modo de adaptação do jardim ao terreno*. É que, na Itália, mais do que prévia ordenação planimétrica, a jardinagem afirmara-se como adaptação ao lugar, sem sujeição das partes a unidade compositiva, antes constituindo-se o jardim em parcelas autónomas, umas relativamente às outras e todas por referência ao edifício.

Não assim o jardim francês, determinado pela unidade e em função do palácio que, pela sua posição dominante, permite alcançar o mais amplo panorama.

¹² Ver Pietro Porcinai (...), ob. ind., pp. 50-79.

O princípio básico da sua orgânica decorre do eixo axial, constituído por grande avenida vinda do espaço urbano perpendicularmente ao frontispício palaciano, desenvolvendo-se aí em avantajado semicírculo ou em forma quadrangular. Penetrado o pátio aberto do edifício — ponto médio entre a povoação e o jardim —, é a visão ilimitada deste que se define em confronto com a imagem cerrada daquela. Por idêntica preocupação de impedir que das janelas posteriores da habitação se deparassem obstáculos ao olhar, os canteiros alinham-se uns ao lado dos outros, apenas bordejados de arbustos e, por fim, já distantes, pequenos bosques e sebes, uns e outros cortados de alamedas a desembocar no ornato de uma estátua ou de um espelho de água com seu fontenário.

Neste sistema, percorrido por eixos secundários transversais e radiais, a ideia de extensão sem limites visíveis acentua-se pela transformação do terreno natural numa sucessão de terraços planos, pontuados de grandes superfícies de águas espelhantes, a que acrescem chafarizes, tanques e canais, num conjunto que converge para a dinamização de toda a composição.

Afirmado por Le Nôtre no jardim de Vaux-le-Vicomte (1656-1661), o programa do jardim barroco francês culmina com a transposição realizada em Versalhes, numa escala que, sendo maior, contempla mais variedade de componentes, particularmente nos seus bosques, cuja aparência selvagem comporta, todavia, arranjos de diferentes denominações: sala verde, sala de dança, sala do conselho e sala dos festins¹³. O jardim à Le Nôtre é, pois, uma construção geométrica que, à regularidade estática ensaiada no ainda “hortus conclusus” renascentista italiano, prefere a caprichosa invenção de perspectivas a perder de vista, afirmando-se como alternativa à Natureza, enquanto criação que a subordina a uma ordem racional. Ele é um panorama para ser visto do palácio, com unificação das suas diferentes partes hierarquizadas em função do maior ou menor afastamento do centro ideal que aquele representa. Mais do que espaço de repouso, é o cenário de um Poder que começa por impressionar para depois divertir. A ostentação casa-se com a Festa, e esta, no século XVII francês, define-se essencialmente por representação teatral, numa ambivalência dos seus elementos ordenadores — naturais e artificiais — que, em Versalhes ou nas Tulherias, servirá aos espectáculos de Molière como aos do “Ballet du Roi”. À inti-

¹³ Ver, Nestor de Sousa, “Jardins privados paisagísticos (...) na Ilha de S. Miguel”, in *Jornal das Ilhas*, 10-7-1998, pp.18-19; Pietro Porcinai, ob. ind., pp. 80-81.

midade do episódio sentimental, destina-se-lhe as zonas secundárias mais afastadas. Imagem do poder monárquico absolutista, o jardim francês foi de larga progenitura na Europa barroca e iluminista, de Portugal à Rússia autocrática dos czares, na profusão de desenhos possíveis de conhecer.

Na Inglaterra, porém, aristocratas cultivados e apreciadores de Claude Lorrain (1600-1682), o mais italiano dos pintores classicistas ou barrocos franceses, despertam para a paisagem própria, porventura animados pelas gradações cromáticas que, nas telas do artista, substituem a simetria prospetiva, e onde na fase madura avulta um paisagismo inventado, de pitorescos efeitos lumínicos.

Um novo interesse pelo ambiente físico e pela sua dimensão histórica ganha amplitude com a influência colhida em viagens pela China e com o conhecimento de plantas e flores que a Europa ignorava, mas fáceis de aclimatar na Grã-Bretanha.

No mesmo ano de 1685 em que William Kent nasce, William Temple publica o “Ensaio sobre os Jardins de Epicuro”, depois de em escritos de outra natureza o chanceler Bacon se ter afirmado contra *a simetria, a poda das árvores, os espelhos de água parada*, que deviam ser banidos dos jardins. Ainda que sem avançar com idêntida oposição às pérgolas, colunas, pirâmides e demais aparelhos ornamentais então comuns, preconizava, no entanto, que próximo se lhes deixassem espaços agrestes, de modo a conseguir-se imagem de árvores e plantas endémicas aproximada *da ideia de jardins da natureza*¹⁴.

Contudo, os jardins ingleses das primeiras décadas do século XVIII — precedendo o retorno à Natureza defendido por Rousseau e outros enciclopedistas da mesma geração—, não representaram uma imediata nem completa ruptura com os programas franceses ou à francesa. Foi assim com o desaparecido Jardim de Twickenham, desenhado por Alexandre Pope em 1718, perto de Richmond e de uma das margens do Tamisa.

A esta fase de transição pertencem também os arranjos de Bridgeman, o parque de Chiswich e as realizações de William Kent nos jardins reais de Kensington, Richmond e de Stowe, este, originalmente da responsabilidade de Bridgeman e por ele modificado dez anos antes da sua morte em 1748.

¹⁴ Ver Georges Gromort, ob. ind., pp. 287-288.

Situando-se na fronteira de uma nova estética da jardinagem inglesa, com repúdio da linearidade rectilínea e de quanto representava a essência da organização ainda dominante, as novidades propostas por Kent tomaram, como ponto de partida, a não subordinação à arquitectura de habitação.

A natureza que o inspirou decorreu da sua formação de pintor e foi a mesma que assinalámos para Claude Gellée, dito Lorraine ou de Lorraine, mais ainda do que em Poussin, sujeitando o terreno à ideia criativa, dispondo a arborização ora com individualização ora constituindo agrupamentos, de modo a obter diversidade de perspectivas, para que o olhar se não dispersasse por excessiva extensão. Nesta orientação os efeitos de sombra-luz assumem relevância, num todo que se pretendeu mimético da Natureza, mas a que a multiplicidade de aparelhos construídos e sua proveniência imprimiu animação, tão ecléctica, que nela tudo é consentido: pirâmide egípcia, mirante barroco italiano, casa chinesa, templos de recordação romana, cabana e pórtico, gruta e ponte paladiana, lago artificial e cursos naturais de água. E assim, se o modelo referenciado é visível na mistura que faz, nem por isso se pode recusar a William Kent o mérito de ter sabido criar, para cada artefacto, encenação apropriada e de as suas perspectivas, que incluem paisagem natural, se projectarem para além dos limites ajardinados, indo fundir-se com o território campesino¹⁵.

Responsável, em grande parte, pela gestação do que se designou de jardim à inglesa, Kent teve no seu discípulo e auxiliar Lancelot Brown, conhecido por “Old Capability” (1715-1785), o primeiro desenhador profissional desta nova tipologia, cujo mais importante trabalho foi o parque de Blemheim.

Ultrapassadas as primeiras experiências do século XVIII, William Chambers (1726-1796) dar-lhe-á contributo importante, depois de estada na China entre 42 a 44. Dos desenhos aí registados e da teorização que veio a produzir — “A Dissertation on Oriental Gardening” (1772) — deu prova no Kew Garden, em Richmond, que por encomenda da princesa Augusta de Saxe-Coburgo, mãe de Jorge III, teve um seu primeiro desenho em 1756 ou 59. Quando a rainha Vitória o ofereceu à nação, em 1841, os onze acres originais tinham entretanto passado a 300, com as consequentes alterações, afirmando-se as 45.000 espécies nele contidas, com suas estufas e viveiros, como a maior colecção botânica do mundo, sob denominação oficial de “Royal Botanic Kew Garden”.

¹⁵ Ver Pierre Grimal, *L'Art des Jardins*, pp. 100-101.

Será, pois, a partir da segunda metade de setecentos, quando a influência chinesa transportada ganhou consolidação, que o gosto melhor se orientará no sentido de parque e o jardim inglês, a coberto da teoria do pitoresco, se definirá como jardim paisagístico (Landscape Garden). A popularidade que veio a alcançar encontrou em Humphrey Repton (1752-1818) o definidor do pitoresco como teoria estética. Os seus conceitos, codificados em “Observations in theory and practice” (1803), a que sucedeu “An Inquiry into changes of Taste in Landscape Gardening” (1806), foram fórmula de composição com largo uso. A renovação posta em prática funde o cientifismo das preocupações prospectivas com efeitos ópticos — enquanto leis gerais de composição —, onde avulta, como essencial, a relação cromática de folhagens, em combinação de tonalidades, associada às incidências luminosas projectadas sobre as arquitecturas nas diferentes fases do dia. Por isso, nenhuma espécie botânica é desprezível¹⁶.

Sublinhe-se, no entanto, que a sensibilidade ocidental mais não colheu do jardim chinês que o quadro formal, ficando-lhe estranha a apreensão do conteúdo profundo e mágico.

Inovado no século XIX por William Robinson (1838-1935) com a técnica dos canteiros mistos e o espalhar de junquinhos e jacintos, em hábeis ordenações de cores, o jardim paisagístico inglês teve fortuna em toda a Europa e na América, com as suas áleas sinuosas, canteiros floridos e relevados, bosques e macissos frondosos, colinas serpentinadas de atalhos, clareiras habilidosamente dispersas, lagos artificiais de margens recortadas, ribeiras naturais e cascatas construídas, pontes e ruínas fingidas, pavilhões e templetas, numa variedade de sugestões que, todavia, a partir dos fins do século, foram sendo simplificadas. Nas suas perspectivas fragmentadas, que se pretendem imitativas de paisagem natural, haverá lugar, nas composições de maior extensão, para zona agreste — com toda a espécie de arborização —, antes que outra, dita jardim rochoso, se lhe acrescentasse¹⁷.

Os refinamentos da vida social e do conforto que, ainda no século XVIII, determinaram a prática de espairecer ao ar livre e a busca de tranqui-

¹⁶ Id., ib., pp.103-125; Georges Gromort, ob. ind., pp. 99-101; Marguerite Charageat, *L'Art des jardins*, pp. 162-165; Robert Joffet, *Les Jardins et les Fleurs*, pp. 15-16; M. Fouquier e outro, *Des divers styles de jardins*, p. 150; Pierre Puttemans, *Les jardins anglais* (...); Robin Middleton e outro, *Architettura dell'Ottocento*, v. 1, pp. 33-61.

¹⁷ Ver Marguerite Charageat, ob. ind., pp. 173-177.

lidade compensadora dos ritmos citadinos, ir-se-ão traduzindo na Inglaterra da Revolução Industrial e em outros países de mais aceleradas transformações da economia agrária, relacionadas com os progressos do comércio e da riqueza financeira, na prática de residências secundárias em zonas rurais. Uma classe de média burguesia, ligada ao negócio ou a profissões liberais — e não apenas o reduzido número que constituía a nobreza de côrte ou a nova aristocracia plutocrata —, foi criando o hábito de construir ou alugar “casa de campo”. Nela, o jardim é parte importante, porque propiciador de um intimismo semelhante ao do interior. Por isso, também, o modelo inglês, com o seu sentimentalismo de expressão romântica, ganhará favor.

Em França, o movimento de adesão inicia-se em tempos vizinhos da Revolução. A austríaca Maria Antonieta, descuidada das ameaças que a levariam ao patíbulo juntamente com Luis XVI, pretende, em 1774, o seu “Petit Trianon”, que teve plano inicial de Antoine Richard, mas que só nove anos mais tarde terá desenho definitivo de Coutaut de la Motte, numa mistura de influência inglesa com o geometrismo da tradição francesa. Aquela, obrigando às veredas, cursos de água caprichosamente tortuosos e macissos de árvores e arbustos, aceita igualmente o pitoresco de lembrança popular, que inclui aparelhos característicos de herdade rústica, mas em justaposição com temas barrocos, a que pertencem um templo, simbolicamente dedicado ao Amor, e um pavilhão de música¹⁸.

A mesma simbiose de antigo e moderno terá aplicação em outros jardins palacianos, nomeadamente em Versalhes.

O século XIX dará a vez aos grandes parques públicos nas principais cidades francesas do II Império. Na Paris de Napoleão III e de Haussmann, o “Bois de Boulogne” foi transformado sob projecto do paisagista Alphang, de colaboração com Barillet-Deschamps. Os seus 95 quilómetros de avenidas e alamedas, numa superfície de 862 hectares, foram plantados com 200.000 árvores. Ainda nos começos da década de 1850, para os novos prazeres ao ar livre e em pleno centro da cidade, reorganiza-se o parque Monceau, enquanto que de 66 a 78, agora em bairros populares e periféricos, outros dois foram criados¹⁹. Mas estes equipamentos urbanísticos oitocentistas franceses, são já programas de traçado simplificado, menos variados de cambiantes e mais

¹⁸ Ver Pierre Grimal, *L'Art des jardins*, pp. 103-104.

¹⁹ Id., ib., pp. 104-125; Marguerite Charageat, ob. ind., pp. inds.; Jacques Levron, *Grands travaux* (...), pp. 151-156.

económicos de ornatos e suas simbologias, sem deixarem de ser paisagísticos. Neles prevalece o gosto pela harmonização de formas e cores e o interesse pela aclimação de árvores de longínquas paragens.

Depurada, embora, a influência inglesa é a nota mais visível, de tal modo que, quando o jovem micalense Agostinho Machado Jr. regressa de Paris a Ponta Delgada, em Julho de 1863, na escala de alguns dias que fez em Bordéus, o jardim público lhe tenha parecido ... *muito bonito* e de *gosto inglês*, onde havia *uma grande estufa com plantas, e o seu lago com ilhas no meio, tendo uma ponte de ferro muito bem feita e de gosto*²⁰ (...).

A Portugal, a fórmula havia de chegar por via alemã, ao iniciar-se o parque do palácio da Pena, em Sintra, que em 1841 D. Fernando de Saxe-Coburgo, desde 1836 marido da rainha D. Maria II, mandou plantar com 10.000 árvores, integrando, poucos anos decorridos, espécies norte-americanas. Da pátria de origem veio o jardineiro Cifka e para lá foi aprender o ofício um jardineiro português.

Dos desenhos para o palácio, o rei-consorte encarregou o renano Wilhelm Ludwig, mais conhecido por barão de Eschwege (1777-1855). General do exército português e amador de arquitectura, estivera no Rio de Janeiro com a corte de D. João VI e fora privado da arquiduquesa D. Leopoldina que, por casamento com o príncipe real D. Pedro, viria a ser a primeira imperatriz do Brasil independente.

A obra do palácio da Pena decorreu de 1840 a 47 e teve colaboração de Possidónio da Silva e dos cenógrafos do Real Teatro de S. Carlos, Rambois e Cinatti, não sem que o próprio rei lhe tenha introduzido elementos de sua iniciativa, particularmente em aspectos decorativos e de natureza simbólica.

Edifício de eclético revivalismo, onde o Neomanuelino, imitado de monumentos padrão, se articula com particularidades neogóticas, outras de recuperação mudéjar e também de origem oriental, aquele palácio, de programa espacial irregular, deu ao sítio a fantasiosa composição que, na paisagem ainda agreste, foi sinal primeiro de medievalismo romântico, quando o país se contentava com o discurso neoclássico. Neste sentido, não deixa de ser original no conjunto de similares arquitecturas europeias, designadamente as que, décadas vol-

²⁰ UA, JC, Carta de Agostinho Machado Jr. a José do Canto, em Paris, Bordéus, 24-8-1863.

vidas, Luis II fará construir na Baviera, entre as mais que pontuam a paisagem do Reno²¹.

A Pena, na mistura plurifuncional do seu Parque, terá o seu *Jardim Inglês*, área distinta das Tapadas, do Viveiro, dos Lagos e das matas. E tê-lo-á o palacete de Monserrate, também em Sintra, que por gosto do negociante Francis Cook substituiu a sugestão neogótica do de Gerard Devisme, compatriota que o edificara em 1791, cedo abandonado e deixado arruinar. O novo Monserrate, projecto de James Knowles Jr. e obra de 1863 a 67, é proposta romântica diferente do palácio fernandino, pelo orientalismo que oscila entre a recordação indiana das suas torres e estruturas amouriscadas que as ligam. Com ele, confirma-se a tendência do jardim paisagístico, que o irlandês F. Burt veio desenhar e plantar de abundância de árvores, dominantemente de proveniência oriental e aclimatização na Inglaterra²².

No sítio eleito de veraneio que Sintra representou para a sociedade oitocentista da capital portuguesa, antes que outras estâncias lhe disputassem a primazia, a Pena e Monserrate foram emblemas que lhe definiram a encenação romântica, mas onde, todavia, as suas arquitecturas sobrelevavam os efeitos da paisagem e do paisagismo que as envolveram.

Antes, porém, destas imagens sintenses — continuadas um pouco por todo o continente português no século XIX e para além dele, com melhor ou pior entendimento do processo —, as reclamadas novidades de jardinagem haviam sido inauguradas na Ilha de S. Miguel.

Um oficial inglês de marinha, integrado nas forças militares que o duque de Bragança nela concentrara para implantação do regime constitucional no país, registava em 1832 que, mau grado o atrazo agrícola açoriano, em termos científicos, conhecia-se a excepção da importação de *plantas, ervas e árvores de várias espécies, de todas as plantas próprias dos países do norte bem como muitas oriundas das regiões tropicais e equatoriais*²³.

No caso particular micalense, de que destacava a maior produtividade, enquanto Pico, Terceira e Santa Maria eram *as menos prósperas*, o mesmo estrangeiro salientava o aumento em Ponta Delgada de *famílias ingle-*

²¹ Ver, José-Augusto França, *A Arte em Portugal no Século XIX*, I, pp. 296-306; Salette Tavares, “Dois Jardins de Sintra”, in *Estética do Romantismo em Portugal (...)*, pp. 240-242.

²² José - Augusto França, *ib.*, *ib.*, pp. 372-373; Salette Tavares, *ib.*, pp. 242-245.

²³ Capitão Boid (...), in *Insulana*, vol. V, 1 e 2 (...), pp. 76-77.

*...sas, que tomam de renda aos naturais as quintas vizinhas, dispondo ali o gosto ornamental peculiar do seu país, sendo assim esses terrenos ou jardins, cultivados sob a influência da ordem, do arranjo e da horticultura*²⁴ (...).

Quanto a esta, no dito aspecto, era tão grande a falta de gosto e de saber, e até a ausência de vontade de os adquirir, que se encontra completamente abandonada, excepto entre alguns residentes estrangeiros, ingleses e americanos, que aqui e além exibem aquele fino gosto próprio de uma educação superior (...).

Um exemplo concreto era a quinta do cônsul americano no Faial, com moradia edificada numa elevação, olhando o mar em frente da pitoresca montanha do Pico. O jardim que a envolvia apresentara-se-lhe como a mais admirável e sumptuosa combinação que se pode conceber, de belos arbustos e flores, de todos os climas e países. Adiantando um pouco mais a descrição, afirma:

Com todas as produções raras que actualmente constituem o orgulho dos jardins da Europa, vêem-se artisticamente misturadas, as árvores ornamentais e as plantas dos trópicos, isto é, todas as variadas espécies de palmeiras, numerosas espécies de cactos, sangue-de-drago, aloés, árvores-de-judas, as quais, combinadas com a figueira, com o nosso muito apreciado chorão, com a laranjeira, o limoeiro e a vinha produzem um efeito absolutamente encantador.

Sobre flores, refere a *hidrângea, o gerâneo e o loentro (...), a fúcsia (...)* e a *camélia japónica*, que ali alcançava as proporções e a robustez de árvore de floresta²⁵.

Para além desta via de introdução, outro exemplo concreto observava em Vila Franca do Campo, na Ilha de S. Miguel, numa quinta que visitara, com um jardim que o seu proprietário acabara de completar e que plantara de *ameixoeiras, pessegueiros, damasqueiros e outras árvores de fruto, à imitação do estilo inglês*, neste caso, todavia, por conhecimento directo de um micalense, porque (...) *tinha estado exilado na Inglaterra e na vizinhança de Plymouth*²⁶ (...).

Omissa quanto à morfologia do espaço e artefactos decorativos, a informação transmitida e apresentada como equivalente à prática europeia,

²⁴ Id., ib., pp. 310-356.

²⁵ Id., ib., p. 78.

²⁶ Id., ib., p. 323.

tem a tónica nos elementos botânicos. Nela cabem os efeitos pitorescos — pelo agrupamento de espécies de distinta geografia —, de que pomar e vinha eram partes integrantes, associando assim, na ideia de *ornamental, sujeita às regras de bom gosto*, aspectos da horticultura dita útil. Da substituição do *tosco inculto* pelas *artes e requintes da vida civilizada*, resulta a conclusão de que os Açores *tornar-se-iam como o paraíso terreal*²⁷.

A origem mais antiga desses referentes de influência inglesa, é no Vale das Furnas que a encontramos, recuada às décadas finais do século XVIII.

Nesse, então, insignificante lugar do interior micaelense, a 45 quilómetros da cidade de Ponta Delgada, em 1706 apenas com *74 habitantes e 22 fogos*²⁸, que fora lugar de pastores e eremitério abandonado em consequência da erupção de 1630, na pedra de uma das suas *caldeiras de polme, agua, enxofre, tão horrendas, que não ha outra cousa com que se campare*, situadas no lado nascente, Tomás Hickling fez gravar o seu nome e a data de 1770²⁹.

Filho de pai inglês natural de Sutton Bonnington, no condado de Nottingham, nascera em Boston a 21-2-1745. Chegado em Outubro de 1769 a Ponta Delgada, no veleiro “St. John”, aqui se fixou definitivamente. Aos Estados-Unidos, cuja nacionalidade adoptou, jamais voltaria.

Em S. Miguel foi despachado cônsul a 4-10-1784 e, por carta patente de 7-7-1795, nomeado vice-cônsul na ilha, onde se consorciara pela 2ª vez, em 1778, após quatro anos de viúvo da esposa deixada em Boston. Faleceu em Ponta Delgada a 31-8-1834³⁰, na sua residência defronte da paroquial de S. Pedro, que em 1799 estava em princípio de construção e em 1812 concluída³¹.

Empreendedor, Tomás Hickling conheceu a prosperidade de produtor e exportador na fase de expansão do comércio da laranja,

²⁷ Id., ib., pp. 71-72.

²⁸ Bernardino J. de Senna Freitas, *Uma Viagem no Valle das Furnas* (...), p. 13.

²⁹ Id., ib., p. 65.

³⁰ João H. Anglin, Tomás Hickling, in *Insulana*, ob. e vol. inds., pp. 108-115.

³¹ Id., ib.; A. P. S. Pedro, *Livro das eleições da Confraria de S. Pedro, esmolos e despesas com as festas, 1749*, f. 37v.: Tomás Hickling substituiu o morgado José Caetano do Canto no pagamento do juro de 2\$000 réis para a fábrica do Altar de S. Pedro, (...) *por aver a propriedade do dito Morgado por troca para acrescentar as cazas que esta fazendo, e deve ser o primeiro anno de pagamento o de 1799.*

cujo principal destino foram mercados ingleses, mas que ele alargou à Rússia (S. Petersburgo), de que também foi representante consular³².

Seu filho, Tomás Hickling Jr., nascido e falecido em Ponta Delgada (1781-1875)³³, sucedeu-lhe no negócio, já em decadência em vida do pai, com prejuízos que avaliou em mais de 1.000.000 de dólares até ao período de 1813-19. Para eles contribuíram acontecimentos de que os seus navios e carga haviam sido vítimas durante a Guerra da Independência e, mais tarde, com o Bloqueio Continental decretado por Napoleão.

À data da morte de Tomás Hickling Sr., a residência em S. Pedro, que lhe custara *29.389 dollars*, sem contar a compra das modestas casinhas antes existentes no lugar, estava hipotecada, assim como a propriedade das Furnas, herdando o filho essas hipotecas e o correspondente a 8.150 dólares de juros em dívida. Por isso, em meados do século XIX, Tomás Hickling Jr. admitia arrendar a casa da cidade por 300 dólares anuais e, quanto àquele outro prédio, vendera-o em 1848 ao 1º visconde da Praia, Duarte Borges da Câmara Medeiros (1799-1872), título de 1845, que lhe afirmara *a intenção de o conservar e melhorar, mantendo-o acessível ao público*. Tendo o pai dispendido com ele *para cima de 5.000 dollars*, o filho vira-se constrangido a cedê-lo *por cerca de 2.000*³⁴ (...).

Situado no centro do Vale das Furnas, emoldurado de montes e a sul do povoado, o prédio construído pelo 1º Tomás Hickling na mencionada década de 1770, compunha-se de casa de veraneio coberta de colmo, no cimo de um combro. À volta, terreno ajardinado e vegetação formando pequenos bosques. Entre estes e o edifício, avantajado lago artificial, rigorosamente circular, com ilhota no meio plantada de árvores. Um pontão de pedra ligava-o ao caminho diante de ampla escadaria de acesso à residência. Na década de 1830, esse *lanço de cinquenta degraus* era bordejado de

³² João H. Anglin, artº, revista e pp. inds..

³³ Id., ib..

³⁴ Carta de Thomaz Hickling Jr. (...), in *Insulana*, v. LI, Nº 2 (...), pp. 192-212 e nota 30, p. 212. Nesta nota refere-se que a casa de S. Pedro havia custado *27.800 Dollares, excluído o terreno*, mas segundo William Hickling Prescott, em carta de Abril de 1816 a sua irmã, *a casa teria custado ao avô somente 30.000 Dollares*.

hortênsias azuis que, na seguinte, se acompanhavam de arbustos (Fig. 1). Para entrada no jardim, uma *longa avenida de sombrios buxos* ³⁵.

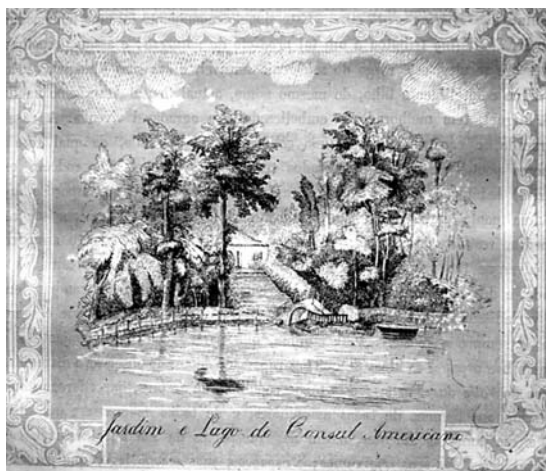


Fig. 1 - Furnas, Jardim de Tomás Hickling, 1838, segundo desenho dos Bullar, reproduzido no livro de Senna Freitas, p. 66.

Por fidelidade à origem, a casa foi batizada de “Yankee Hall”. Ao espaço que a envolvia, chamaram-lhe “Tanque”.

Através do arvoredo viam-se as montanhas do vale e as habitações do lugarejo, maioritariamente ainda cobertas de palha, de que emergia a torre caiada da pequena igreja de Sant’ Ana, reconstruída em 1792.

Foi o primeiro pequeno luxo de jardim, colhido de figurino inglês, onde o artificial ainda se não disfarçava na solução paisagística para que o modelo já evoluira e sem a exuberância que depois veio a conhecer.

Com o novo proprietário, o “Yankee Hall” cedeu a nova e mais ampla arquitectura de veraneio, no mesmo sítio e mantendo a anterior ligação ao lago. Ainda em construção no ano de 1852, essa espécie de palacete, de imprecisa concepção estética, merecia a um forasteiro a apreciação de *bella casa*³⁶. No eixo da escadaria, repetida na fachada

³⁵ Ver, Joseph e H. Bullar, *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas (...)*, p. 65; Bernardo J. de Senna Freitas, ob. ind., pp. 65-66.

³⁶ Carlos José Caldeira, *Apontamentos d’uma viagem de Lisboa à China (...)*, in *Insulana*, v. 46 (...), p. 350.

posterior mas mais estreita, avança o seu octógono central, de lados côncavos, dos dois corpos laterais absolutamente simétricos. Envolve-lhe o andar o terraço gradeado de ferro forjado, ritmado de vãos na prumada dos que rasgam o nível inferior, em perfeita correspondência e identidade das formas rectangulares, debruadas de estreita cantaria basáltica, de que está ausente qualquer sinal de mais aparato na porta de entrada.

Foi neste edifício, já concluído, que os príncipes imperiais franceses, Napoleão e Clotilde, com os demais acompanhantes, almoçaram no verão de 1861, como vimos logo de início. Em 1894, um visitante nacional denominá-lo-ia de *elegante chalet*, dominando o parque, entretanto já aumentado e continuado pelo sucessor do visconde da Praia, António Borges de Medeiros Dias da Câmara e Sousa (1829-1913), 1º conde e marquês da Praia e de Monforte, respectivamente em 1881 e 1890³⁷.

Conservando a estrutura do antigo Tanque — organizado em dois níveis —, mas delimitando de correntes de ferro pendentes de pilaretes de pedra o lago, escadarias e plataforma onde a habitação está implantada, as inovações respeitaram o terreno estendido para trás. Muito mais amplo, um outro esquema de traçado, atribuído a jardineiro inglês de nome Milton³⁸, valoriza-lhe o acidentado. Ravinas, pequenos vales e colinas com seus relvados e gramíneas acompanham-se de canteiros floridos, arbustos e árvores de grande porte, individualizados entre macissos frondosos. Das alamedas que lhe circundam o perímetro contorcido geram-se avenidas e atalhos que, no emaranhado da sua teia, levam a clareiras, sulcam declives, conduzem a artefactos, bordejam espelhos de água artificiais ou cursos nascidos de torrentes naturais

³⁷ O título de conde foi único no filho do 1º visconde da Praia, por Decreto de D. Luís de 9-1-1881, com Grandeza, sendo 2º visconde. Casou em 3-3-1859 com Maria José Coutinho Maldonado Freire, nascida a 13-3-1833 e falecida a 18-10-1893, filha e herdeira dos 1ºs viscondes de Monforte. O título de marquês da Praia e de Monforte foi-lhe concedido por Decreto de D. Carlos de 21-1-1890. O primogénito Duarte Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara (2-7-1861 a 25-7-1907), recebeu o título de 2º marquês em vida do pai.

³⁸ Ver Marquez de Jácome Corrêa, *Leituras sobre a História do Valle das Furnas (...)*, p. 147.

(Figs. 2 e 2a). A hierarquia da sua distribuição coleante comporta, porém, a contradição introduzida de duas âleas rectilíneas e compridas, uma das quais dá serventia a rotunda, no meio da qual, o marquês da Praia e de Monforte fez erguer, em 1898, o mármore piramidal de um



Fig. 2 - Furnas, Jardim que foi da família Praia e Monforte, actual Parque Terra Nostra.



Fig. 2a - Furnas, Jardim que foi da família Praia e Monforte, actual Parque Terra Nostra.

obelisco. Legendado e ornado de peças heráldicas, acostadas a quatro brutescos escultóricos, o monumento tem valor de memória e consagração familiares, associadas ao significado decorativo, na pretendida perpetuação das dignidades nobiliárquicas recebidas e de que o Constitucionalismo foi pródigo na concessão. Com elas coroava-se a mera tradição morgadia, diluindo-se também a obscura origem mercantil e o sangue impuro, ou das *pessoas de nação, descendentes, por via réta masculina de cristãos novos de nação hebraica*. Ainda no século XVII obrigadas, por esse facto, a pagamento de taxa, de acordo com *o rol de avaliação das fazendas*, a requerimento de alguns antepassados Filipe II de Portugal ilibou-os, em 2-8-1630, de tão incómoda fama, acto que D. João IV renovou, mas tornado necessário uma vez mais durante a regência do príncipe D. Pedro, em alvará datado de 9-11-1673³⁹. Neste sentido, aquele obelisco consente interpretação de sincrética religiosidade, por aproximação ao provável carácter evocativo do deus sol, da velha tradição egípcia, ou ao pequeno templo de culto familiar transposto para jardins romanos na época imperial.

De resto, o jardim que foi da família Praia — desde 1938 denominado de “Parque Terra Nostra”, por ter sido adquirido pela empresa proprietária do hotel de que colheu o novo nome —, é parco de mais artefactos decorativos: um mirante de planta centrada hexagonal, com cúpula arestada sobre colunelos; pequeno tanque de lados recortados e bojudos com repuxo ao meio; quiosque ou pavilhão, vagamente oriental pela cobertura de madeira, ao jeito de chapéu chinês, a cavalo de um riacho e preparado para nele se repousar e merendar; ponte de pedra rochosa e rugosa ligando as margens de um dos novos lagos; vasos campanulados dispostos aqui e além sobre suportes altos. Para comodidade de lazeres, bancos e cadeiras que foram de ferro fundido, com o espaldar floralista, ainda não há muito substituídos, colocados à sombra das árvores que rodeiam o grande tanque circular e na esplanada que envolve a residência.

Na irregularidade da sua composição orgânica e na multiplicidade das suas perspectivas, o elemento água emerge destacadamente no acrescentamento da segunda metade do século XIX, mas agora em diversidade de espelhos e caprichos de recortes. No plano mais profundo, para que se desce da parte posterior da casa, com a proeminência de vistas que esta assume sobre

³⁹ Ver António Ferreira de Serpa, *Suum Quique* (...), pp. 17-39.

o conjunto e a paisagem do lugar, as formas acentuadamente sinuosas de um lago, aproveitado de torrente natural, espalham-se bucolicamente, com seus nenúfares e ilhotas, a dita ponte rochosa, como gruta, e seus atalhos marginais. Mais além, junto à ribeira de água quente que serve de limite ao parque do lado da actual Avenida de Manuel d'Arriaga, duas outras manchas lacustres, a curta distância uma da outra, contrastam o seu adormecido silêncio com o marulhar vivo que na vizinhança escorre e as alimenta.

Em 1868 outros jardins aformoseavam a beleza natural do Vale das Furnas, que Bulhão Pato descreveu como *vasta concavidade, enorme cratera*, para onde se descia *por um atalho cortado a pique* (...). De entre eles, forasteiros vários e de distinta formação elogiaram o Parque das Murtas, que aquele poeta, naquela data, adjectivou de *bellissimo* (...) *para recreio do publico*. Percorrido pela ribeira do Fojo, foi esta aproveitada para integração de *um vasto e elegante lago*, sustentado por comporta que o enchia *ao cabo de seis horas*. Dos atrativos com que foi visto, o olhar romântico destacava-lhe a presença das *flores mais bellas, e até as mais raras* (...), *primorosamente tractadas*⁴⁰. Sobre a ribeira, a novidade de uma ponte pensil. Mais além, num esconso aproveitado daquele curso natural, a talha bojuda, suportada por figura feminina de cerâmica colorida, serviu ao jorro permanente de água captado de nascente subterrânea⁴¹.

Pequeno vale dentro do Vale das Furnas e em plena povoação, o que das Murtas nos chega ajardinada é a parte que pertenceu a Ernesto do Canto, entre as Ruas dos Moinhos e de Sant'Ana, principiada no dealbar da década de 1860 e depois acrescentada com as parcelas adquiridas a dois outros iniciais co-proprietários do terreno.

Na morfologia da sua imitação paisagística, a concessão a um eixo axial feito avenida em linha recta. Vinda dos limites murados da entrada, penetra profundamente pelo meio dos relvados arborizados, assim se destacando, assimetricamente, da área ocupada pela habitação de veraneio que, descentrada, lhe fica sobranceira.

Outros arruamentos hierarquizam-lhe o percurso. Desprendendo-se ou articulando-se como afluentes tortuosos de rio, definem-lhe tabu-

⁴⁰ Bulhão Pato, *Dos Açores, Cartas, 2ª Parte*, (...), pp. 77-78.

⁴¹ Martim Machado de Faria e Maia, "A vida operosa e meritória de Ernesto do Canto (...)", in *Insulana*, XXXV e XXXVI, pp. 65-66.

leiros relvados de irregular geometria e extensão, onde há curvas e contra-curvas em envolvências do espaço fragmentado e recoberto de copadas folhagens, aqui e além escapando-se em mais acentuados volumes (Fig. 3).

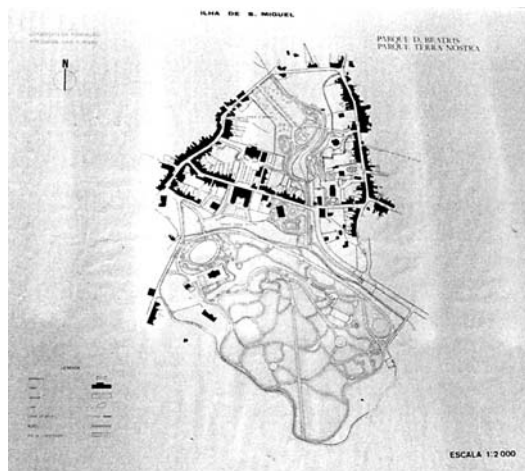


Fig. 3 - Furnas, plantas do Jardim das Murtas (em cima), no interior da povoação, e do actual Parque Terra Nostra (em baixo).

Se o parque das Murtas perde, de algum modo, a coerência de fórmula paisagística, como dois espaços de adjacente relação, o conjunto serve à dignidade do “chalet”. Encomenda parisiense de fins de 1865⁴², foi projecto da responsabilidade do arquitecto A. Hugé, da Câmara Municipal de Paris, com desenho de planta e alçados datados de *Juillet 1866*, curiosamente endereçados, por erro geográfico do autor, à *Propriété*

⁴² UA, JC, Carta de Ernesto do Canto a seu irmão José do Canto, em Paris, S. Miguel, 27-10-1865, f. 6: *Não tenha o mano a menor pressa com a planta da casa, porque é coisa que de modo algum urge (...)*. Em outra carta para o mesmo, S. Miguel, 18-12-1865, ff. 4-5, renova a afirmação anterior: *Agradeço também e muito os passos que o mano tem dado para o plano da casa, e ainda mais uma vez lhe repito que não tenha pressa / alguma, e portanto que só quando o mano não tenha outra coisa a fazer é que poderá tractar d'aquelle negocio, e mesmo assim por forma que não lhe cause quezílias ou embaraços, condição sine qua non para o favor ser completo.*

de Mr. Ernest du Canto, Ile St. Maurice (sic) aux Açores, Plan du Premier Étage, Echelle de 2.02 par 1 M.re.

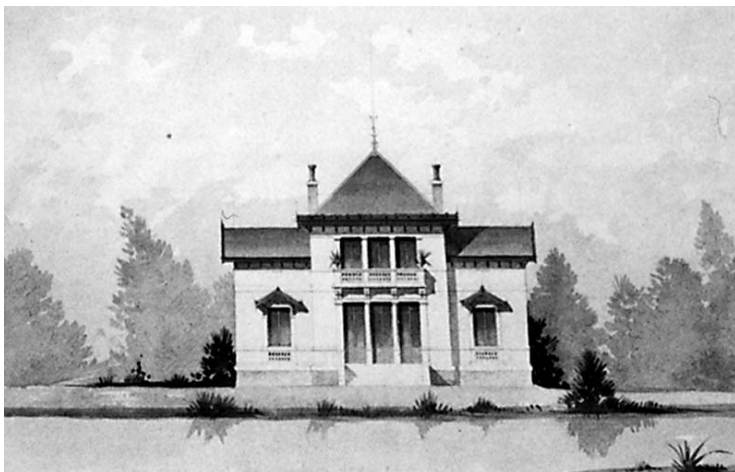


Fig. 4 - A. Hugé, desenho colorido para o “chalet” de Ernesto do Canto, no Jardim das Murtas.

Recebidos em fins de Setembro do mesmo ano — depois de preterido um primeiro risco —, a transformação introduzida agradou, no geral, ao encomendador que, todavia, manifestou reparos à fachada posterior, considerando-a *já não (...) tão bonita*, por ter *um pouco de semelhança com o risco N° 1 rejeitado (Fig. 4)*. Tal era *o tecto mui proximo das janellas e a linha da beira m - n mui longa*. Acautelando eventual susceptibilidade de Hugé, sugeriu as alterações que lhe convinham. Fundamentalmente, abertura de janela no telhado para iluminação do sótão ou *falsa*, que passaria a *um bom quarto*. Além disso, para o que entendia como maiores *defeitos*, situados no que designava por *cabeças da caza* — corpos laterais —, propunha a introdução, no andar de uma delas, de *janellas fingidas ou mesmo alguma real* e no piso inferior *uma porta, ou um nicho — para um vaso ou qualquer outra coisa, real ou sómente para vista exterior*. O que estava em causa era assegurar uma imagem mais atraente daquele lado do “chalet”, quando visto do alto das Pedras do Galego, que do norte domina a paisagem do Vale das Furnas, e simultâneamente permitir *gozar no 1° andar da bella vista das montanhas*.

Para maior evidência das desejadas modificações, Ernesto do Canto acompanhava-as de dois elementares esquemas, por si desenhados, assi-

nalando os locais de intervenção, dispendo-se, naturalmente, a novo pagamento suplementar, para além dos *100 francos* que Hugé cobrara pelos novos desenhos, objecto agora destas esperadas inovações (Doc. 2). Com elas, a visão imediata construída artificialmente ganhava amplitude panorâmica natural, sem prejuízo da intimidade familiar, o que se acorda com o conceito e encenação que informaram o discurso de William Kent atrás referido.

Só em finais daquele ano de 1866 o arquitecto parisiense havia de receber a nova comissão, a que veio a corresponder⁴³. Por isso, no parque das Murtas — o mesmo que mirtos, planta que tem associação a um modo particular de “skolion” ou “canções de mesa”, forma de lírica monódica que na Grécia arcaica teve nos poetas Alceu e Anacreonte (séculos VII-VI A.C.) dois conhecidos cultores —, o “chalet” de Ernesto do Canto terá tido início depois de 68, tanto mais que, segundo ele, tudo aquilo podia *esperar 6 ou 8 mezes sem o menor inconveniente, ou mesmo mais tempo*⁴⁴ e Bulhão Pato, na mencionada apreciação, não se lhe refere. Importa sublinhar, todavia, a anterioridade cronológica daquela casa de campo, impropriamente também dita “quiosque”, com a versão de gosto suiço goticista que na mata de Sintra foi construída para a condessa d’Edla, segunda e morganática esposa do viúvo de D. Maria II. Mas também que, enquanto encomenda e desenho de plano, antecede o “chalet” que o arquitecto inglês Thomas Henry Wyatt projectou no ano de 73 para os duques de Palmela. Edificado em Cascais, teve continuidade tipológica em outro posteriormente construído à ilharga, da autoria de José Luis Monteiro⁴⁵. O “chalet” das Murtas, na menor dimensão do seu plano, não deve, em entendimento de linguagem arquitectural àquelas realizações da primeira aristocracia

⁴³ UA, JC, Extractos de Carta de José do Canto para seus irmãos e sobrinha, Paris 10-11-1866: *Ainda não dei conta da comissão que o Ernesto me deu para o Architecto, e ainda que elle me não apressou, é do meu dever explicar, por que razão ainda não está satisfeita. (...). Mas voltando ao meu ponto, esta semana que vem é que pertendo tratar do teu negócio. Já teria visto Mr. Hugé, se elle parasse em casa, mas é preciso tomar com antecipação de dias um rendez-vous, por que elle passa todo o seu tempo no Hotel de ville, aonde é empregado. (...)*

⁴⁴ UA, JC, Carta de Ernesto do Canto a seu irmão José do Canto em Paris, 27-9-1866.

⁴⁵ Ver José-Augusto França, ob. ind., I, p. 375 e II, p. 163.

do país, com a qual, no entanto, o seu proprietário não podia competir em riqueza nem em práticas de mundana sumptuosidade (Figs. 5 e 6).



Fig. 5 - Furnas, Jardim das Murtas, “chalet” de Ernesto do Canto, fachada principal.



Fig. 6 - Furnas, Jardim das Murtas, “chalet” de Ernesto do Canto, fachada do corpo lateral norte.

Como aqueles, é produto de outra civilização. A elegância dos seus três corpos, com telhados e empenas de bico emoldurados de madeira de carvalho e franjas recortadas, suas varandas gradeadas ou já abalaustradas e “loggias” envidraçadas marcadas de colunelos esguios, também de madeira, marca o ponto de mais apurada aproximação cosmopolita de alguns “notáveis” da nova categoria de burgueses que, em viagens de negócios ou de lazer, afirmaram propósitos de actualização, no modo como lhes era possível realizá-los.

Equivalente do “chalet” de Ernesto do Canto e ainda nas Furnas, mas agora na bucólica paisagem de uma das margens da sua lagoa, é o “cottage” que o seu meio irmão José do Canto ali fez construir, por encomenda de 1864 dirigida ao arquitecto inglês David Mocatta. Retirado da actividade e apenas com ocasionais ocupações, como em Maio desse ano a integração do júri do *Grand Prix* de Paris, o arquitecto foi apenas conselheiro para a obra desejada (Docs. 3 e 4), para a qual, no entanto, realizou *quelques esquisse* (sic) que considerou muito adequados como desenhos (Doc. 5). Do acompanhamento a que se dispôs resultou a indicação de Digby Wyatt para autor dos planos, *un architecte et artiste* de sua inteira confiança, a quem não deixaria de dar assistência, começando por solicitar de José do Canto a devolução dos desenhos enviados e *des observations* que melhor o habilitassem a perceber quaisquer substituições ou *faire des alterations* (Doc. 6). A Wyatt caberia, igualmente, apresentar estimativa dos custos da construção, em função do prévio conhecimento dos materiais, preço da mão de obra e, sobretudo, da dimensão do edifício o que, em 30-5-1864, ainda não estava determinado. Nessa data, Mocatta reafirmava o contentamento em respeitar as ideias que lhe fossem transmitidas e o prazer de, em colaboração com o dito arquitecto, executar cuidadosamente *des modifications de mes esquisses que vous indiquez* (Doc. 7).

A escolha de David Mocatta tinha antecedentes vindos de 1845, com diversos trabalhos projectados para José do Canto e que a seu tempo serão referidos, adiantando-se já, todavia, ter sido um deles, em 46, exactamente os desenhos, designadamente, para *boat house* (...), *summer house* (...) and *a little seat building at the corner*, que se desejavam elegantes mas não muito dispendiosos (Doc.8). O projecto para que Digby Wyatt foi indigitado era, pois, aspiração antiga de vinte anos atrás e a localização do que o encomendador chamou de *choupana em que podêsse estar mais ao pé da Lagôa em que de*

verão era o meu grande gôsto navegar, determinara-o a adquirir terrenos a mais de uma centena de proprietários, onde fez plantar árvores utilitárias e algumas espécies ornamentais, de começo empiricamente⁴⁶. Em Janeiro de 1854, na *Propriedade denominada da Lagoa das Furnas*, com a qual confiava do lado norte *até ao caminho que vae de Vila Franca para as Furnas, e a partir desse caminho com terrenos da Lagoa secca* (...) (Doc.9), as *New Holland plants, Rhododendrons Aucubas, Cedros das Bermudas, Araucarias, Cedro do Libano, Deodora, Criptomérias, Abies Bursioniana e planta de chá*, estavam todas bem desenvolvidas, enquanto que, nomeadamente, os *liláses, louriços, freixos e Ulmus montana*, mostravam crescimento equilibrado. Contudo, algumas outras, devido ao vento e à chuva *are broke a little and the more tender much cut by the wind*. Em todo o caso e no conjunto, nada de maior a lamentar, informava George Brown, jardineiro inglês de José do Canto (Doc. 10). Estas eram espécies exóticas introduzidas numa flora que tinha representação também de *Pinho marítimo e castanheiro*.

Mas a propriedade, com suas *choupanas para abrigo dos trabalhadores*, comportava igualmente *pomar de arvores de caroço, e d'espinho, que ainda não produz[iam]; e um pequeno jardim á ingleza, que tãobem está principiado apenas*⁴⁷. Assim, a edificação do “cottage” de José do Canto e o seu “chalet” vizinho, são posteriores ao espaço ajardinado em que foram situados, tendo por pano de fundo o parque estendido pelo que antes eram terrenos estéreis.

Se a encomenda de 64 a Mocatta teve planos de Digby Wyatt, tratar-se-á, presumivelmente, do edifício cujas fachadas têm remate de empenas recortadas, acima dos telhados, em sugestão vagamente neogótica nórdica. A menos que essa construção corresponda aos desenhos encomendados em 46, de que fazia parte a mencionada *summer house*, o que aqui fica por provar. Do que se não trata, seguramente, é do “chalet” que se lhe situa próximo, o mais afastado da capela funerária de N^a S^a das Vitórias — programa de André Breton para José do Canto e esposa desenhado em 1866 e inaugurado vinte anos mais tarde —, porque esse é da autoria do arquitecto paisagista Georges Aumont, também *Architecte de Jardins e Représentant de Mr. Barillet Deschamps*, ao tempo com oficina

⁴⁶ *Cartas Particulares do Sr. José do Canto aos Srs. José Jácome Corrêa e Conde de Jácome Corrêa, (...), XXVI, 8-9-1863.*

⁴⁷ Ver documento 9 do Elenco Documental.

própria na *Rue de la Pompe, 71, Passy-Paris*⁴⁸, que o designou de *Projects maison de garde* (Fig. 7).

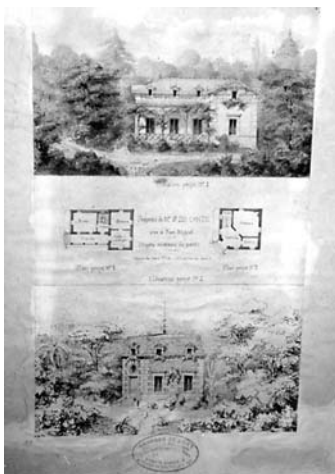


Fig. 7 - Georges Aumont, desenhos coloridos para o “chalet” de José do Canto, numa das margens da Lagoa das Furnas.

Seja como for, estas residências temporárias, juntamente com a das Murtas, são arquiteturas românticas de um saber erudito cosmopolita, tornadas emblema de um apuro sem espalhafato que, todavia, para a função, não teve continuidade qualitativa na paisagem construída das Furnas e da Ilha. Na estância de veraneio preferida, para o que contribuiu o mérito das suas águas termais de múltiplas aplicações — com edifício público para banhos iniciado em 1863 mas em 93 ainda não concluído na sua feição original, hoje transformada⁴⁹ —, as casas de verão que outros “notáveis” fizeram edificar, ficaram-se por gosto bastardo que explica um estatuto sem mais exigência de apuro.

De começos indefinidos, a mata de José do Canto nas Furnas ganhou dimensão de parque organizado, visto na década de 1890 com *a mais extraordinaria disposição e conjunto de arvoredos, de flores, de arbustos e variadíssimas plantas, onde se encontram as florestas virgens do novo mundo, e os aprimorados jardins das cidades; (...) as vegetações luxuriantes dos tropicos,*

⁴⁸ Ver Documentos do Elenco com os n^{os} 13 a 18.

⁴⁹ M. Emygdio da Silva, *A Ilha de S. Miguel em 1893* (...).

e as largas ramagens das regiões equatoriais. Na vastidão do seu espaço, havia *longos arruamentos, e caminhos misteriosos, arcarias e columnatas, ninhos e palácios de verduras.* E os elogios do observador, rendido àquela *cidade de arvedos*, cujo autor ignorava, sublinhavam, por fim, o respeito pelos *altos e baixos relevos* daquelas *architecturas assombrosas* ⁵⁰.

A descrição recolhida, com algum provável exagero encomiástico, serve, no entanto, à definição paisagística, não por via inglesa mas de procedência francesa e parisiense, de jardineiros com créditos prestigiados.

Logo em 61, o já nosso conhecido Barillet Deschamps, então *Jardinier en Chef du Bois de Boulogne, du Parc de Vincennes, des Squares et Jardins Publics de la Ville de Paris*, assinava em Outubro um dispositivo ou *Etat de plantation pour la propriété de Monsieur Jose do Canto, sise Ile St. Miguel, Archipel d'Açores*, distribuído por: *Conifères osolés* (sic) *sur les pelouses; Arbres tiges isolés sur les pelouses; Couffes feuilles Caduques pour les Massifs; Couffes à feuilles persistantes pour Massifs* e, finalmente, *Arbres tiges pour les Massifs* (Doc. 11).

Esta opção francesa fora precedida por contacto com o inglês John Morton, de que o micaelense de origem alemã Parckin Scholtz lhe anunciara de Londres, em 16-1-1856, o envio da respectiva resposta, datada do dia anterior, justificando tratar-se de *cópia da carta que acabo de receber do Morton* e não *o original porque Vossa Senhoria não entenderia por estar muito mal escripto (quasi grego)*. Acrescentava o intermediário que: *Elle deseja vir a Londres de proposito para me fallar, mas sem a resposta de Vossa Senhoria nada poderei fazer. Achava que era melhor* (sic) *eu hir a Glostershire*⁵¹ (...).

Na realidade Parkin Scholtz enviou duas cópias, com algumas variantes de interpretação, confirmando a dificuldade de ler a caligrafia do que, mais do que jardineiro, pode considerar-se engenheiro agrário ou técnico agrícola — *Agricultural Engineer by profession* —, como o próprio se definiu, e que afirmava ter *furnished the plans of all the Farm Buildings e erected agricultural Buildings on the Box system for Sir John Anson...*, com todas as estimativas e informações complementares. Desse modo, teria gosto *to make plans for you* (...). Tratar-se-ia, então, de uma herdade, com cerca de 56 acres de terra arável, vacas, touros, bois, bezerros, porcos, carneiros, ovelhas, aves de capoeira, sobre a qual avançava hipóteses de cultivo e considerações res-

⁵⁰ Visconde do Ervedal da Beira, *Narrativas Insulanas*, (...), p. 7.

⁵¹ UA, JC, Carta de Parckin Scholtz a José do Canto, em S. Miguel, Londres, 16-1-1856.

peitantes aos aparelhos a edificar, a necessidade de uma conversa directa sobre o assunto, antes de *I proceed with the plans as I would then be better able to give you the proper amount of accommodation for all objects you will require in producing and consuming the produce of the Farm* (Doc. 12).

É visível que a natureza do assunto tratado com John Morton é distinta da que levou à intervenção do arquitecto Barillet, como o próprio se designou no mencionado “Etat de plantation”, em consequência do qual veio a S. Miguel, contratado em 1864, através de Georges Aumont, por um período *não superior a seis semanas*, o técnico de jardinagem L’Ainé (sic), *un de nos meilleurs directeurs de travaux*, com o fim de se ocupar da propriedade de José do Canto nas Furnas.

Em 17 de Maio daquele ano indicavam-se-lhe as condições gerais a que o contrato obrigaria, cujo trabalho havia de ser não apenas *faire le tracé de votre parc, mais donner sur les lieux tous les renseignements nécessaires, relever, et reporter tous les plans et nivellements* que o encomendante considerasse convenientes. Aumont não tinha dúvidas em garantir-lhe o bom resultado do empreendimento, atendendo a *son extrême habitude de nos grands travaux*.

Quanto a encargos financeiros, a proposta contemplava *une somme de deux mille francs* para o ordenado e despesas várias no decurso do período acima indicado, em que ficava incluído o custo do traçado, mas não as viagens de ida e volta, também a pagar por José do Canto (Doc. 13).

Após contacto directo e aceites as obrigações, com minuta de 4 de Junho (Doc. 14) Georges Aumont confirmá-lo-ia formalmente dois dias mais tarde, referindo que *Mr. Lainé notre conducteur de travaux* era autorizado a viajar para S. Miguel a fim de, na propriedade de José do Canto, *faire le tracé du parc, établir les profils, plans, états de plantation, devis, etc, (...)*. Partiria de Paris a 8 do corrente mês de Junho — isto é, dois dias depois —, devendo regressar, o mais tardar, a 15 do próximo mês de Setembro, sob compromisso do pagamento de 2.000 francos *à payer entre nos mains et sur mes reçus*, a saber: *Quinhentos francos* no dia anterior à partida e 1.500 no dia 15 do mês de Novembro do dito ano.

Ficava igualmente confirmado o encargo de José do Canto com as despesas *de voyages/transport en chemin de fer, bateaux à vapeur, dilligences etc* em 2ª classe, assim como, desde a partida, as respeitantes a *alojamento e alimentação* até ao regresso do dito a Paris. Do mesmo modo,

os custos com instrumentos de agrimensura, escritório e correspondência obrigatória *pour ces travaux* (Doc. 15).

De acordo com o compromisso assinado e ratificado, Georges Aumont passava recibo, no dia estabelecido, dos 500 francos iniciais, *pour travaux préparatoire (sic) concernant tracé, profils, devis etc de la dite propriété* (Doc.16).

De Paris, solicitava ele para S. Miguel, em 19-7-1865, *le plaisir de mettre à disposition le montant de la note de notre convention relative au tracé d'un Plan de Parc, dans votre Propriété sise aux Açores, par le Géomètre M. Lainé (sic)*, no valor de 1868 francos e meio, em que se incluíam as despesas *du voyage de retour (...) et la nourriture* (Doc. 17), de que em 7 de Outubro acusava ter recebido *la somme de mil huit cent cinquante neuf francs* para saldo das contas até àquele dia, respeitantes a honorários e a despesas *de conducteur de travaux* (Doc. 18).

À distância de um ano, ou pouco menos, José do Canto, numa das ocasionais interrupções da permanência de anos com a família em Paris, para educação dos filhos, era convidado pelo Director do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra para a escolha e contrato *d'un Jardineiro em chef, directeur de todos os trabalhos, com uma certa experiencia e conhecimentos scientifiques*, de acordo com as características daquela instituição. A comissão era-lhe confirmada por carta de 14-7-1865 do seu conterrâneo Carlos Machado, médico de formação com prolongada estada na cidade universitária do país, após o que, regressado à Ilha, foi professor de História Natural no Liceu de Ponta Delgada, também seu reitor e Comissário de estudos, onde fundou o Museu, que teve começo de organização em 1876 e inauguração em 80, no decurso das comemorações micaelenses do 3º centenário da morte de Camões. Nessa fase inicial das suas colecções científicas, intitulado de Museu Açoriano, passou em 1914 à designação oficial do nome do seu criador, falecido a 23-4-1900, quando já acrescido de um sector etnográfico e de outro dedicado às artes visuais, naquele ano em embrião.

Carlos Machado, respondendo a pedido de informações do mês anterior, elucidava José do Canto de condições básicas que melhor o orientassem na tarefa. Dentre elas, a preferência por um inglês, mas *que se estimaría (...) fallasse francez*, a contratar *por 4 annos*, com honorários *de 500 a 800\$000 rês*, sem direito a *casa paga*. Sublinhava, no entanto, a liberdade de proceder *como melhor julgar em harmonia com o fim* desejado, acrescentando a decisão de o Director do Jardim *escrever ao Dr. Antonio Augusto da Costa*

Simões, membro da faculdade de Medecina, que em Paris frequentava diversos cursos, pedindo-lhe se dirija a casa de V. Ex^a para combinarem e desfazerem qualquer duvida que haja a tal respeito, (...) (Doc. 19).

Credenciado oficialmente pelo responsável por aquela instituição científica, Professor Henrique de Bento d’Almeida, *devidamente autorizado* pelo Conselho da Universidade, José do Canto subscreveu contrato com *Mr. Edmond Goëze, allemand, demeurant au jardin botanique de Kew, en Angleterre (...)*, segundo condições distribuídas por 12 artigos. No essencial, estipulava-se que o contratado *sera sous l’immédiate et exclusive direction de Mr. le Directeur que l’Université met à la tête du Jardin botanique, duquel il recevra les instructions nécessaires (...)* (1º). Inventariação imediata de *tout le materiel existant*, se possível com determinação das *plantes et graines* (2º). No regulamento do jardim, *les fonctions du Jardinier en chef* consignar-se-iam, circunstanciadamente, em anexo, tanto como o regime de trabalho do pessoal em serviço, o qual ficaria *sous les ordres* de Goëze, o mesmo se entendendo *pour les heures de travail des ouvriers, l’admission des visiteurs, les conditions de vente, achat et d’échange etc* (3º). Enquanto não estivessem pormenorizadas aquelas funções, assentava-se que elas, na generalidade, consistiriam em dirigir e supervisionar todos os trabalhos hortícolas e botânicos do jardim, ou seja, quanto respeitasse ao cultivo, conservação e propagação *des plantes de serre et de pleine terre*, bem assim como na colheita e conservação de sementes, nos trabalhos de etiquetagem e de rigorosa nomenclatura das espécies *qui lui seront confiées dans la production des exemplaires qui seront réclamés*, com vista ao estudo da Escola de Botânica.

A formação e actividade profissional de Goëze melhor se esclarece no artigo 6º. Diferentemente dos nossos já conhecidos Lainé e Georges Aumont, ele não era *Jardinier paysagiste* ou *Jardinier Architecte*. Por isso, precisava-se que, em Coimbra, não lhe caberia *donner les plans, ni de diriger l’exécution des travaux qui se feront et pourront se faire*, embora fosse previsível a sua realização *pour l’agrandissement ou l’embellissement du jardin actuel (...)*.

No demais articulado determinava-se o ordenado anual — 4.000 francos — pagos em duodécimos *au dernier jour ou au premier jour de chaque mois (...)*, a contar do dia de chegada a Lisboa ou a Coimbra, concedendo-se-lhe, afinal, *alojamento gratuito* e outras facilidades (7º).

A partida de Londres seria logo que, após o fim de Junho de 1866, houvesse vapor (8º), com despesas pagas, incluindo transporte terrestre até Coimbra (9º).

Prevenia-se rescisão do acordo, com pré-aviso de seis meses, a pedido de qualquer das partes, se *un desaccord inconciliable survenait entre Mr. le Directeur du jardin botanique et le dit Edmond Goëze, ou une autre incompatibilité quelconque et insurmontable* (10º). Se, neste caso, a iniciativa partisse da entidade empregadora, a notificação conteria, obrigatoriamente, a assinatura do Director e nota de aprovação do *Conseil de l'Université*, cabendo ao despedido direito a receber o correspondente ao custo *de voyage pour son retour à Londres et ce par la voie la plus directe*, ressalvando-se, porém, decisão partindo de Goëze (11º) (Doc. 20).

Em Julho de 66 o floricultor alemão já estava em funções no Jardim Botânico de Coimbra, onde era apreciado o seu comportamento, mostrando-se *todos mui satisfeitos, pois que alem de nos parecer um excellente moço, é muito trabalhador e no pouco que já aparece feito, revela bem intelligencia, saber e gosto*.

Sendo a estufa extremamente carente de *plantas, que a devem ornar*, impunha-se a sua urgente obtenção, pelo que, a conselho de António Borges, antes do seu regresso a S. Miguel, e depois de o Director ter recebido de José do Canto, considerado o possuidor da *mais rica collecção* dos Açores, *expontaneamente um offerecimento, por que tanto anhelavamos*, fora decidido *mandar já Mr. Goëze no paquete de 15 d'Agosto proximo*. Para Coimbra, o benefício era duplo, porque o seu jardineiro-chefe podia realizar *o estudo mesmo das estufas em S. Miguel, afim de elle poder observar as condições caloríferas que é necessário dar às nossas (...)* (Doc. 21).

A confiança depositada em José do Canto, para escolha e representação das autoridades académicas portuguesas no contrato referido, vale como reconhecimento nacional dos seus interesses e competência de botânico amador, que de há muito tinha ligações directas com os principais jardins e viveiristas europeus e correspondência contínua com especialistas das mais diversas partes do mundo.

O seu contributo, como confidenciou de Paris ao seu amigo e cor-religionário naqueles interesses, José Jácome Correia, ocupara-o *todo este hinverno* [1866], acrescentando, pitorescamente, que lhe dera *agoa pela barba*. Não ignorando que o Jardim Botânico de Coimbra era *pobrissimo de plantas* e estando próxima a chegada a S. Miguel do seu chefe de jardinagem, pedia-lhe o concurso na oferta *desses exemplares de todas as plantas de que tiveres maior abundancia*. O mesmo pediria ao irmão Ernesto do Canto e, no seu caso pessoal, o seu jardineiro receberia ordens

nesse sentido. Quanto a António Borges, *author da lembrança*, não deixaria de o fazer. Na circunstância, os *Amadôres de plantas Michaelenses* prestariam *um serviço publico, e nacional*⁵².

A estada de Edmond Goëze na Ilha foi, de facto, pródiga de ofertas — acima de 800 espécies, estimadas em mais de 2.500\$000 réis. Com elas, o Jardim Botânico de Coimbra conheceu o impulso de desenvolvimento que aos estudos universitários fazia falta, com público agradecimento e louvor constante de portaria do Governo, lida em 6-2-1867 na Universidade, reunida em Conselho⁵³.

E, no entanto, aquele ano começara mal para os jardins daqueles beneméritos em Ponta Delgada.

No mês de Janeiro o inverno ainda não se fizera sentir de modo evidente. As palmeiras *muito boas e vegetando bem*, tal como as plantas chegadas no ano anterior, de que até algumas *estavam mesmo em flor*; a *grevilia longiflora* *tãobem* (...) *carregada de flores*, prometendo vir a *tornar-se um bonito arbusto*; bem crescidas *de 2 e mais palmos de altura* outras plantas, e a *dryandra unica* (...) *muito bonita*. As sementes da *auracaria* (sic) *escelsa* (sic) é que estavam *todas chouchas*, como informava para Paris Ernesto do Canto a respeito do jardim do irmão, sugerindo-lhe a vantagem de *alguns socalcos* (...) *para assim terem boa base os fetos arboreos que mais tarde precisam de grande espaço para produzirem o effeito desejado*. Quanto à sua quinta dos Prestes — arredores de Ponta Delgada — estivera a *riscar e alterar o jardim defronte da casa, que com os seus dois grandes tableiros só podia servir para hortaliças e não para flores* e onde o *tanque novo* já estava *prompto e quazi cheio*. Segundo o ele, José Jácome tinha a sua *cookii com pinhas e muitas e posto que ainda pequenas parecem* (sic) *haver de duas formas diversas o que dá algumas esperanças*⁵⁴.

Diferente foi a situação de Fevereiro até meados do mês seguinte. Foram *33 dias de vento de quadrante Norte acompanhado de torrentes de chuva*, mais um bom par de dias de granizo, precedendo *40 horas de um temporal desabrido*. A temperatura baixou a *2 graus* e o vento *soprou sempre com força havendo bocados de 50 kilometros por hora*, começando a amai-

⁵² *Cartas Particulares* (...), XXXIV, Pariz, 9-8-1866, pp. 172-173.

⁵³ Gabriel d’Almeida, *Diccionario Histórico-Geográfico dos Açores* (...), pp. 164-168.

⁵⁴ UA, JA, Carta de Ernesto do Canto a seu irmão José do Canto, em Paris, S. Miguel, 4-2-1866.

nar a 16 de Março até que, passados mais 8 dias mudou-se para o oeste. No fim do mês mantinha-se nesse quadrante *quente e humido*, possibilitando a muitas plantas mostrarem já *um aspecto mais agradável*. Enfim, para José Jácome Correia neste relato para José do Canto, as plantas de ambos tinham levado *uma coça de respeito*, de que se não lembrava *desde que [tinha] plantas*, ainda que em diferente escala. As do amigo *sofrerão mas não tanto* como as dele, concluindo que António Borges era *o menos queixoso de nós tres*⁵⁵. Palmeiras e *Garcinias, principalmente a Australis*, tinham resistido ao vento, assim como as mangas⁵⁶, que *pouco sofrerão, menos ainda os Chrysophyllum* e as *Eugenias*, pelas quais, aliás, ele *mais receava*, ao passo que *outras muitas que (...) julgava mais robustas, ficarão em arvore seca*⁵⁷.

Pior, porém, para jardins e pomares, foi a situação no ano seguinte de 1867. Logo nos primeiros dias de Janeiro — 3 e 4 —, relatou José Jácome Correia a José do Canto — *mais um temporal(...), reputando-o o mais violento que temos tido nestes ultimos 30 annos (...)*. Ventos tempestuosos, com rajadas que oscilaram entre *85 kilometros por hora* e, ao que lhe pareceu, ultrapassando os 100 *durate* (sic) *umas 3 a 4 horas*, ou seja, das *8 1/2 às 12h40*, com o barómetro registando instabilidade atmosférica até ao dia 6.

Nos jardins de ambos, as *plantas tiveram uma cresta, como me não recordo de haverem sofrido*, continuou o nosso relator, porque *o vento começou S.O. e acabou N.O.*. É certo que, na sua área ornamental, isto é, *abaixo da casa, o prejuizo não foi muito grande*. *Mas na quinta arrancou, também, e queimou tudo o que não estava perfeitamente abrigado*.

A invernía foi prolongada porque, retomando o relato interrompido, informa: *Depois (sic) de te ter escripto em 16, continuamos sempre com ventanias desabridas, chegando o vento a ter uma velocidade de 80 kilometros por braça, durante horas, no dia 27 é que o barometro subio, e estes dias tem estado bons*. Por isso, seria fácil ao amigo imaginar *como devem estar as nossas pobres plantas, e os estragos de toda a sorte que sofremos*. Em todo o caso, acrescentava, que se o jardim de José do Canto *sofreo, mas não tanto como o meu, de nós 3 o A. Borges [foi] quem sofreo mais* ao contrário do que acontecera no ano anterior. No seu caso pessoal,

⁵⁵ UA, JC, Carta de José Jácome Correia a José do Canto em Paris, Ponta Delgada, 30-3-1866.

⁵⁶ UA, JC, ib..

⁵⁷ UA, JC, ib..

o maior prejuízo *forão as plantas novas* porque era *rara a que não* [tinha] *um tutor ao pé*⁵⁸.

O início destes jardins de Ponta Delgada que, vimos, integravam área de quinta e estufas para aclimação de sementes e plantas, mas também de ananáses no de José do Canto, situa-se nos começos da década de 1840, por adesão ao gosto de espécies exóticas, o que, *em vinte annos representa[ava] uma grossa somma*, (...), confidenciava José do Canto àquele seu amigo, em Setembro de 1863⁵⁹.

Efectivamente, nos começos do verão de 1845 ele informava de Paris ao irmão Ernesto que:

O meu jardineiro está quasi arranjado, falta que eu volte para Londres para ultimar o contracto. O escolhido estava trabalhando em caza do Osborn, e foi recommendado por elles (sic) [;] se fôr o que dizem não será mau, mas n'estas cousas a vista é que desengana.

Três ordens de razões determinaram a preferência por um inglês: *pela facilidade das communicações com a Inglaterra, porque são mais serios e porque os jardins francezes não dão pela sóla do pé aos Inglezes*⁶⁰ (...).

O comércio marítimo de S. Miguel, através do porto de Ponta Delgada, era realidade várias vezes secular, como, por via dele, a presença duma colónia de mercadores britânicos, com cônsul próprio desde o século XVI. Diversificado, a exportação de laranja, iniciada em 1751 para o porto irlandês de Cork, intensificou-se ao longo de grande parte do século XIX, tendo Londres, Bristol, Liverpool e Hull como mercados principais, até ao seu declínio na década de 1880⁶¹.

Apesar dos inconvenientes decorrentes de alguma irregularidade dos calendários de partida e chegada, das condições climatéricas nem sempre favoráveis — com as inerentes demoras e consequentes perigos para a boa qualidade do produto —, a via marítima foi a mais favorável e rápida, tanto mais que, por terra e a partir de Lisboa, só com a inaugura-

⁵⁸ UA, JC, Carta de José Jácome Correia a José do Canto, em Paris, Ponta Delgada, 16 e 29-1-1867.

⁵⁹ *Cartas Particulares* (...), XXVI, Pariz, 8-9-1863.

⁶⁰ UA, JC, [3931-c], Carta de José do Canto a seu irmão Ernesto do Canto, Paris, 22-6-1845.

⁶¹ Ver Nestor de Sousa, *A Architectura Religiosa de Ponta Delgada* (...), Introdução, pp. 21-25; id., “Sinais de presença britânica na vida açoreana (...)”, pp. 32-70 e Apenso Documental, Docs. 1 a 26.

ção em 17-11-1866 do *Caminho de ferro de Mérida a Badajoz, a unica secção que interrompia o serviço entre Pariz e Lisboa* — a comunicação foi facilitada. Era, pois, admissível então, que a correspondência da capital francesa para Ponta Delgada e vice-versa, viesse a *menos umas 30 horas (...)*. Este avanço significaria a possibilidade de contactos *em 7 ou 8 dias, conforme fôr a viagem dos vapores*. A diferença era, assim, considerável, mal grado aqueles progressos resultarem *aos bocadinhos*⁶².

Quanto ao elogio da jardinagem e dos jardineiros ingleses, merece esclarecimento, porquanto o que José do Canto tinha em consideração era a horticultura e a botânica, não a composição morfológica do espaço, no sentido paisagístico e pitoresco. É o que ressalta dos requisitos prévios por ele estabelecidos e cuidadosamente particularizados. No essencial e em resumo, pretendia um jardineiro *para plantar um predio, segundo o plano que se lher para o que se lhe fornecirão os necessarios meios*. Indicava-se a localização da propriedade na *cidade principal* da ilha de S. Miguel — Ponta Delgada —, e que a plantação era *simplesmente de arbustos e flores — arvores de fructo não forçadas, e o que os inglezes chamão — pleasure grounds* —, ou seja, parque de recreio.

Para além disso, o jardineiro teria a seu cargo abastecer a residência familiar da variedade de hortaliças cultivadas, mas também a *conservação e augmento* do terreno plantado, *bem como a cultura da horta*. Neste sentido, ser-lhe-iam atribuídos *sempre os homens que extraordinariamente carecer*. Dadas as condições, José do Canto entendia *muito conveniente* conhecimentos básicos de Botânica e *noções geraes da Agricultura aperfeiçoada da Grã-Bretanha — não para a praticar, mas para dar algumas informações*. Com esta última cláusula prevenia uma formação, ainda que rudimentar, a fornecer aos trabalhadores auxiliares do jardineiro, de modo a não ficar desamparado, porventura, se o contrato *por 3 annos, passível de renovação por mais, se convier as partes contractantes*, não resultasse.

Os restantes termos regulavam outras obrigações e deveres mútuos, designadamente o recurso a arbitragem do cônsul e de mais um membro da comunidade inglesa, certificados de habilitações e fianças, uma das quais, da parte do jardineiro, obrigatoriamente dos responsáveis pela instituição onde até aí trabalhava, *Whileley & Osborne*.

⁶² UA, JC, Carta de José do Canto a seus irmãos e sobrinha, Paris, 10-11-1866.

À semelhança da contratação de Goëze, o embarque em Londres para Ponta Delgada ficava consignado *impreterivelmente de 15 de Julho ao fim de Agosto* daquele ano, com ordenado desde o respectivo dia, acrescentando-lhe gratificação pelos dias dispendidos na *compra d’algumas sementes, plantas, e instrumentos*, tidos por necessários.

Finalmente, previa-se que, por inexistência de *outro jardineiro na Ilha, se alguém requerer os seus serviços, dispensando-o o Proprietario, qualquer gratificação que elles mereção pertencerá ao Jardineiro*. (Doc. 22)

O contrato, estabelecido no verão de 1846, provavelmente nos princípios de Agosto, recaiu em George Brown, que a 14 desse mês assinava em Londres ter recebido *INew Wheel Harrow and Wheel Complete* de H. Mercer, que custara £ 1.7.0⁶³.

Três anos e três meses ao serviço de José do Canto mereceram referência de não ter sido *uma só vez menos activo, probó, ou intelligente*, reforçada com as afirmações de *regularissimo no seu trabalho, perfeitamente bem educado*, sem que lhe fosse conhecido *o menor vicio*. À honestidade de comportamento e delicadeza de trato, aliava-se ter-se manifestado um homem muito religioso e, por tudo isto, entre ambos não ter havido *nunca a menor desintelligencia*.

A certificação do comportamento, qualidades e competências de Brown, era da espontânea iniciativa do seu patrão, que afirmava tê-lo considerado *sempre antes como um Amigo do que como um jardineiro (...), estando certo que o seu novo Employer (sic), sendo um Cavalheiro rasoavel*, não deixaria de ter oportunidade de verificar a verdade do que atestava.

Do reconhecimento do trabalho executado para José do Canto em Ponta Delgada, parece de admitir que a actividade desse seu primeiro jardineiro inglês ultrapassara o inicialmente previsto, porque ele estivera ocupado *na composição d’um jardim, cuja construção offerecia muitas difficuldades*, perante as quais demonstrara *perfeito conhecimento da sua arte, e uma practica mui superior*. E isto, não só pelo que respeitara à *elevação de planos, nivelamentos, e propagação de plantas*, como igualmente *em todos os mais ramos de jardinagem, taes como a producção de hortaliças, tratamento de arvores fructiferas, de flores e estufas* (Doc. 23).

⁶³ UA, JC, Nota de despesa assinada por George Brown, como tendo recebido a quantia indicada.

Em Novembro de 1849, o jardim organizado por George Brown estava concluído na sua fase original, de tripla funcionalidade (Doc. 23a). Faltava-lhe apenas o lago, cuja escavação, no entanto, estava a ser dirigida pelo seu substituto e compatriota, de nome Wallace, que desenhara, também, a estufa de ananases. Para outra destinada a plantas, assim como o curral de porcos, o arquitecto David Mocatta fizera os respectivos planos. Em volta do terreno tinham sido levantados muros de delimitação e a rega estava garantida por conduta de água e reservatório. Ao cabo de dois ou três meses, previa-se a conclusão do estábulo.

No ano anterior, a 17 de Julho, José do Canto recebera daquele arquitecto *all the remaining drawings and details you have forwarded me*. Tratava-se de residência encomendada. Nesse programa palaciano — que o encomendante considerava não poder construir de imediato, *because the workmen here are very slow, and also because my means are not sufficient* para um edifício tão grande *as you have given me the plans* — Mocatta propusera um jardim no espaço fronteiro à sala de jantar e entre esta e a estufa de plantas, o qual *must be the better and must in the lake on account of their conspicuous plan, and by being the only spot particularly devoted to flower ground is now level, ready to sow in gap, and your work oblige me very much* (...) (Doc. 24).

Durante a estada de Brown na Inglaterra, sem ideias definidas para o futuro, encontramos-lo cumprindo diligências várias por incumbência de José do Canto, nomeadamente escolha de plantas e flores, com liberdade para alterar a lista que levava; mas também buscando informações sobre materiais de ferro fundido para canalização e esclarecendo o arquitecto Mocatta sobre pormenores do jardim de que fora responsável.

Relativamente àqueles, confessava ter tido *great difficulty in getting the information required for the Iron founders*, receando que os elementos conseguidos, particularmente *for the jet*, não conviessem devido ao preço elevado. No respeitante à selecção de espécies botânicas, esperava aquiescência e que satisfizesse igualmente ao mencionado novo jardineiro, o dito Wallace (Doc. 25).

Entre as instruções recebidas, a urgência de remeter *as sementes, Ananazes, flores e instrumentos* indicados nas respectivas notas. Para outras aquisições disporia de 50 libras, a empregar em *todas aquellas que á vista lhe parecerem bonitas, proprias para o nosso clima, e não excessivamente caras*, devendo ter em conta que *antes muitas plantas, do que poucas e novissimas*, porque quase todas eram desconhecidas na ilha. No caso de *plantas delica-*

das, deveriam ser embarcadas em estufa própria e, quanto a *canos de ferro, torneiras* etc, despachá-los-ia em navio cargueiro, através do corretor de José do Canto, com referências ao fundidor ou fabricante e esclarecimentos sobre o modo de os articular. Trataria igualmente do ajuste prévio de *quatro columnas para estufa*, segundo as dimensões que levava. Como gratificação destas tarefas, eram-lhe atribuídas 20 libras (Doc. 26).

A permanência inglesa de George Brown foi, afinal, apenas um parêntesis. Regressado a S. Miguel com família constituída, radicou-se na ilha definitivamente, continuando a exercer por alguns anos a profissão de jardineiro, que trocava pela de hoteleiro até à sua morte, em Janeiro de 1881, aos 68 anos⁶⁴.

Novamente ao serviço de José do Canto, o morgado José Caetano dizia ao filho para Paris, em 21-11-1853, que:

⁶⁴ António Augusto Riley da Motta, *Das Colónias estrangeiras em S. Miguel (...)*, p. 35; informa ter George Brown sido testemunha do casamento de um compatriota viúvo com outra compatriota, também viúva, realizado na capela anglicana de S. Jorge, anexa ao cemitério inglês de Ponta Delgada. Chamavam-se, respectivamente, William Smawfield e Jane Foster. Celebrou o reverendo William Holt Brand. A pp. 41-42 pode ler-se que, na mesma capela, foi batizado em 4-4-1853, pelo dito capelão, um filho de George Brown e de sua mulher Sarah, a quem foi posto o nome de *George Everet*. Em 21-7-1855, uma filha do casal foi batizada com o nome de *Sophia*. Neste registo, George Brown é indicado com a profissão de *Jardineiro*, enquanto que no anterior, certamente por lapso, consta ser *Comerciante*. No mesmo templo e pelo mesmo capelão, foi batizado, em 8-8-1857, um filho do casal com o nome de *Ernst* (sic), figurando o pai com a profissão de jardineiro. Ainda ali, em 1-2-1860, o dito eclesiástico batizou outro filho, registado com o nome de *Walter Henry*, sendo George Brown apresentado com a dita profissão. Nesta relação, que vai até 22-9-1901, o último registo em que aparecem os nomes do casal respeita ao batizado de sua filha *Caroline Mary*, em 13-4-1861. Na p. 35, Sarah Brown, entre outros ingleses, consta como testemunha de casamento de Charles Francis Manning, solteiro, natural de Ponta Delgada, com Mary Ann Lucy Perone, sem registo de naturalidade nem de estado. O celebrante foi o referido capelão. A p. 45 consta o registo de óbito de *George Everet Brown, residente em Ponta Delgada*, falecido em Junho de 1861, com 8 anos. No mês de Julho desse ano, também morreu, aos três meses de idade, a mencionada Caroline Mary Brown. Ernest Brown faleceu em Ponta Delgada em Fevereiro de 1936, com 78 anos. Quanto a sua irmã Sophia, o respectivo registo de óbito tem data de Julho de 1942, com a idade de 87 anos. Nesta relação de óbitos consta, antes de George Everet, o falecimento de: *Emma Giorgiana Brown*, residente em Ponta Delgada, com data de Maio de 1861, aos 10 anos de idade. Deveria ser a primogénita, provavelmente nascida e batizada em Inglaterra, pelo ano de 1851. George Brown faleceu em Ponta Delgada em Janeiro de 1881, aos 68 anos de idade. Sua mulher Sarah Brown, tem registo de falecimento datado de Fevereiro de 1905, com 86 anos. Quer dizer, o antigo jardineiro de José do Canto, depois hoteleiro, terá nascido pelo ano de 1813 e sua mulher cerca de 1819.

O Jorge está começando a nivelar o tanque pela parte que fica contigua ao jardim, ou para dizer melhor pelo Oeste, ao mesmo tempo que estavam entulhando com pedra, e nivelando a rua, que fica ao pé do paredão, que se estava fazendo quando sahiste para Londres ⁶⁵, a qual rua estava quase completa pois estava proxima da porta que sobe para sima (sic). Aproveitava ainda, nesse quase fim de Outono, para dizer *que as relvas em parte estão feitas, mas o Jorge diz que hande rebentar* e que já tinha as 20 plantas novas das sementes da Australia, e Demoravia (sic), das Figueiras que mandastes (sic) de Londres da Australia já tem um figuinho, e de uma pequenina laranjeira que também mandastes, também ja tem quatro mergulhões. Terminava o relato a notícia de *que de 100 plantas que mandastes tens 80 vivas* ⁶⁶.

Informativa, igualmente, da geografia dos produtos cultivados e da sua qualidade, é outra referência de meses antes, segundo a qual:

O Mestre Jorge tem-me mandado varios Nanazes (sic), e mandou-me uma melancia das sementes do Cabo da Boa Esperança, que tinha 16 Libras de pezo, e 3 palmos d'ôlho a ôlho, e de sirconferência (sic) 3 1/2 palmos ⁶⁷.

O discurso do velho morgado, antigo anfitrião do duque de Bragança — imperador-rei sem coroas —, que em Ponta Delgada teve a última corte e último governo da sua Regência nos Açores, antes da conquista do trono de D. Maria II⁶⁸ —, é de letras um tanto ou quanto gordas, o que nos serve

⁶⁵ Carta do morgado José Caetano a seus filhos Ernesto e Eugénio, em Lisboa, S. Miguel, 16-4-1853, in *Insulana*, XXI (...), 1965, p. 113, segundo a qual, no dia 9-4-1853, José do Canto e família embarcaram em Ponta Delgada para Londres, a fim de seguirem com destino a Paris e, aí, *consultar um medico de fama seu conhecido*, por doença da esposa. Com a família seguiam *duas criadas*. Em outra carta para o mesmos, datada de 7-7-1853, in *Insulana*, ib., p. 119, José Caetano refere que a viagem Ponta Delgada-Londres durara 15 dias, ou seja, de 9-4-1853 a 23 do mesmo mês, e que os ditos partiram desta última cidade para Paris a 1 de Julho do mesmo ano. Segundo um médico, entretanto consultado em Londres, a doença de Maria Guilhermina era *debelidade* (sic) e *nervos*. O médico de Paris foi o Dr. Rochard (Jules-Eugène Rochard), membro da Academia de Medicina e Inspector Geral de Saúde, falecido em Versalhes em 1896. De acordo com as notícias enviadas ao pai, José do Canto refere que na capital da França, depois de ouvido o dito médico, decidiria *dos seus destinos* (...), *isto é, viajar, ou ficar por ali*.

⁶⁶ UA, JC, Carta do morgado José Caetano a José do Canto, residente em Paris, na Rue d'Enfer, 119, datada de S. Miguel, 21-11-1853.

⁶⁷ UA, JC, Carta do morgado José Caetano a José do Canto, em Paris, S. Miguel, 12-9-1853.

⁶⁸ Ver Nestor de Sousa, *O Palacete Porto Formoso* (...), pp. 7-11.

de indicador da instrução e cultura literária conhecidas pela sua geração, possíveis de verificar em outros seus pares, mesmo quando decorados com bacharelatos por Coimbra ou titulados de barões e viscondes.

Em Outubro daquele ano, por três caixas de plantas de uma lista de encomendas, *Osborn & Sons*, da *Fulham Nursery*, indicavam ter inscrito na conta de José do Canto a despesa de £ 3.18.5, ficando a aguardar do seu corretor *the expenses on the 2 cases of Plants received from Hamburg viâ (sic) Havre*, para além de outra planta *arrived in good condition, not so those from Paris*. Estas aquisições seriam despachadas para S. Miguel *without delay*, tanto mais que, no início da semana seguinte, partiria de Londres um navio para a Ilha, *there will be several more shortly* (Doc. 27).

Encomendas e notícias foram seguidas de curta presença de José do Canto em Inglaterra, no mês de Junho de 1854, ido de Paris. No itinerário realizado, o combóio leva-o de Londres *a Clapton [a] vêr um jardineiro meu conhecido, aonde achei ainda algumas plantas desconhecidas*⁶⁹. No dia imediato vai *a Chelsea a casa d'um celebre Mr. Veitel que tem uma afamada collecção de plantas e, daí, na sua vizinhança a casa de um Mr. Weecks que tãobem tem plantas mas em grande confusão e sem nomes*⁷⁰.

Para o tanque em preparação nos finais de 53, aproveita a oportunidade para encomendar ao já muito referido architecto Mocatta *o risco da fonte ou repuxo para o meio da relva de Sta. Anna*⁷¹.

A proveniência das espécies adquiridas, aclimatadas e plantadas que vimos dando a perceber, feita de compras em jardins botânicos e viveiristas europeus, alcançou, todavia, um circuito bem mais amplo de internacionalização e intercontinentalidade, onde cabem trocas de exemplares e de informações. Neste sentido, a actividade desenvolvida por José do Canto melhor fundamenta o mencionado recurso aos seus préstimos pelo Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e o reconhecimento da importância das suas colecções. Tomá-lo-emos, pois, como paradigma do interesse partilhado por outros conterrâneos, de alguns dos quais por vezes foi intermediário (Doc. 28).

Ainda no âmbito da Europa e no período de tempo acabado de registar, o Horto Imperial de Versalhes, da *École impériale d'Agriculture*

⁶⁹ UA, JC, Carta do José do Canto a sua esposa, em Paris, Londres, 15-6-1854.

⁷⁰ UA, JC, Carta de José do Canto a sua esposa, em Paris, Londres, 16-6-1854.

⁷¹ UA, JC, Carta de José do Canto a sua esposa, em Paris, Londres, 15-6-1854.

de Grignon — organismo tutelado pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas —, aceitava, em 1854, estabelecer permuta de *une douzaine de petit Conifère ou une quinzaine*, segundo lista previamente elaborada e no valor de 50 francos —, existentes no viveiro de um hortelão, em Versalhes, por plantas *Bambusa, Et Psidium (...)* (Doc. 29).

Em Dezembro de 55, mais uma vez a “Fulham Nursery”, de *Osborn & Son*, anunciava-lhe de Londres a remessa, pelo navio *Slater Rebow*, dos *Rhododendros e outros artigos que nos fez o favor de pedir*, assim como *uma lista de todas as Coníferas que possuímos [e] que criámos de semente* (Doc. 30).

De Lisboa, em Março de 57, quando o marquês de Sá da Bandeira era ministro da Marinha e Obras Públicas, no governo “histórico” presidido pelo futuro duque de Loulé — antigos liberais que haviam estado em S. Miguel com a regência constitucional⁷² —, era informado de um relatório que um tal Dr. Welwitsch, residente *no sertão d’Angola no Golungo-alto*, havia dirigido ao governante *sobre diversos productos d’aquelle districto*, de que ali tinha, *e em Loanda, reservados bastantes e variadas collecções d’elles*.

Pelo mesmo correspondente ficava a saber de *uma bella collecção de roseiras* comprada em Paris por *Jacob Weiss, jardineiro do Duque de Palmella*, que havia recebido nos fins de Novembro do ano anterior, assim como *em Janeiro e Fevereiro do corrente, algumas plantas de Cedrus Libani e atlantica e outras arvores florestaes para a Matta do Bussaco*. De momento, acrescentava, interessava-lhe *algumas informações sobre a vegetação das conífens em geral nessa Ilha*, manifestando o seu louvor e admiração pelo *utilissimo empenho* com que José do Canto vinha *introduzindo essa imensidade d’especies para augmentar as ja ricas collecções de plantas que possui*⁷³.

Neste movimento de manutenção e desenvolvimento, que foi processo de longa duração possível de documentar até quase ao fim da sua vida (20-12-1820 a 10-7-1898), a Inglaterra permaneceu fonte privilegiada de fornecimento.

Em 6-2-1864 o navio “Kate” trazia de Londres para Ponta Delgada, no valor de 58 libras, incluindo frete e despacho, *8 Busheis de semente d’Erva e Hydrocoliphe Asiatica* (Doc. 31). No ano seguinte, a 26 de Outubro, o *Kew Gardens* enviava *3 of the plants named in your list of desiderata* (Doc. 32) e,

⁷² Ver Nestor de Sousa, *O Palacete Porto Formoso (...)*, pp. 7-11.

⁷³ UA, JC, Carta a José do Canto (incompleta), tarjada de luto, Lisboa, 21-3-1857.

no fim desse mês, José do Canto recebia em Paris carta procedente de Lisboa, em que se lhe anunciava a chegada *de Londres de tres caixas com plantas que seguirão para S. Miguel em 15 do corrente no vapor Leal*⁷⁴. Quase a findar o ano de 65, James Veitch, da “Royal Exotic Nursery”, sita na “Kings Road”, em Chelsea, confirmava-lhe ter recebido a lista dos Fetos pedidos em 19 de Dezembro, a qual, todavia, não podia satisfazer inteiramente, nomeando as variedades disponíveis. *The other Ferns you enumerate are with me very scarce and beside my large plants I have none saleable*. Não obstante, ficava com a esperança do cliente poder encontrar no seu catálogo *any other plants* que, com as por ele nomeadas, perfizessem uma caixa (Doc. 33).

No inverno, porém, alguns precalços houve que suportar. O mau tempo nem sempre assegurava a regularidade das embarcações, originando confusões na informação de chegadas e partidas. De uma dessas circunstâncias, *Peter Lawson & Son & William Baxter Smith* deram conta a 14-12-1865. Informados que o “Maria Pia” largaria breve de Londres, procederam urgentemente à compra das plantas solicitadas, enviando-as *para a Doca para serem despachadas*, ficando a firma “Mc Andrew” — agente de José do Canto —, de tratar dos restantes trâmites. Mas por que a comunicação sobre aquele navio não se confirmou, a encomenda só pôde seguir dez dias mais tarde, isto é, a 16 de Dezembro (Doc. 34).

Entretanto, a diversificação de outras fontes ganhou dimensão.

George Brandt, micaelense de origem britânica, em 15-10-1864 remetia do Funchal ao seu amigo Canto *um Barbusano e uma Gunera Seabra*, que estava convencido seria de fácil aclimação em S. Miguel, assim acrescentando *as duas madeiras de que o meu amigo levou exemplares [e que] erão o “Piorno” ou Genista Virigata — e “Marmolano” — ou Cidroxilon marmolano — ambas peculiares da Madeira*⁷⁵.

De Ponta Delgada informavam-no para a sua residência parisiense, em 28-10-1865, que *O nosso amigo do Pará — Placido Caetano Borges e Silva, natural da villa da Lagoa, já fez ao meu amigo a promettida remessa de sementes e plantas, através do seu correspondente em Lisboa, de nome Thomás Cyrillo d’Oliveira, penteiro na capital*⁷⁶.

⁷⁴ UA, JC, Carta de José de Brito a José do Canto, em Paris, Lisboa, 30-10-1865.

⁷⁵ UA, JC, Carta de G. Brandt a José do Canto, Madeira, 15-10-1864.

⁷⁶ UA, JC, Carta de Caetano A. de Melo a José do Canto, em Paris, Ponta Delgada, 28-10-1865.

Em Abril do ano seguinte, Bruno Silva e Filho, outros seus agentes em Londres, davam conta, entre diversos negócios e assuntos, de terem enviado *pelo Sisters, sahido ha tempo (...), umas plantas que nos foram entregues por James Veitch Sons para V. S^a* — tratava-se da selecção colhida na “Royal Exotic Nursery”, atrás mencionada —, acrescentando que estariam atentos a *Quaesquer sementes que venham de Sydney* ⁷⁷.

Efectivamente, decorridos dois meses, José do Canto conhecia resposta do Jardim Botânico daquela cidade australiana. Nela se lhe elogiavam a colecção e o interesse, fazendo-lhe saber do envio, logo que possível de uma caixa carregada de plantas *qui, selon toute probabilité eussent été une nouveauté pour votre jardin*. A esta demonstração de empenho pelo desenvolvimento da flora introduzida, o subscriptor acrescentava a intenção de o brindar com cópia do catálogo que tinha em elaboração para publicar, através do qual poderia vir a fazer a escolha das espécies que lhe conviessem, aproveitando a oportunidade para, então, lhe mandar *une collection de nos grènes indigènes, qui, végèteront sans aucun (sic) doute, ayant été tout récemment recueillies*.

Esta carta, assinada por Charles Moom (?) Director da dita instituição, tem o interesse suplementar de, ainda que sumariamente, permitir saber-se da organização do Jardim Botânico de Sidney. Não possuindo avantajada quantidade de espécies, dirigido à cultura de plantas que interessavam por razões económicas, pela beleza das folhagens e do seu florescimento, apresentava-se com metade do terreno plantado *d'une grande quantité d'arbres et arbrisseaux*, enquanto que a outra, levemente ondulada, estava organizada como relvado *d'arbres d'ornement*, umas constituindo macissos, outras disseminadas individualmente *dans toute l'étendue du jardin*.

No tipo de relva utilizado entravam *le Cynodon Dactylon, The Doub de l'Inde*, que os colonos australianos denominavam *Couch Grass, et le Stenotaphrum glabrum*. Esta variedade, de folhas grandes e crescimento vigoroso, a mais apreciada pela sua resistência ao calor e à seca, era-lhe particularmente recomendada, se José do Canto ainda a não possuísse (Doc. 35).

A troca de correspondência teve desenvolvimento e, com ela, a permuta que a ambos convinha. Logo em Agosto José do Canto anunciava para Sidney a oferta de *graines et plantes*, entre as quais alguns exemplares recebidos do Pará, o que correspondia, de modo especial, ao interesse do Director de

⁷⁷ UA, JC, Carta de Bruno Silva & Filho a José do Canto, em Paris, Londres, 26-4-1866.

Sidney. Na sua resposta de 24-10-1866, sublinhava ele que teria a maior satisfação se o seu correspondente micaelense lhe servisse de ponte de ligação com o responsável pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro, de modo a receber *ou graines ou plantes de tout ce qui pourrait (...) être intéressant*, pela beleza das flores, da folhagem ou qualidade dos frutos. Em compensação, a instituição brasileira receberia *des graines de différentes espèces d'Eucalyptus*.

Em 1867 Paris, em cujos arredores José do Canto e a família continuavam a residir, abrir-se-ia ao mundo para a Exposição Universal, montada no Campo de Marte, que alguns dos mais ricos micaelenses puderam visitar. De entre eles, a mãe e padrasto de sua esposa, Maria Guilhermina; o irmão Ernesto do Canto e a mulher⁷⁸.

Ali estaria presente o Director do Jardim Botânico de Sidney, na qualidade de Comissário *pour la Nouvelle Galles du Sud*, oportunidade de conhecer pessoalmente o seu interlocutor açoriano e de lhe entregar o prometido novo catálogo que, atrasado na publicação, ainda estava no impressor governamental.

Aproveitava a ocasião para dar conta de que possuía *graines et plantes de Leucodendron argenteum*, mas pretendia obter *des plantes de Ekebergia Capensis*, que o seu jardim não tinha (Doc. 36).

O ano de 1866 foi rico de aquisições para os jardins micaelenses. No decurso da correspondência com a Austrália chegaram a Ponta Delgada diversas remessas e mais propostas de intercâmbio. Em Maio, acompanhando uma relação das variedades de laranjas que *Ph. Parlatore*, de Florença, punha à disposição de José do Canto *pour faire votre collection*, a afirmação do interesse por troca *des Protéacées vivantes de la Nouvelle Hollande* e a expectativa, também, de conhecimento pessoal durante a dita próxima Exposição. Assim sendo, aproveitaria *de vos lumières* para colher informações precisas sobre os Açores, com vista ao seu trabalho sobre a geografia botânica, de modo a completar algumas *notes précieuses* fornecidas de Roma e de Florença (Doc. 37).

Nos fins daquele mês, Ernesto do Canto dava-lhe a saber que no dia 20 haviam sido desembarcados *um caixote de plantas para mim e outro para o José Jacome*. As do irmão, porém, tiveram ligeiro atraso.

Dias antes *tinham chegado as plantas d'Algeria* (sic), mas com a notável demora de *perto de 3 mezes de viagem*. Apesar do contratempo, os

⁷⁸ Ver Nestor de Sousa, *Pintura de Duarte Maia, Catálogo da Exposição*, 1993.

bambus e umas cebolas não tinham morrido. Quanto à *muza ensete* (sic), estava já a desenvolver-se, mal grado *ter chegado em pessimo estado*. Das demais, que vira *desempacotar de dois caixotes*, todas estavam *em bom estado*, salvo a *Veochaffeltia splendens* e o *patchouly*, recebidas mortas ou quase. Deste lote havia algumas sobre que nada podia dizer porque, entretanto, *já estavam amontoadas na estufa e por isso mal se podiam ver*.

Enquanto que no jardim de José Jácome Correia se havia feito a *fecundação das Araucarias Cooki e excelsa com polen da excelsa de que houve uma quantidade enorme na planta mais velha do mano*, as plantas de quina, ou *chinchonas*, já estavam semeadas e ele havia recebido *as sementes das mangabas do Brasil mas em máo estado e tambem umas outras a que lá chamam pinhões*. Parecidas com a semente do pinho manso, em seu entender e pelas folhas que vira na estufa, *não são de conifera alguma*⁷⁹.

Em Julho, era F. Burt que, de Monserrate, em Sintra, comunicava ter aprontadas e em boas condições *52 difrent* (sic) *species of Fern plants* [fetos], para José do Canto (Doc. 38).

George Brown deixara há muito de estar ao seu serviço. Mas, por fidelidade aos critérios da sua contratação, foram ainda compatriotas os escolhidos. De antes de 1857, Fennel⁸⁰ e, entre 61 e 69, teve Alexandre Reith, que em 63 publicaria em Londres um artigo sobre a vegetação nos Açores⁸¹ e em fins de 65 casava na capela anglicana de Ponta Delgada com Elisabeth, contratada criada inglesa do negociante Jacinto Fernandes Gil, futuro 1º visconde do Porto Formoso⁸². No mesmo templo, o capelão da marinha E. S. Powles batizar-lhes-ia, a 17-5-1869, um filho com o nome de Alexander Frederic⁸³.

⁷⁹ UA, JC, Carta de Ernesto do Canto a José do Canto, em Paris, S. Miguel, 27-5-1866.

⁸⁰ UA, JC, em 11-3-1861, José do Canto enviava atestado de serviços a Fennel. Porém, em 20 de Dezembro do ano anterior pedia informações para Inglaterra, ao viveirista Booth, sobre Alexandre Reith, e logo em 23 seguinte autorizava a firma Hugh & Low, daquela cidade, para assinar o respectivo contrato. A 17-1-1861 solicitava ao irmão Ernesto que entregasse ao dito Reith, por inventário, *os utensílios, papeis etc*, depois de no dia 14 ter remetido *Instrucções* para o novo jardineiro, fazendo-lhe saber, a 4 de Abril, que ia *tratar da sua ida* para S. Miguel. A este respeito indicava no dia 25, ao agente Mc. Andrew, que logo que possível fizesse embarcar o novo jardineiro. Em Junho, dava-lhe indicações para aproveitar *toda a semente dos Ciprestes horizontais*.

⁸¹ Ver Herculano Amorim Ferreira, *Naturalistas Britânicos nos Açores* (...), p. 13.

⁸² Ver Nestor de Sousa, *Sinais de presença britânica na vida açoreana*.

⁸³ António A. Riley da Motta, artº e local inds..

A série daquela nacionalidade quebrar-se-ia, porém, em 1870, com José do Canto e família já regressados de Paris a Ponta Delgada. De Lisboa, o seu agente participava em 26 de Junho que: *Em 22 do corrente chegou aqui no vapor Francez Ville de Havre, o sñr. Auguste Favresse, que é o jardineiro que V. Ex^a tinha encomendado. Quando se apresentou em minha casa ja estava hospedado no hotel Lusitania, e ali continuou ate hoje, que segue para essa [Ilha] na Escuna Carlota (...), pelo que havia inscrito na conta corrente do seu cliente as despesas de 18\$000 réis de passagem, mais 3\$480 correspondentes a 4 dias de hospedagem, a \$70 réis a diária*⁸⁴.

Precedendo esta chegada, havia-lhe comunicado em Maio o envio, pelo vapor Insulano, de *tres caixas com plantas, e terra, que de Londres me forão remettidas por ordem dos snrs. Hugh Low & C^o, (...), com as quais tinha pago despesas de 13\$550 réis*⁸⁵.

Feito o balanço sumário do processo de aquisições e trocas desta nova década em diante, regista-se um fluxo contínuo. Em 73, José do Canto saldava com a *Clapton Nursery*, propriedade dos acima citados *Bought of Hugh Low & C^o*, a conta de 48.0.0 libras por alguns milhares de *cedrus atlanticus*, cedros *Deodara* e *Thuja gigantea* (Doc. 39). Depois, em 77, o seu agente lisboeta, João Pedro F. da Costa, creditando-lhe 200\$000 réis *recebidos pela letra (...) a cargo do Banco de Lisboa e Açores, encomendava para Abrantes a bolota corticeira que V. Ex^a me pedio, e quando chegar, depois de ser acondicionada conforme V. Ex^a indicou, será remettida para Londres ao Sñr. Bruno Silva para a enviar para Australia visto que aqui não ha agencia que se encarregue de lhe dar o dito destino*. A mesma fonte fazia-lhe saber que, no vapor Luso, seguiam para Ponta Delgada *duas caixas com sementes, uma da remessa dos Snr.es Hugh Low & C^o de Londres, e outra que veio de Bordeaux*, presumivelmente provinda dos *snr.^{es} Vilmorin*, com encargos debitados respectivamente de 3\$635 e 440 réis⁸⁶ e (Doc. 40).

⁸⁴ UA, JC, 88-c, Carta de João Pedro Ferreira da Costa a José do Canto, em S. Miguel, Lisboa, 26-6-1870.

⁸⁵ UA, JC, 90-c, Carta de João Pedro Ferreira da Costa a José do Canto em S. Miguel, Lisboa, 14-5-1870.

⁸⁶ UA, JC, 3055-c e 3056-c, Cartas de João Pedro Ferreira da Costa a José do Canto em S. Miguel, Lisboa, 31-1-1877 e 14-2-1877.

Directamente da capital britânica via navio Oceano, *Tatham & Cº; Ship and Insurance Brokers, and Commission Merchants*, a pedido de *Mr. Sturge of Birmingham*, destinavam-lhe *a case of plants* (Doc. 41).

No mesmo mês de Fevereiro recebia documento *das despesas de 4 caixas com plantas que de Londres pelo vapor Malaga* haviam sido desembarcadas em Lisboa, donde partiriam para S. Miguel no *vapor Atlantico*, importando os fretes, demais tarifas e comissão em 30\$690 réis (Doc. 42). O mesmo agente na capital confirmava, no dia seguinte (14-2-1877), já ter recebido *guia do Caminho de ferro da remessa da bolota corticeira, e logo chegue* (sic), *será preparada, e remetida para Londres*⁸⁷, para daí, como antes se registou, ser enviada para a Austrália.

Em Julho, William T. Thiselton Dyer, do Royal Gardens Kew, informava José do Canto de que receberia, brevemente, a *box greenhouse plants*, que lhe fora despachada há dois meses, antes de Sir Joseph Hooker ter viajado para a América. Com esta notícia, a esperança de não ter sido esquecida uma prometida folhagem de *Encephalactus villosus*, que tempos antes havia produzido *The Splendid conecon (?) sentus* (Doc. 43).

Ainda de Londres, mas também de Southampton, chegavam a Lisboa, respectivamente nos vapores “London” e “Elbe”, mais *1 caixa com sementes* e duas *com plantas*, as quais seriam endereçadas para Ponta Delgada nas viagens que o Açor e Luzo realizariam em Fevereiro de 1879, acompanhadas das contas referentes aos transbordos (Docs. 44, 45 e 46).

Hugh Low & Cº, assim como Knowles & Foster, terão presença contínua em mais reservas e informações botânicas, neste inquérito que levamos — sem o esgotar —, até finais do século XIX. Catálogos de flores e extracto da conta corrente, em 31-12-1890 (Doc. 47); e logo, nos meses de Fevereiro e Março do ano seguinte, respostas a *encomenda de sementes e Instrumentos de jardinagem*, com indicação dos competentes encargos (Docs. 48, 49 e 50). Depois e até 93, sobressai a iniciativa de produção do chá, que teve relevância na economia micaelense e reflexos para além dela.

De Londres, a 15-4-1891, Knowles & Foster afirmavam-se disponíveis para *attender ao embarque dos chinezes*, ficando a aguardar de Macáo (...) *aviso em devido tempo da sua partida com nome do vapor* (Doc. 51). Entretanto, esclareciam em 15 de Setembro *que acabam de chegar de* (sic) *China os utensilios para fabrico de chá*, os quais seguiri-

⁸⁷ UA, JC, 3056-c, ib..

am no vapor *Malaga que sahirá na semana que vem para Lisbôa*, e daqui, no mês seguinte, para S. Miguel (Doc. 52), importando as despesas efetuadas em 55.18.5 libras (Doc. 53).

Eram dois os aludidos chineses contratados por José do Canto para por em prática o novo empreendimento — *Lan sam* e *Chon sem* —, que, vindos no *proximo vapor de Hong Kong*, admitia-se estivessem na capital da Inglaterra *perto do fim do mez* de Outubro (Doc. 54).

A previsão anunciada não se verificaria. Tendo de viajar na coberta, a companhia de navegação recusara *aceital-os com receios de que passassem mal com o frio depois de sairem os mares tropicaes, por isso foram embarcados no vapor Glenartney em 2ª classe, cujo vapor chegou aqui hoje tarde de mais para elles apanharem vapor que chegará em* (sic) *Lisboa em tempo para seguirem no vapor de lá em 20 do corrente para os Açores*, informavam os ditos agentes a 16-11-1891. Em vista disso, seria o vapor açorense de 5 de Dezembro que os traria para Ponta Delgada.

No decurso desta correspondência era recebida em Londres nota de 3 caixas com folhas de papel pintado, remetida de Macau no vapor *Cyclops* (Doc.55).

Instruções sobre *taboleiros de bambu* (Doc. 56) — de que foram adquiridos 500 (...) *para fazer chá, com os pés* (Doc. 57) —, pedido de elementos sobre *machinismo para [o] fabricar* e obtenção de solicitadas *amostras de chá* (Doc. 58), marcam também esta iniciativa de industrialização por parte de José do Canto, o qual, em 92, podia enviar para Macau *dous pacotes com amostras de chá* (Doc. 59) e, com data de 14-12-1893, recebia agradecimentos do ministro da Marinha e Ultramar, Neves Ferreira, em seu nome e no do Governo presidido por Hintze Ribeiro, pela *obsequiosa atenção e deferencia* com que correspondera ao *pedido de plantas de chá para ser tentada a sua introdução na provincia de Angola*. De mais este contributo *prestado á agricultura nacional*, ser-lhe-iam comunicados os *resultados da plantação, seus progressos, e desenvolvimento* (Doc. 60).

Importa notar, que a manufactura daquela planta em S. Miguel e no país, nascera na Sociedade Promotora de Agricultura Micaelense, em 1873, a qual, em 13-11-1877, já fizera contrato também com dois chineses da dita colônia, para virem à Ilha *ensinar a fabricação e cultura* do produto. Foram eles *Lau-a-Pan, mestre manipulador, e Lau-a-Teng, interprete e coadjutor* (...). Chegados a Lisboa no navio África, feito trans-

bordo para *o paquete da empresa insulana* — fundação de 1871 —, desembarcaram em Ponta Delgada em Março de 1878, iniciando o trabalho a 15 do mesmo mês, sob responsabilidade de uma comissão presidida pelo doutor Caetano d’Andrade Albuquerque⁸⁸.

Dos tipos produzidos, o mais apreciado — porque, de melhor qualidade —, era o chá preto, de que *foi enviada uma amostra para Paris*. Analisada no Laboratório de Química mineral pelo seu director, Professor Schuzenberger, classificada de *excellente*, passou a produzir-se *grande porção de kilos de chá* para venda pública, com anúncio primeiro em 17-3-1886, sem que as tentativas parlamentares de assegurar auxílio ao *desenvolvimento d’esta industria* viessem a lograr aprovação de projecto lei apresentado em 81 e renovado em 87⁸⁹.

Assim, de arbusto ornamental que encontramos no parque de José do Canto da Lagoa das Furnas, mas cuja existência nos Açores é anterior ao século XIX, nomeadamente na Ilha Terceira⁹⁰, a planta do chá tornou-se produto industrial de S. Miguel, com incidência na economia, vindo a generalizar-se na alimentação da população, ainda que a mais modesta se contentasse, nos começos, com produto inferior.

Retomando, porém, o percurso de encomendas, em 3-4-1895 Hugh Low & C.º afirmavam-se credores de 3.1.2 libras *pelo frete e carga de 2 caixas de árvores frutíferas expedidas pelo ss Godiva* e fornecidas pela Clapton Nursery (Doc. 61).

Mas, na faixa temporal deste último quarto de século de enriquecimento do seu jardim de Ponta Delgada, do seu parque das Furnas, da valorização de outras suas propriedades rústicas e apoio à “Sociedade Promotora d’Agricultura Michaelense”, de que em 1843 fora um dos membros fundadores⁹¹, os anos de 70 a 71 merecem referência sublinhada na geografia das relações. Da longínqua capital dos czares — S. Petersburgo —, o mês de Junho trazia a José do Canto resposta do Jardim Botânico Imperial, assinada pelo seu responsável Dr. E. Regel, também Conselheiro de Estado, a

⁸⁸ Gabriel de Almeida, *As Ilhas dos Açores*, 1889, pp. 144-150; id, *Fastos Açorianos*, 1889, pp. 9-10.

⁸⁹ Id., *Diccionario Historico-Geografico dos Açores (...)*, 1893, pp. 32-33.

⁹⁰ A.A., Carta do Conde d’Almada ao ministro em resposta aos avisos de 29-11-1799 (...), vol. X, pp. 365-366.

⁹¹ Gabriel d’Almeida, *As Ilhas dos Açores*, pp. 77-78.

quem fizera oferta de sementes, algumas das quais *de la famille des Protéacées*, pelas quais havia ali acentuado interesse. Em compensação, propunha-se-lhe contemplá-lo, se assim o desejasse, com plantas vivas. Destas, em que se incluíam árvores e arbustos do Japão, o jardim russo possuía *la collection la plus complete* (sic) *qui existe en Europe* e estava, igualmente, entre outras, bem provido de fetos, orquídeas e cactos (Doc. 62).

A proposta teria cumprimento a 14-7-1870 com *l’envoie d’une petite caisse* contendo colecção de sementes (Doc. 63) e foi continuada, em 71, com nova oferta, agora constituída por *800 espèces* (sic) *de plantes en graines*, acompanhada de livros. Renovavam-se os agradecimentos pelos *fruits de différentes espèces de Proteacées* e afirmava-se o desejo de José do Canto não esquecer o jardim de S. Petersburgo, se pudesse dispor de mais algumas das suas sementes (Doc. 64).

Por esta via tocaram-se os dois extremos da Europa. A ilha, que integra a parcela mais ocidental do país estendida no Atlântico, e a imensidão de uma Rússia, então iniciada na Polónia, prolongando-se até ao Pacífico e do Ártico até ao Cáucaso, governada autocraticamente pelo imperador Alexandre II (1855-81), a despeito das reformas introduzidas e respeitantes a boiardos e servos.

Foi tempo europeu de transformações profundas. Com elas, variações no xadrez político internacional e a emergência de novos protagonismos nacionais e expansionistas. A França de Napoleão III duplamente humilhada, com o imperador e o seu exército aprisionados em Sedan e, depois, a Galeria dos Espelhos do Palácio de Versalhes — emblema faustoso de outra França promovida pelo Rei-Sol — feita palco da proclamação do I Reich de Guilherme I da Prússia e do seu chanceler Bismarck. Um novo soberano assumia a velha idéia imperial, título que o vizinho austríaco ostentava, conjuntamente com o de rei da Hungria, quando outro era banido e dava lugar à República Francesa, declarada a 4-9-1870. No ano seguinte, concluía-se a unificação italiana de Victor Manuel II, que Cavour orientara até à sua morte em 61, e teve em Garibaldi a chefia do seu braço armado. Em Roma, tornada capital do reino da Itália, o Papa Pio IX afirmava-se prisioneiro nos estreitos contornos do Vaticano, apesar da “Lei das Garantias” ter declarado a independência espiritual do papado. E assim permanecerá até à Concordata de 1929, estabelecida entre Pio XI e o ditador Mussolini, “Duce” do governo fascista de Victor Manuel III.

As ressonâncias do “*Va pensiero sull’ ali dorate*” verdiano⁹² — coro lamentoso que alcança vigor rítmico e animou o patriotismo italiano do “*Risorgimento*” contra o dominador austríaco —, cederam ideológica e simbolicamente ao imperialismo fanático, traduzido na “*Giovinezza*” do nacional-socialismo mussoliniano.

Na Península Ibérica, em sucessão de crises da monarquia espanhola, a rainha Isabel II viu-se constringida, em Setembro de 69, a buscar asilo em Paris, após o manifesto revolucionário de Cádiz. Para a vacatura do trono — com regência do antigo ministro Serrano —, procuram-se candidatos. O germânico Leopoldo de Hohenzollern-Sigmarigen contará com a oposição de Napoleão III; Fernando de Saxe-Coburgo Gotha, viúvo de D. Maria II de Portugal, falecida a 15-XI-1853 do parto do infante Eugénio, que não lhe sobreviveu, não aceita a proposta, como já em 62 declinára o trono da Grécia. Atitude ajuizada, que a senhora condessa d’Edla, não tinha lugar no convite. Cantora lírica suíça, Elisa Hensler tivera estreia portuguesa em 1859, no teatro de S. João do Porto. No ano seguinte cantava pela primeira vez no S. Carlos de Lisboa, interpretando a figura de Berta da ópera “*O Profeta*” de Meyerbeer, em substituição do soprano Luísa Bianchi. De outras óperas do repertório italiano, nessa e na temporada seguinte — em que deu por finda a sua carreira —, a crítica do tempo destacou, com particular apreço, o seu “*Pajem Óscar*” de “*Um Baile de Máscaras*” de Verdi, louvando não só a qualidade vocal como a elegância da mulher. Tais atributos satisfizeram o nosso príncipe das artes, que em 10-6-1869 com ela se consorciou. Para de algum modo dourar esse casamento morgânico, o rei da Prússia atribuiu à ex-cantora o título referido. Na circunstância, será um filho do unificador da Itália, Amadeu de Sabóia, duque de Aosta, quem será eleito em Cortes de Novembro de 1870, quando o Norte de Espanha havia reconhecido Carlos VII.

Irmão da rainha Maria Pia, mulher de D. Luís, rei de Portugal, e também da nossa já conhecida princesa Clotilde, Amadeu de Sabóia teve reinado efémero, com abdicação em 73 e proclamação da República. Mantida até 76, deu lugar à restauração borbónica de Afonso XII, filho da soberana exilada.

A morte prematura de D. Pedro V (1861), a dois anos do falecimento da sua jovem esposa, Estefânia de Hohenzollern-Sigmarigen,

⁹² É o tema que inicia o Coro dos Escravos Hebreus, com o qual começa o 3º acto da Ópera Nabucco, de Verdi, estreada no teatro Alla Scalla de Milão, em 1842.

irmã daquele frustrado candidato ao trono espanhol, fez rei de Portugal o infante D. Luís, aclamado em Dezembro do dito ano. O parlamentarismo funciona, mas com a instabilidade de sucessivas quedas de governo, a continuidade de déficits orçamentais — que a Regeneração fonstista não conseguiu alterar — e o acentuar da agitação social. Os acontecimentos espanhóis geram nos dois países peninsulares um movimento pan-iberista que, do lado português, teve acolhimento do velho marechal duque de Saldanha. O impenitente fazedor de revoltas do nosso constitucionalismo, terá a sua derradeira intervenção em Maio de 1870, com golpe militar que impõe a demissão do Gabinete presidido pelo duque de Loulé e a sua ascensão ao poder, de que seria demitido poucos meses depois, desaparecendo da cena política nacional. A partir de 79, inaugurar-se-á o rotativismo partidário Progressistas-Regeneradores, quando já eram sentidos os primeiros assomos de republicanismo, onde pontuavam dois açorianos, o micaelense Teófilo Braga (1843-1924) e o faialense Manuel de Arriaga (1840-1917). Da ascensão que esse núcleo veio a conhecer, e no rescaldo do Ultimato inglês de Outubro de 1890 — a propósito das iniciativas portuguesas de assegurar a ocupação efectiva dos territórios africanos conhecidos por Mapa Cor-de-Rosa —, resultaria em Dezembro seguinte a composição musical de Alfredo Keil, com poema de Henrique Lopes de Mendonça, denominada “A Portuguesa”, em 1911 adoptada como Hino Nacional pelos vitoriosos do novo sistema político implantado. A afinidade dessa marcha exaltatória de valores ancestrais, chamados ao presente de crise profunda, vai toda inteira para a composição que Rouget-de-L’Isle cantou pela primeira vez em casa de Dietrich, “maíre” de Estrasburgo, nos tempos calamitosos da Revolução Francesa. Não alcança, pois, por forma e conteúdo, o simbolismo retirado daquele mencionado coro do Nabuco de Verdi, tão pouco a motivação ideológica dos dramas líricos compostos pelo revolucionário e proscripto Ricardo Wagner, que a Alemanha nazi viria a recuperar com sentido de renovado pan-germanismo.

Em Portugal, a imagem de marca do último quarto de século oitocentista — e para além dele —, vemo-la definir-se, como síntese da situação do país e da radicalização de mudanças, em figura de desenho caricaturado, que teve paternidade de Rafael Bordalo Pinheiro, ainda em começo de carreira. Da certidão de nascimento, a data de 12-6-1875. Como nome, caído o possessivo “seu”, ficou o de “Zé Povinho” (Fig. 8). Conheceu a luz n’ “A

Lanterna Mágica”, “Revista Ilustrada dos Acontecimentos da Semana”. Daqui mudar-se-á, em 79, para o jornal humorístico “O António Maria”, título que é sátira recolhida do então recém-



Fig. 8 - Rafael Bordalo Pinheiro, Zé Povinho.

despedido presidente do Conselho de Ministros, António Maria Fontes Pereira de Melo, chefe do Partido Regenerador. A outro local ainda se acolherá — “A Paródia”. Depois, em fim de percurso e já seculovinteco, após o governo do micaelense Hintze Ribeiro, substituído pelo consulado de João Franco — seu dissidente companheiro regenerador —, Zé Povinho viverá os derradeiros dias por acção de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, filho do seu criador. Representação de figura rude e campesina — compleição atarracada, rosto bochechudo e vermelhusco, simultâneamente lorpa e oportunisticamente astuto —, ele foi espectador-actor-

comentador de todas as vertentes do seu tempo nacional. Na ambígua situação de campónio deambulando pela vida urbana da capital, exhibe a extravagância de um trajar e de uma mentalidade que o individualizam entre os comparsas burgueses e proletários com que os seus passos se cruzam. E, assim, vale como símbolo e retrato de um povo desajustado civilizacionalmente, submisso e agressivo — quando não indiferente ou resignado —, misturando desconfiança com ocasionais entusiasmos, não por convicção ideológica, mas por cavilosa atitude de aproveitar do bolo prometido. Nisto e por isto se distingue dos seus equivalentes — o francês “Joseph Prudhomme”, o inglês “John Bull” (Fig. 9), ou o norteamericano “Tio Sam” — (Fig. 10), produtos, cada um, de diferentes estruturas sociais da civilização liberal e capitalista, funcionando como estímulo de orgulhos nacionais⁹³.

O Zé Povinho também não cabe no Fradique Mendes, de seu nome próprio Carlos, com paternidade tripla de que participaram Eça de Queiróz, Antero de Quental e Batalha Reis⁹⁴.

⁹³ Ver José-Augusto França, *Zé Povinho*, 1875.

⁹⁴ Ver Gustavo de Matos Sequeira, Fradique Mendes (...), *Vencidos da Vida*, pp. 255; 267-269.

Por berço, a Ilha do poeta dos Sonetos e das Primaveras Românticas, ideólogo das Conferências do Casino, que outro açoriano — António José de Ávila ou “da Vila”, colecionador de cargos ministeriais, veneras e prebendas — havia de proibir com aparato policial. Como aquele, idêntica



Fig. 9 - Rafael Bordalo Pinheiro, Zé Povinho e John Bull.



Fig. 10 - Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, A Espanha e o Tio Sam; A Europa e o Tio Sam, desenhos, lápis, 1912 (propriedade particular).

genealogia de tradição possidente e morgadia, que o afasta do também conterrâneo Teófilo Braga, de diferente ambiência familiar e peso de vida.

Revivido em 1867, Fradique — heterónimo antes de Pessoa — é partes meias do romancista e do poeta dos quais procede. A sua natureza é outra e outro o desenraizamento com que arrasta o fastio de passos entediados nos estreitos limites dos “faits divers” do Chiado — a “pastagem predilecta” —, que viria a ter prolongamento na Avenida da “parvónia” finissecular. Era ali que tudo se passava e nada acontecia, quando a sua vida de céptico civilizado se extinguiu em 1885, nova transmitida de Bristol por Eça, ao mesmo tempo que lhe traçava o perfil. No país fontista, regenerador e rotativista, Fradique é encarnação de exilado por desconforto interior, súpula do que se denominou “Geração de 70”, com particularidade no número restrito dos “Vencidos da Vida”, de que alguns viriam a integrar o que para as artes ficou conhecido como o “Grupo do Leão”. Por isso, diferentemente do Zé Povinho — “compère” de revista do pequeno teatro nacional —, ele é minoria visionária de outra regene-

ração — a que entendia o progresso para além, muito para além das obras públicas que enchiam o canto do olho, constelavam peitos de comendas e algibeiras de chorudas compensações, asseguravam títulos e davam respeitabilidade pública maior do que o país. Tudo isto, porém, sem renovação cultural e de mentalidades. Assim, o exílio espiritual de Fradique Mendes aproxima-o do Antero para quem, *entre mim e o meu país a distância [era] abismosa (...)*.

A tal situação, o primogénito e sucessor de D. Maria II — D. Pedro V, aclamado rei em 1855, após dois anos de regência de seu pai —, já apontara dados certos, ainda que sem identificação de soluções, ao afirmar lucidamente: *A meia ciência, mais audaz em se fazer valer, porque raras vezes respeita o domínio da reflexão, é mais audaz em pedir que lhe reconheçam os seus pretendidos direitos*. Acontecia assim, porque a instrução — ou educação pública — não era *um dos primeiros cuidados dos governantes*. E se era certo, para o jovem rei, que *nada produz mais o barbarismo do que a ignorância, (...) nenhuma ignorância mais do que a história*. Desta, porém, D. Pedro V tinha um conceito dinâmico, que faz falta no presente, a muitos que nela buscam cobertura: *O passado é um grande tesouro de experiência, mas essa experiência é tanto do bem como do mal. Se o uso, se as circunstâncias acostumaram o povo a um passado mau, é preciso romper com esse passado (...)*.

O soberano, cujo breve reinado de seis anos (1855-61) decorreu nos começos regeneradores e cartistas, sabia do que falava e falava do que sabia, por um conhecimento, feito reflexões, a que não eram estranhas as viagens pela Europa — Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Holanda, Áustria, Itália e Suíça —, no período da referida regência paterna. Neste tirocínio da sua educação definiu-se-lhe o entendimento para o quadro de carências, a todos os níveis e em todos os âmbitos da estrutura, vida e mentalidade nacionais: *Não adoptemos tudo quanto é estrangeiro só por ser estrangeiro, mas também não digamos com os hortelões: as nossas coisas são muito melhores*. É que, *esse instinto de imitação servil e desacompanhado de raciocínio*, não constituía fonte de verdadeiro progresso do país⁹⁵. Também estas, são reflexões que importam à actualidade, por razões óbvias de iliteracia cultural, apostada em sobrepor o “faber” ao “sapiens”, quando entre o “sein” e o “sollen” a distância pode ser abissal. O Zé Povinho afinal não morreu, travestiu-se apenas com outra farpela.

⁹⁵ D. Pedro V, Escritos, vols. I, II, III, IV e V, Augusto Reis Machado, *O Pensamento do Rei D. Pedro V*, pp. 53, 86, 102, 105, 107, 129 e 130.

No panorama nacional destas imagens — feitas mitos — e reflexões, a Ilha conheceu experiências de mais actualizada aproximação europeia, como as podiam saber e fazer alguns, que, por confortável riqueza, puderam melhor cultivar-se em viagens e estadas em mundos outros. De entre eles, os Canto, e com eles, também um modelo de jardim, que outros partilharam, e cujo roteiro tem aqui última incidência em José do Canto.

O seu jardim de Ponta Delgada não tem a área dos grandes parques ingleses e europeus seus contemporâneos ou já anteriores. Posto em comparação, é miniatural, e mais ainda os seus vizinhos que foram de José Jácome Correia e de António Borges.

Com plano presumivelmente do arquitecto inglês David Mocatta — que o teria desenhado em 1845 ou 46, com integração de arquitectura palaciana —, em 1849 previa-se integração, diante da sala de jantar ou entre esta e a estufa, de uma zona destinada exclusivamente a flores, em terreno para o efeito nivelado e pronto a ser relvado. Ignora-se se teve realização prática, sabendo-se que o edifício a não teve e outro foi construído em meados deste século.

Não obstante a dimensão — hoje ainda mais reduzida — e alterações introduzidas na composição e distribuição floral, a matriz inglesa do seu figurino paisagístico deixa perceber um programa que corresponde à simplificação estabelecida no século XIX.

Ordenado pelo prazer de cultivar plantas, associado ao pragmatismo fisiocrático, a diversidade funcional distinguiu-se em áreas, sem prejuízo da unidade global da sua organização (Fig 11).

O sentido formal, que ainda conserva no essencial, define-se na exuberância de árvores de grande porte e de arbustos das mais variadas proveniências, que tiveram combinação com agrupamentos florais. Dos macissos de vegetação isolam-se umas e outros e constituem-se renques que bordejam arruamentos, também eles de traçado simplificado, porque ao terreno falta maior acentuação volumétrica que melhor os dissimule. No conjunto, um comprimido de exotismo que, na busca de imitação de uma paisagem natural, produz atractivos efeitos visuais.

Mais pictórico do que teatral, ao Jardim de José do Canto escapam temas que foram comuns ao pitoresco setecentista. A água de um tanque e de um lago foi presença utilitarista mais do que imagem sentimental e

simbólica. Ausentes, as grutas rochosas que encontramos no Parque das Furnas, que foi da família Praia e Monforte, ou no Jardim de António Borges. Ali não se encontram formas de artefactos ornamentais que foram comuns, arquitecturas para momentos de lazer, pérgolas ou pontes. A excepção de uma estátua de bronze sobre pedestal basáltico, assente em escadaria circundante, é inovação inaugurada em 8-4-1950 (Fig. 12).



Fig. 11 - P. Delgada, Jardim de José do Canto, Levantamento fotogramétrico, Esc. 1:1000, Câmara Municipal, 1974



Fig. 12 - P. Delgada, Estátua de José do Canto no seu Jardim.

Colocada no espaço aberto ao fim da alameda de acesso, o retrato naturalista, em figura inteira, da autoria de Xavier Costa, por homenagem de um descendente do fundador — Augusto de Ataíde, pai —, é estranho ao modelo de que o jardim se reclama. Assim, a sua componente essencial são as manchas integradas de árvores e arbustos, que tomam caprichos de recortadas silhuetas, de volumes e de tonalidades.

Documento 1

S. Miguel 11 de Julho de 1861
Minha Querida Prima do Coração

Depois de ter mandado deitar as nossas Cartas no Correio, apor-
tou a esta Ilha um Vapôr de Guerra Francez pelas 5 horas da tarde. Não
sabendo nós quem vinha n'elle a Mammae disse que queria ir passear no
Jardim da Prima pela 1ª vez depois que faltou o Primo Pedro. Estavamos
em cima na Caza, quando chega immidiatam^{te}. o Capitão do Porto com
o Principe Napolião, a Princeza Mathilde¹ (sic) e uma Aia. Nós derigi-
mo-nos a todos a offrec[ê]r² (sic) se querião descansar, e a Mammae
pediu licença para lhe mandar apanhar algumas flôres, o que ella agrade-
ceu e gostou muito, porem nesta Estação poucas havião, todavia caindo-
lhe uma muito inferior no chão, a Princeza a tomou como um the-
souro. Esteve vendo os Ananazes de que gostou muito, porem não esta-
va nenhum maduro. Quando iamos decendo (sic) para a vista ao pé da
vinha, a Princeza mandou dizer pela sua Aia a Carolina, que fosse para
o pé della, e então entrou a perguntar pella Prima quantos filhos tinha,
onde estavão em Paris, e se ella Carolina era cazada.

Gostarão todos muito das bellas vistas que apresenta o Jardim, e
o Principe Napolião disse-me que o jardim estava muito bem tratado a
Ingleza. / Elles não tinhão tenção d'aportar aqui, mas vendo de fóra que
a Ilha era tão bonita, por isso se resolverão, com o que ficarão muito
satisfeitos. De noite largarão para o Fayal (tendo antes feito uma linda
eluminação (sic) a bordo), onde vão demorar-se 2 dias para tomar
Carvão, e dirigirem-se para America.

Nessa tarde aconteceu o seguinte. Quando elles desembarcarão
forão a Matriz onde estavão os Primos Ernesto, Honorato, e Francisco
de Bittancourt com a Comadre para se baptizar o seu filho, como appa-
recessem aquelles figurões, o Primo Ernesto offereceu-lhe a sua
Carruagem que tinha ido com a dita Comadre, desorte que esta teve de
palmilhar a pé com o pequeno, por que elles acceitarão, assim como a
nossa.

Tinha-me esquecido dizer que do Jardim da Prima forão para o de
José Jacome, onde tambem se demorarão e gostarão muito. Vem tambem
na cometiva um Ajudante d'Ordens do Imperador, e outros figurões.

Sem tempo para mais, por que o Açoriano quer largar, desculpe a Prima, o mal feito deste divertimento, e acredite-me que sou como sempre.

Seu affes^o. Pr^o. Am^o.
Obrig^{mo}.

[ass.] Agos^{to}. Max^{do}./

P.S. Como José de Mello fosse de S^{ta}. Anna com a cometiva da Princeza, e não viesse senão tarde; estou informado por pessoas dignas de fé, que ella depois do Jardim do José Jacome, fora a gruta, que há na Quinta do Brander, e depois An^{to}. Borges, e pelas 3 1/2 horas da manhã largou no Vapôr para as Furnas, onde vai pôr em confusão immensas familias, que ali se achão; no em quanto (sic) ella deve gostar muito E o Principe Napolião, por ser muito amigo de pedra etc etc.

- 1- O autor da carta confundiu o nome da princesa Clotilde com Matilde.
- 2- Deduzido, devido a mancha.

[UA,JC]

Documento 2

Meu Caro Irmão
S. M[iguel] 27 de Setembro de 1866

(....)

Recebi agora os planos de M. Hugé que já receava se tivessem desen-caminhado; acho-os em geral bons e não esperava na frente a transformação tão grande, mas agradou-me como a todos os que a tem visto. A 2ª frente já não é tão bonita e recente-se (sic) um pouco de semelhança com o risco N° 1 rejeitado, isto é o tecto mui próximo das janellas e a linha da beira m-n mui longa. Lembrou-me e mais alguém approva por uma janella que dê luz para a falsa e que poderá embellezar a trazeira fazendo diminuir o defeito appontado, no mal feito risco ponho em linhas ponctuadas a janela que desejo e que para não descontentar o homem se poderá dizer que é para fazer um bom quarto em cima o que é a verdade — bastará unicamente que elle dê um desenho na mesma escalla da vista da dita janella, para ter harmonia com o resto.

Pela mesma razão desejava saber se na janella da falsa na outra frente, se podera (sic) substituir a madeira recortada por vidros para haver mais luz.

As cabeças da caza é que acho serem as mais carecidas d'algum arranjo, talvez seja isto máo/gosto meu, mas exporei francamente os defeitos que lhe acho, = a parede do corpo principal - nos pontos a b c tem grandes claros que para mim são sempre um grande defeito pela nueza que apresentam, e sendo uma destas cabeças como já disse, que tem principalmente de ser vista das Pedras do Gallego, será pelo lado mais desfavoravel que a casa será vista: o que é um desgosto para mim, por isso pediria a M. Hugé que dissesse o modo de remediar aquelle inconveniente, e parece-me que em a e b se poderiam fazer janellas fingidas ou mesmo alguma real para se gozar no 1º andar da bella vista das montanhas — e em c uma porta, ou um nicho — para um vaso ou qualquer outra coiza, real ou sómente para vista exterior.

A posição isolada da caza e as vistas das alturas que a rodeiam tornam mais difficil o problema a resolver, e mais exigente a minha pessoa como editor responsavel pelo que ali se fizer. E como diz o riffão antes que cazes vê o que fazes, por isso me torno rabugento e impertinente com

as minhas reflexões, que faço agora em quente mas que nem por isso são para ir fazer sahir o / mano do seu regimen, a obra sabe Deus quando se principiará e por tanto tudo isto pode esperar 6 ou 8 mezes sem o menor inconveniente, ou mesmo mais tempo.

Nos planos as chaminés são mais baixas do que os tectos deverão fazer-se assim sem inconveniente?

Principalmente no rez-de-chaussée haverá desharmonia em por jalousias (sic)?

É quanto me recordo ao presente sobre o assumpto, não havendo duvida em pagar não só os 100 francos que M^r. Hugé pedio a mais como tãoobem mais alguma coisa pelo que agora se pede. Em todo o cazo tem sido uma tal massada para o mano e que bem me custa dar-lhe.

(.....)

[UA,JC, Extracto de carta de Ernesto do Canto a seu irmão José, em Paris]

Documento 3

Hotel de Rome. Rome. Italie
7. Mars 1864

Cher Monsieur

Le reçu de votre lettre m'a donné de vrai plaisir et je vous remercie infiniment de vos bons souvenirs de moi.

Depuis le temps que j'avais resté à Broad St. tout est changé, car non seulement j'ai quitté mon Studio là mais aussi j'ai quitté mon occupation d'Architecte, et je me suis retiré des affaires entièrement et comme vous voyez par l'adresse je profite du loisir.

J'attends rester à Paris quelques jours le mois d'Avril et si vous permettez je vous écrirai/pendant mon séjour dans cette ville et je vous aiderai de poursuivre votre idée de faire bâtir une "Cottage" et après que je comprend parfaitement le genre que vous desirez, je suis presque sûr de vous donner du conseil pour le mieux agir.

En attendant agreez cher Monsieur mes reconnaissances

[ass.] David Mocatta

à Monsr.

Monsieur José do Canto//

[UA,JC]

NESTOR DE SOUSA

Documento 4

Londres
29 Gloucester Square
14m. Mai 1864

Cher Monsieur

À present je suis parfaitement libre et si vous aurez la complaisance de m'ecrire de m'informer (sic) quand j'aurai le plaisir de vous voir je me mettrai à votre disposition en attendant

Croyez moi votre serviteur
très devoué

[ass.] David Mocatta

Il Sg^r.
José do Canto.//

[UA,,JC]

Documento 5

Londres
29 Gloucester Square
6 Mai 1864

Cher Monsieur

Je vous écris promptement de vous avertir que je suis appelé sur le "Grand Jury" pour le 9 de ce mois et probablement je serai détenu 6 à 8 jours de séance.

C'est très inconvéniént sur mon arrivée d'être obligé de me trouver ainsi situé mais il n'y a pas moyen de l'empêcher et surtout car je ne puis pas tenir ma parole.

Je vous écrirai le moment que je serai libre et j'espère que cet événement ne vous contrarierait pas et accueillez mes respects.

[ass.] David Mocatta

Sg^r. Da Canto (sic)//

[UA,JC]

Documento 6

29 Gloucester Square
20^{me}. Mai 1864

Cher Monsieur

Je viens de recevoir vos deux lettres et la dernière m'a donné un vif regret, mais j'espère avant le récu (sic) du contenant vous serez parfaitement bien portant.

Se vous envoie quelques esquisse (sic) qui me paraît assez convenable (sic) comme dessins, et si vous croyez que je puis suivant vos instructions les rendre à votre désir, je serai bien aise d'assister un de mes confrères Mons^r. Digby Wyatt, un architecte et artiste de qui je puis parler de confiance de porter au bout une petite maison ou "Cottage" qui doit vous faire plaisir.

Quand vous aurez le temps/faitez (sic) moi le plaisir de renvoyer les dessins avec des observations pour me faire comprendre bien ce que je dois substituer ou faire des alterations, car rien me fera plus de plaisir que de suivre vos idées et réussir à réaliser vos souhaits.

J'espère plus tard que j'aurai le plaisir vous voir chez moi et croyez moi que je vous porte des sentiments de plus respectueux

[ass.] David Mocatta

Sg^r. Da (sic) Canto//

[UA,JC]

Documento 7

29 Gloucester Square
30. Mai 1864

Cher Monsieur

Je viens de recevoir (sic) votre lettre si flatteuse et je répons même avant l'arrivée des esquisses, pour vous expliquer que je ne puis vous donner une idée du prix, pour le cottage que je choiserai, car cela dépend entièrement sur le choix des matériaux le prix de labeur et spécialement la grandeur du batiment qui n'est pas déterminée jusqu'à present.

Je vous avoue très franchement que je dois confié non seulement les changemens du / du plant et de l'extérieur à Mons^r. D Wyatt, car je ne tiens pas le moyen de dessiner l'architecture et aussi les calculations pour estimer la dépense seraient très difficilis pour moi, car je ne tiens pas l'habitude d'en faire et il faut de l'experience de les faire avec la moindre exactitude.

Je vous représente ces difficultés avant votre décision soit donnée sur le plan, car j'aurais beaucoup de regret de vous faire des fausses représentations de ma position.

Je serai bien aise de suivre vos idées avec l'assistance de Mons^r. Wyatt et je serai heureux de prendre avec lui les soins de faire des modifications de mes esquisses/que vous indiquez et je crois que nous sommes sûr d'arriver au bout que vous desirez.

Je ne tarderai pas après votre réponse de faciliter autant que possible vos souhaits en tout égard.

Agréez mes respects et croyez moi votre serviteur.

[ass.] D Mocatta

Sg^r. / José do Canto//

[UA,JC]

Documento 8

today

I have received your letter of 15 December, 1847 in wich you give me notice my drawings are ready for above one year and three months. I think you have made some mistake in the calculation, because in the last letter you have favoured me with, can¹ you dont state the completiness of those drawings. You must know well, that M^r. Camara has regressed to this country the past Spring, and I have been awaiting from then, news from you, always ready to satisfy all what I have been bound to. I supose you cannot say that yours services are unpaid, considering I have paid you one hundred pounds for the drawings I have already received; I have not paid you only those you have not delivered me yet. If you would adress me sooner, the remainder sum would be also paid.

I write in this date to S.F.L. Pereira Esq^{te}. 91 Great Tower Street City London to pay you 50 £ at the delivering of the drawings, and pray you to send me by the same occasion drawings for the boat house, the pavillion at (?), and according to the adjoint note fountain at, summer house at and a little seat building at the corner all these drawings I wish elegant but not very expensive. I would be also very obliged to you if you deliver to M^r. Pereira a coloured and very finished view of the House and some part of the kitchen garden I have left you in London at my depart to take a copy to present in a exhibition, and I have not yet get it. Finally you will be good enough to send me some drawings for the front yard, not having get anything about this part of the building. Excuse my faults, I am not well acquainted with your language.

Your very humble servant

[ass.] J.C.

Tendo o Architecto que me dêo o plano para minha futura caza, de me entregar a ultima parte dos desenhos, para cujo fim me escrevêo já, fallei ao S^r. Barbosa para prevenir a V. S^a. que effectuando-se a entrega dos desenhos, pagasse V. S^a. ahi a sua importancia que são £ 50 “ “ rogo

portanto a V. S^a. tenha a bondade de procurar M^f. D. Mocatta 57 Old Broad S^t. City, e de lhe dizer que esta autorizado para receber os Desenhos, e solver aquella quantia das £ 50. Previno porem a V. S^a. que não effectue o pagamento sem lhe serem entregues juntamente com os outros desenhos — os precisos para um — Pavillion, Summer-house, Boat house, Fountain, e um Quadro colorido que representa a casa depois de completa, vista de meio perfil, com uma parte dos jardins. Desculpe-me V. S^a. as impertinencias, e accredite que sou.

P.S. Recebendo V. S^a. os desenhos, remetta-m'os na 1^a oportunidade.//

1 - Espaço em branco no original

[UA,JC, rascunho de carta de José do Canto ao architecto Mocatta, sem data, com outro destinado ao seu correspondente em Londres]

Documento 9

Concelho da Povoação

“Propriedade denominada da Lagoa das Furnas, compoem-se de plantações de Pinheiro marítimo, castanheiro, e muitas outras espécies de árvores exóticas, e algumas choupanas para abrigo dos trabalhadores. Tem pomar de árvores de caroço, e d’espinho, que ainda não produzem; e um pequeno jardim á inglesa, que tãobem está principiado apenas.

É situada na Freguezia de Sta. Anna do logar das Furnas; confina pelo Nascente com caminho que sobe da lagoa secca para o Caminho da Ribeira Quente, passa ao Nascente do dito Caminho, fazendo umas bicadas em que confronta ora com propriedade do Marquez da Ribeira, ora com as quebradas e despenhadeiros sobranceiros à Ribeira chamada quente e caminho acima mencionado que vae para a Freguesia da Ribeira Quente: pelo sul corre pelo mais alto dos montes que olhão ao mar, confrontando com terrenos de que é Senhorio directo o dito Marquez da Ribeira: pelo ponente confina com terrenos de que é Senhorio directo o Coronel Antonio Casimiro Silveira Moniz ate chegar ao Caminho que desce da Grota de Diogo Prêto, e conduz para as Furnas, a par do qual caminho corre esta propriedade ate chegar ao logar em que desemboca a Ribeira do Rosal, em que torna a remontar a dita propriedade continuando a confrontar por este lado do ponente com mattas dos herdeiros do Barão das Laranjeiras, salto da Ribeira do Rosal, espigão de¹ ate chegar ao salto dos Macuões [ou Machões] (?), que fica sobre a Lagoa das Furnas: e pelo norte com com (sic) agoas da lagoa das Furnas ate ao caminho que vae de V^a. Franca para as Furnas, e a partir desse caminho com terrenos da Lagôa secca de que se paga pensão a Francisco Maxado de Faria e Maia. Note-se que esta propriedade é cortada pela estrada acima referida que vae de Vila Franca para as Furnas. Toda a propriedade é livre de pensão alguma, menos alqueire e quartas de que se paga a ...¹

Gusmão¹ réis¹

Forão donas da parte da propriedade que está ao Nascente da Estrada publica ¹ pessoas das Freguezias das Furnas, Ribeira Quente etc; e da parte ao ponente do Caminho Gonçalo d'Ataide Corte Real etc.
(....)

O rendimento annual, nenhum por não serem as plantações de idade, que soffrão corte.

(Avaliadores Marianno, Mestre Manoel, Mestre Laureanno)

1 - Espaço em branco no original

[UA,JC, Rascunho de José do Canto anterior a meados de 1870,
porque não há qualquer referência à Ermida da Lagoa das
Furnas]

Documento 10

St. Michaels Jan. 22, 1854

Hon^d. Sir

On the 12th. inst I went to Furnace (sic) and had fine weather to go but the following morning was rain so that it was 10 o'clock before I could get out when I with Marianno and two men went to look over the plants. I found the greater part in good condition a many has made a good growth. The New Holland plants has grown well also the Rhododendrons Aucubas, Bermudas Cedars, Araucarias, Cedar of Libanun, and Deodara, Cryptomeria, Abies Bursioniana (?), the tea plant etc.

The Lilac, Larch, Ash, Ulmus montana, etc are what has grown the least but they appear to have established themselves for another year.

I left word with Marianno to plant the bermuda Cedars in all the vacancys, and plant out the remainder in nursery rows.

I tried again to return by Lagoe (sic) de Congre (sic), but the weather was to bad it begun to rain soon after I left Furnace so I was obliged to relinquish my project and get home the best I could.

The plants here are looking as well as can be expected from the wind and rain we have had, some plants are broke a little and the more tender much cut by the wind, but I think our neighbours have suffered more in proportion then we have at St. Anna. I cannot yet become / a deciple to shelters though our plants groios more stunted but hear the wind better every year.

A few of the last new plants looks yet sichly but on the whole I cannot complain of their health.

The Poulownia I have removed and planted another in its place the largest roots of the old one was so rotten the men could dig them like soil with the spade.

I think I have nothing more at present. My wife joins me in humble but sincere wishes for the restoration of good health to your Honourd Lady also that you with your Family are in the full enjoyment of good health as I am thankful to say this leaves us at presents.

So I Remain Hon^d. Sir your Faithful Humble Servant

[ass.] George Brown

P.S. If you are sending anything from London could you send also two Doeyen (?) stones to whet seythes they are called seythe Stones.

[UA, JC, Carta a José do Canto, em Paris]

[Tradução]

São Miguel, 22 de Janeiro de 1854

Ex. Senhor

No passado dia 12 fui às Furnace (sic) e tive bom tempo para a ida mas na manhã seguinte estava chuva por isso deram as 10 horas antes de poder sair quando eu com o Mariano e dois homens fomos ver as plantas. Encontrei a maior parte em boas condições e muitas tiveram uma boa medrança. As plantas da Nova Holanda têm crescido bem e também os Rododendros Aucubas, Cedros das Bermudas, Araucárias, Cedro do Líbano, e Deodara, Criptoméria, Abeto Bursioniana (?), a planta do chá, etc.

O Lilás, Larício, Freixo, Ulmeiro montana, etc. são o que têm crescido menos mas parece que agarraram para mais um ano.

Deixei ordens ao Mariano para plantar os Cedros das bermudas em todas as abertas, e plantar o resto num viveiro em renques.

Tentei outra vez voltar pela Lagoe (sic) de Congre (sic), mas o tempo estava muito mau começou logo a chover pouco depois de sair das Furnace e por isso fui obrigado a renunciar ao meu projecto e voltar para casa o melhor que pude.

As plantas aqui estão com tão bom aspecto quanto se pode esperar do vento e chuva que temos tido, algumas plantas quebraram um pouco e as mais tenras estão muito esgalhadas pelo vento, mas acho que os nossos vizinhos sofreram mais em proporção do que nós em St. Anna. ainda não consegui tornar-me / adepto de abrigos embora as nossas plantas cresçam mais atrofiadas, mas isso é porque deste lado apanham mais vento todos os anos.

Algumas das plantas novas chegadas ultimamente ainda têm um ar enfezado mas no todo não me posso queixar da sua saúde.

A Poulownia arranquei-a e plantei outra no mesmo lugar as raízes maiores da velha estavam tão apodrecidas que os homens arrancaram-nas com a pá como se fossem estrume.

Por agora é tudo. Minha mulher associa-se aos meus humildes mas sinceros votos de recuperação da saúde de sua excelentíssima esposa e também desejamos que o senhor e Família estejam a gozar de boa saúde tal como nós presentemente graças a Deus.

Continuo, Ex.^{mo} Senhor, seu Fiel e Humilde Criado.

P.S. Se o senhor tenciona mandar qualquer cousa de Londres é favor juntar também duas pedras Doeyen (?) para afiar foices [que] são chamadas pedras de foice.

[UA, JC, Carta a José do Canto, em Paris]

Documento 11

Etat de plantations pour la propriété de Monsieur Jose do Canto,
sise Ile St. Miguel, Archipel d'Açores
(Octobre 1861. Mr. Barillet, Architecte)

Conifères osolés (sic) sur les pelouses			
Numéros d'ordre		Nombres	
N ^{os}	1	Ceplalotaxus fortuer	1
	2	Cedrus deodora	3
	3	Abies douglasii	8
	4	Cedrus Atlantica	3
	5	Pinus Exelsa	1
	6	Taxodium disticum	3
	7	Cedrus Libanii	3
	8	Tuya Occidentalis	3
	9	Cryptomeria Japonica	5
	10	Abies Pinsapo	1
	11	Taxo dium Simpervirens	1
	12	Wellingtonia Gigantea	1
	13	Araucaria Exelsa	10
	14	Abies Menziesii	10/
	15	Cedrus deodora	1
	16	Thuya Gigantea	3
	17	Abies Cephalonica	3
	18	Thuya Aurea	1
	19	Araucaria Exelsa	3
	20	Cedrus deodora	3
	21	Pinus Strobus	2
	22	Juniperus hybernica	1
		Arbres tiges isolés sur les pelouses	
	23	Peupliers d'Italie	10
	24	Sophora Pendula	4
	25	Acer Platanoides	20
	26	Citissus Alpina	3
	27	Betula rubra	3
	28	Juglans Americana	3
	29	Magnolia Grandiflora	3
	30	Mahonia Nepalensis	1
	31	Catalpa	4
	32	Amandiers roses	1
	33	Maronniers fl. rouges	12
	34	Acer negundo fol. variegatis	9

35	Frênes à fleurs	3
36	Vernis du Japon	5
37	Platanus	11
38	Erables Sycomores	5
39	Maronniers fleurs blanches	4
40	Thilia Europea	1
41	Juglans Nigra	1/
42	Ailanthus Glandulosus	5
43	Liriodendrum tulipifera	2
44	Salix pentula	1
45	Betula Alba	4
46	Quercus Coccinea	3
47	Polownia Imperialis	1
48	Maronniers rouges	3
49	Magnolia Soulangeana	3
50	Ulmus Americana	1
51	Acer Negundo folius variegata	10
52	Thilia Argentea	6
53	Virgilia Lutea	3
54	Maclura Aurantiaca	4
55	Tamarix Tetendra	3
56	Cratœgus flo.rosea ple:	3
57	Broussonnetia papyrifera	3
58	Citissus Labournum	9
59	Celtis Australis	3
60	Populus Alba	11
61	Sorbus Aucuparia	7
62	Quercus robur	5
63	Acer Opulus	3
Couffes feuilles Caduques pour les Massifs		
50	Amorpha fruticosa	
25	Amigdalus Georgica	
20	Amigdalus Glandulosus	
20	Aronia Arbutifolia	
50	Berberis Vulgaris /	
20	Berberis Canadensis	
20	Berberis Macrophilla	
20	Callycanthus floridus	
25	Caparis Spinosa	
50	Ceanothus Grandiflora	
20	Ceanothus fontesianum roseum	
50	Chamœcerasus tartarica	
20	Chamœcerasus Ledebourii	
15	Chamœcerasus Iberica	
40	Cornus Alba	
50	Cornus Sanguinea	

20	Cornus Variegata
25	Deutzia Scabra
25	Deutzia Gracillis
20	Evonymus Europeus
20	Evonymus Atropurpureus
20	Evonymus Variegata
30	Hibiscus Syriacus
30	Hybiscus pleno Alba
30	Hibiscus Ardens
30	Hibiscus Coerulea
30	Hibiscus rubra
40	Indigofera Dosua Major
20	Keria Japonica
50	Ligustrum Vulgaris
15	Ligustrum Ibota
40	Philadelphus coronaria
40	Philadelphus gardonianus
24	Philadelphus pubescens
40	Rhus Cotinus
30	Ribes Albidum /
20	Ribes Aureum
20	Ribes Gordonii
40	Ribes Sanguinea
20	Ribes flore pleno
15	Sambucus folius variegata
15	Sambucus Canadensis
25	Spirea auriefolia
20	id Biliardierii
20	id Callosa
20	id Lindlayana
30	id Prunifolia
15	Staphillea Spinota
50	Symphoricarpos vulgaris
25	Syringa Vulgaris
25	Syringa Alba
25	Syringa rubro Major
25	Wegelia rosea
	Couffes à feuilles persistantes pour Massifs
100	Aucuba Japonica
30	Buxus Arborescens
30	Buxus Simpervirens
30	Buxus Glauca
40	Ceanothus Azureus
250	Cerasus Laurus Cerasus
40	Cerasus Colchicum
100	Cerasus Lusitanica

40	Cotoneaster Buxifolia
40	Crataegus pyracantha /
10	Eleagnus reflexa
10	Evonymus Japonica
10	Garrya elliptica
15	Genista Multiflora Alba
10	Genista Siberica
10	Genista Juncuor
100	Ilex varies
30	Ligustrum Buxifolium
15	Filaria Augustifolia
20	Rhamnus Alaternus
10	Ulex Europea
20	Viburnum Tinus
Arbres tiges pour les Massifs	
15	Acer Negundo fol: Var:
20	Ailanthus Glandulosus
15	Amigdalus Grandiflora rosea
15	Broussonettia Papyrifera
15	Celtis Australis
15	Cerasus Avium, fl: pl:
15	Cercis Siliquastrum
20	Thionanthus Virginica
15	Crataegus flore alba plena
15	Crataegus flore rosea plena
15	Crataegus punicea
20	Cytisus Laburnum
15	Machica Aurantiaca
15	Polownia Imperialis
15	Pavia Macrostachia /
15	Populus Alba
15	Sorbus Aucubaria
15	Tamarix tetandra
15	Tilia Argentea
15	Virgilia Lutea //

[UA,JC]

Documento 12

Morningside
Bailsworth
Glostershire 15 Jan.^y 1856

Sir

In answer to yours of the 12.th Inst. wich I have just received, Being an Agricultural Engineer by profession. I have furnished the plans of all the Farm Buildings. I have erected — giving specifications — and estimates of the cost — and generally bargained with the several workmen to do the work with the mason — Bricklayer — Carpenter — Slater and Plasterer separately and in this way have got the work done better¹ and at a² less cost than by employing a Builder. I have erected agricultural Buildings on the Box system for Sir John Anson and I proposed formed and carried out.

I shall be pleased to make / plans for you either on the Box principle or on the _____(?) (sic) mode of Yards and _____³ of plans⁴ for the accomodation of the strek you have mentioned for the Farm which you wrote to my son about, the extent of which you say is "270.000 square yards" this is about 56 acres of arable land I presume that is a considerable extent of good Bastard⁵ land besides⁶ the 56 acres of arable. You mention cows, Bulls, Bullocks, calves, Pigs, sheep, and Poultry, but no horses. If you adopt the alternate system of cultivation (which is the best and most profitable) you will have only about 28 acres producing a root or fodder crop (the other 28 are producing wheat and Indian Corn) I fear if you grow 28 acres of grain the other 28 acres will not be sufficient to produce food to maintain the 37 head of beasts, 120 sheep besides the Pigs unless you have sufficient extent of good _____⁷ (sic). If you wish me to make plans for you it would be well for us to have some conversation on the mode of cultivation and its object before I proceed with the plans as I would then be better able to give / you the proper amount of accomodation for all objects you will require in producing and consuming the produce of the Farm. The extent of the Bastard⁸ land as well as of the arable land is required to enable me to judge of the quantity of stock which the Farm can sup-

port, and also in what way the produce is to be prepared for the market and also what kind of market whether it be continuous or remittant and whether it may be sold every week or only once or twice a year or when the ships call for it. will any machinery be required; I have furnished thrashy machine⁹ chaff¹⁰ with Bean and crusher¹¹ and Bruiser and Flour mill¹² for grinding wheat into Flour etc. you will please to write me on this subject. If you wish it I could come and meet you in London any day at Woods Hotel, Furnival Inn, Holborn.

I am Sir
yours faithfully
John Morton
[ass.]

¹ “better” não consta da 1ª cópia.

² “a” não consta da 2ª cópia.

³ Na 2ª cópia, o intervalo da 1ª contém a palavra “Lays”.

⁴ Na 2ª cópia a palavra “places” substitui “plans” da 1ª.

⁵ A palavra “Bastard” da 1ª cópia foi substituída na 2ª por “Pasture”.

⁶ Na 1ª cópia, “besides”; na 2ª “beside”.

⁷ O intervalo da 1ª cópia foi substituído na 2ª pela palavra “Pasture”.

⁸ De novo a palavra Bastard da 1ª cópia foi substituída na 2ª por “pasture”.

⁹ Na 2ª cópia “machines” está no plural.

¹⁰ Na 2ª cópia consta “chaff cutters, Bean” e não “chaff with Bean”.

¹¹ Na 2ª cópia, em vez de: “and crusher and Bruiser” consta “and linseed bruiserer”.

¹² Em vez de “mill” a 2ª cópia tem “mills”.

[UA,JC, duas cópias feitas por Parkin Scholtz Esq. de uma carta de John Morton para José do Canto, 15-1-1856]

Documento 13

Georges Aumont
Architecte de Jardins
Représentant de Mr. Barillet
Deschamps
Jardinier en Chef du
Bois de Boulogne, du
Parc de Vincennes, des
Squares et Jardins Publics
de la Ville de Paris
Rue de la Pompe, 71,
Passy - Paris
des Samedis jusqu'à Midi¹

Paris, le 17 Mai 1864

Monsieur

J'ai l'honneur de vous informer qu'ainsi que vous l'avez désiré, je me suis occupé d'avoir un de nos meilleurs directeurs de travaux, afin qu'il puisse s'occuper à votre entière satisfaction de votre propriété. Non seulement faire le tracé de votre parc, mais donner sur les lieux tous les renseignements nécessaires, relever, et reporter tous les plans et / nivellements que vous jugerez convenable (sic). Comme homme de gout, je suis persuadé que vous en serez satisfait, son extrême habitude de nos grands travaux nous est garant de votre entière satisfaction. Pour ce qui concerne les conditions de ce voyage, il reste convenu, ainsi que vous avez eu l'obligeance de me le dire que les frais d'aller et de retour resteraient a votre charge en plus, il nous serait alloué une somme de deux mille francs, pour appointment, des frais, et tracé, etc. pour un séjour qui ne dépasserait pas six semaines.

Pensant Monsieur que cette offre vous sera agréable je vous envoie Monsieur de la Morandière mon employé pour que vous veuillez bien lui / dire ce que vous décidez a ce sujet, afin que nous même nous puissions nous fixer sur l'emploi du temps de Monsieur L'Ainé (sic).

Veillez agréer je vous prie Monsieur l'assurance de mes sentiments les plus dévoués.

[ass.] Georges Aumont

¹ Timbre.

[UA, JC, Carta de Georges Aumont, arquitecto de jardins, a José do Canto, Villa de la Réunion, Auteuil, Paris, 17-5-1864]

[Tradução]

Georges Aumont
Arquitecto de Jardins
Representante do Sr. Barillet Deschamps
Jardineiro Chefe do Bosque de Bolonha,
do Parque de Vincennes, das Praças e
Jardins Públicos da Cidade de Paris
Rue de la Pompe, 71,
Passy - Paris
aos Sábados até ao Meio dia¹

Paris, 17 de Maio de 1864

Ex. Senhor

Tenho a honra de informar que mal V. Ex. exprimiu esse desejo, me encarreguei de escolher um dos nossos melhores directores de trabalhos para se ocupar de modo inteiramente satisfatório da propriedade de V. Ex.. Não só fazer o traçado do parque, mas dar nos locais todos os esclarecimentos necessários, levantar, e passar todos os planos e nivelamentos que

V. Ex. considere convenientes. Estou persuadido de que, como pessoa de bom gosto que é, V. Ex. ficará satisfeito com ele, pois a sua enorme familiaridade com os nossos grandes trabalhos são garantia de total satisfação. No que respeita às condições desta viagem, fica acordado, tal como teve a gentileza de me comunicar que as despesas de ida e volta ficarão a cargo de V. Ex. sendo-nos também abonada a soma de dois mil francos, para honorários, encargos, e traçado, etc. para uma estada que não ultrapassará seis semanas.

Crendo que esta oferta agradará a V. Ex. envio o Senhor de la Morandièrre meu funcionário para que V. Ex. faça o favor de lhe / comunicar o que decidir sobre este assunto, de modo a que nós próprios possamos resolver sobre o emprego a dar ao tempo do Senhor L'Ainé.

Queira Ex. Senhor aceitar os protestos da minha mais elevada consideração.

[ass.] Georges Aumont

¹ Timbre.

[UA, JC, Carta de Georges Aumont, arquitecto de jardins, a José do Canto, Villa de la Réunion, Auteuil, Paris, 17-5-1864]

Documento 14

Paris, le 4 Juin 1864

Monsieur

J'accepte les conditions contenues dans votre Lettres d'hier et dont nous nous sommes entretenus jeudi dernier. Vous mettez donc monsieur Lainé (sic) votre conducteur de travaux à ma disposition pour se rendre à ma propriété de l'île (sic) St. Michel, faire le tracé du parc, établir les profils, plans, états de plantations, devis etc et enfim donner toutes les indications nécessaires aux travaux que je désire faire exécuter; Mr. Lainé partira de Paris le huit Juin courant et devra être revenu à Paris le Quinze Septembre prochain au plustard (sic), et ce moyennant la somme de deux mille francs que je m'engage à vous salder sur votre reçu comme suit:

Cinq-cents francs le sept Juin courant et quinze cents francs le quinze Novembre prochain.

Il reste convenu que les frais de voyage transport en chemin de fer, bateaux à vapeur, / dilligences etc en 2^a classe frais de Logement et de nourriture etc de monsieur Lainé resteront à ma charge depuis le départ jusqu'au retour à Paris.

Les frais d'instruments d'arpentage de bureaux correspondance obligée pour les travaux resteront a (sic) votre charge.

Recevez monsieur l'expression de mes sentiments distinguées

[UA, JC, Minuta para o contrato de Lainé, enviada por Georges Aumont a José do Canto, Paris, 4-6-1864]

[Tradução]

Paris, 4 de Junho de 1864

Ex. Senhor

Aceito as condições contidas nas suas Cartas de ontem e sobre as quais conversámos na passada quinta-feira. Assim V. Ex. coloca à minha disposição o seu director de trabalhos senhor Lainé (sic) para se dirigir à minha propriedade da ilha de S. Miguel, fazer o traçado do parque, definir os perfis, planos, locais das plantações, orçamentos etc. e em resumo dar todas as indicações necessárias aos trabalhos que desejo mandar executar; o Sr. Lainé partirá de Paris a oito de Junho corrente e deverá estar de regresso a Paris no máximo até ao próximo dia quinze de Setembro, isto mediante a soma de dois mil francos que me comprometo a liquidar mediante recibo seu do seguinte modo:

Quinhentos francos no dia sete de Junho corrente e mil e quinhentos francos no dia quinze de Novembro próximo.

Fica acordado que as despesas de viagem transporte por caminho de ferro, barcos a vapor, / diligências etc. em 2ª classe despesas com Alojamento e alimentação etc. do senhor Lainé correrão por minha conta desde a partida até ao regresso a Paris.

As despesas com os instrumentos de agrimensura material de escritório correspondência exigida pelos trabalhos ficarão a seu cargo.

Queira aceitar os protestos da minha elevada consideração.

[UA, JC. Minuta para o contrato de Lainé, enviada por Georges Aumont a José do Canto, Paris, 4-6-1864]

Documento 15

Paris de 6 Juin 1864,

Monsieur

J'ai l'honneur de vous confirmer les conventions verbales que nous avons faites pendant votre visite de Jeudi dernier 2 Juin courant; Il resulte de ces conditions, que nous mettons à votre entière disposition Mr. Lainé notre conducteur de travaux pour se rendre dans votre propriété de l'Ile St. Michel (Açores) faire le tracé du parc, établir les profils, plans, états de plantations devis, etc et enfin donner toutes les indications nécessaires pour les travaux que vous désirez faire exécuter, il partira de Paris le 8 Juin courant et devra partir de St. Michel le quinze Septembre prochain au plus tard et ce moyennant la somme de deux mille francs que vous vous engagez à payer entre nos mains et sur mes reçus, comme suit: Cinq-cent francs le 7 Juin courant et quinze cents francs le quinze novembre prochain.

Il reste convenu que les frais de voyages/transport en chemin de fer, bateaux à vapeur, diligences etc en deuxième classe, frais de Logement et de nourriture de monsieur Lainé seront à votre charge jusqu'à son retour à Paris, et depuis son départ.

Les frais d'instruments d'arpentage, de bureau, correspondance obligée pour ces travaux resteront à votre charge.

Voici, Monsieur l'exposé des conventions que je vous prie de vouloir bien ratifier en en acceptant la copie ci-joint.

Veillez, Monsieur, agréer l'expression de nos sentiments bien dévoués.

[ass.] Georges Aumont

[J.C., Carta do arquitecto de jardins Georges Aumont a José do Canto, Villa de la Réunion, Auteuil, Paris, 6-6-1864]

Documento 16

Nº 292

BPF 500

Reçu de¹ Monsieur Jose do Canto propriétaire à l'île St. Michel (Acores) (sic), et pour travaux préparatoire (sic) concernant tracé, profils, devis etc de la dite propriété

La somme de¹ cinq-cents francs

Valeur¹ acompte sur la somme évaluée pour ces frais etc etc

Paris, le¹ 7 Juin 1864,

[ass.] Georges Aumont

¹ Impresso.

[UA,JC, Recibo de 500 francos pagos a Georges Aumont por José do Canto, 7-6-1864]

Documento 17

Paris le 19 Juillet 1865

Monsieur José Do Canto

Ne sachant pas l'époque à laquelle vous reviendrez en France (sic), je viens vous demander de me permettre d'avoir recours à votre obligeance et me faire le plaisir de mettre à ma disposition le montant de la note de notre convention relative au tracé d'un Plan de Parc, dans votre Propriété sise aux Açores, pour le Géomètre M. Lainé.

Je vous serais infiniment obligé de me faire parvenir cette somme s'élevant à 1868.50 f. compris les frais du voyage de retour de M. Lainé et la nourriture.

En attendant que vous m'honoriez d'une réponse approuvant ma démarche,

Veuillez agréer Monsieur
l'assurance de mes sentiments(sic) bien dévoués

[ass.] Georges Aumont

[UA,JC, Carta enviada a José do Canto, em S. Miguel, Açores,
Portugal, Paris, 19-7-1865]

Documento 18

Reçu de Monsieur do Canto la somme de mil huit cent cinquante neuf francs pour solde de tout (...) ¹ de compte jusqua ce jour soit pour honoraires soit pour frais de conducteur de travaux

Paris le 7. 8^{bre}. 1865

[ass.] Georges Aumont

¹ Palavra não decifrada.

[UA,JC, Recibo manuscrito de 1.850 francos recebidos por Georges Aumont, Paris, 7-10-1865]

Documento 19

Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Sr. José do Canto

Recebi o favor de V. Ex^a de 29 do passado no qual com a sua reconhecida bondade se prontificou a descobrir-nos um jardineiro para dirigir o Jardim Botânico d'esta Cidade.

Às informações que V. Ex^a me pede, para melhor se orientar na escolha do individuo, cumpre-me responder o seguinte:

1º Precisa-se d'um Jardineiro em chefe, director de todos os trabalhos, com uma certa experiencia e conhecimentos scientificos, pois a natureza do Jardim assim o exige.

2º Em quanto a naturalidade julgo preferivel a ingleza, mas nesta parte V. Ex^a julga/rá como melhor entender: o que se estimaria era que fallasse francez.

3º Não tem casa paga.

4º Contracto por 4 annos.

5º Ordenado de 500 a 800\$000 rs. conforme o seu merecimento, preferindo-se o melhor ainda que mais caro.

6º Ningem (sic) paga á custa do estado.

V. Ex^a porem não se deve prender ao rigor da lettra, mas sim como melhor julgar em harmonia com o fim a que nos propomos.

O Director do Jardim vae escrever ao Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, membro da faculdade de Medecina, / e que se acha em Paris (Rue Bonaparte, Hotel S. Georges) a seguir differentes cursos, pedindo-lhe se dirija a casa de V. Ex^a para combinarem e desfazerem qualquer duvida que haja a tal respeito, pois nos consta que elle tambem tem tomado algumas informações sobre o mesmo objecto, mas nada sabemos ainda de positivo.

Como ha pressa neste negocio V. Ex^a com elle pode tomar uma resolução definitiva. Desculpe V. Ex^a este encomodo, e disponha sempre com a maior franqueza de quem se preza de ser

De V. Ex^a
Muito amigo e Attento Venerador

[ass.] Carlos M. Gomes Machado

Coimbra, 14 de Julho de 1865
Rua das Cosinhas

[UA,JC, Carta recebida por José do Canto, com carimbos de Lisboa
15 e de Ponta Delgada 18-7-1865]

Documento 20

Mr. José de (sic) Canto, Portugais, demeurant à Paris, commissionné par Mr. le Professeur, sr. Henrique de Bento d'Almeida, Directeur du jardin botanique de l'Université de Coimbre, dûment autorisé pour le Conseil de cette Université d'une part. Et Mr. Edmond Goëze, allemand, demeurant au jardin botanique de Kew, en Angleterre d'autre part, a été convenu et arrêté ce qui suit:

Les contractants ci-dessus denoumés consentent aux conditions suivantes, et d'un commun accord y par lesquelles le sieur Edmond Goëze accepte et s'engage à remplir les fonctions de jardinier en chef du Jardin botanique de Coimbre.

1°

Edmond Goëze dans l'accomplissement de ses fonctions, sera sous l'immédiate et exclusive direction de Mr. le Directeur que l'Université met à la tête du Jardin botanique, duquel il recevra les instructions nécessaires: Aucun ordre ne s'exécutera dans le departement horticole sans connaissance et par l'entremise directe du Jardinier en chef.

2°

Au moment où Edmond Goëze entrera en fonction, un inventaire sera dressé pour tout le materiel existant, et s'il est possible de conter les plantes et graines qui s'y trouveraient.

3°

Le réglemeut du jardin botanique, s'il en existe un, devra être livré au Jardinier en chef au moment de son entrée dans cette établissement, et s'il n'existe pas, Mr. le Directeur s'engage à le faire rédiger dans le plus bref délai possible. Dans ce réglemeut, les fonctions du Jardinier en chef seront détaillées à part; en autre, on réglera les fonctions et devoirs de tous les Employés attachés au dit jardin, lesquels seront sous les ordres du Jardinier en chef; de même que pour les ordres du Jardinier en chef; de même que pour les heures de travail des ouvriers, l'admission des visiteurs, les conditions de vente, achat et d'échange etc.

4°

Les fonctions du Jardinier en chef, tant qu'elles ne seront détaillées / consisteront, en général, dans la direction et la surveillance de tous les travaux horticoles et botaniques du jardin, c'est à dire, dans la culture, la conservation et la pro-

pagation des plantes de serre et de pleine terre, dans la récolte et la conservation des graines, dans le soin des étiquettes et de l'exacte nomenclature des espèces qui lui seront confiées dans la production des exemplaires qui seront réclamés afin de servir à l'étude de l'École de Botanique; enfin dans tout ce qui (sic) pourra rendre le jardin plus utile et plus digne du bût qu'on se propose d'atteindre.

5°

Le dit Edmond Goëze se prêtera volontiers à rendre tous les services qui seront à sa portée et compatibles avec ses devoirs et son engagement.

6°

Il est expressement déclaré que Edmond Goëze ne se charge et ne se chargera pas de donner les plans, ni de diriger l'exécution des travaux qui se feront et pourront se faire pendant son administration lesquelles travaux deviendront nécessaires pour l'agrandissement ou l'embellissement du jardin actuel, les dits travaux étant du ressort d'un Jardinier paysagiste ou du Jardinier Architecte.

Les agrandissements qui pourraient résulter par suite de ces travaux, ne donneront lieu à aucune augmentation de son traitement dont le prix est fixé ci-dessous.

7°

Le sieur Edmond Goëze recevra un traitement annuelle de quatre mille francs par an — 4.000,f00.

Ce traitement sera payé par douzième, c'est à dire qu'au dernier jour ou au premier jour de chaque mois, il touchera la somme de trois cent trente trois francs, trente trois centimes — 333,f33c.

Le dit prenant sera logé gratuitement. Quant à son traitement: il comptera du jour où il arrivera à Lisbonne ou à Coïmbre. Il lui est laissé la faculté de séjourner au certain nombre de jours qui n'exédera pas¹ pour visiter Lisbonne et ses environs.

8°

Le sieur Edmond Goëze s'engage à partir pour Lisbonne / par le premier bateau à vapeur qui sortira de Londres à cette destination, après le trente Juin, mil huit cent soixante six.

9º

Les frais de voyage du dit Edmond Goëze par mer et par Carre, jusqu'à Coimbre, sont à la charge de l'Administration du jardin botanique et l'université de cette ville,

10º

Si, au contraire de tout cequ'il (sic) y a lieu d'espérer, un desaccord inconciliable survenait entre Mr. le Directeur du jardin botanique et le dit Edmond Goëze, ou une autre incompatibilité quelconque et insurmontable; aucune résiliation du présent engagement ne pourra être donnée, ni reçue, d'une part ou de l'autre, sans un avis motivé et préalable de six mois à l'avance, à moins que d'un commun accord, on refasse exception à cette convention.

11º

Dans le cas où le dit Edmond Goëze recevrait avis d'avoir à quitter ses fonctions, cette notification ne pourra lui être fait que sur un avis signé de mr. le Directeur et approuvé par le Conseil de l'Université. À cet effet le dit Goëze recevra à titre d'indemnité le montant de ses frais de voyage pour son retour à Londres et ce par la voie la plus directe. Mais si le sieur Goëze, par suite de circonstances qu'on ne peut prévoir venait à les quitter par ce seul fait, les frais de retour resteraient à sa charge à moins que ce ne soit pour cause de santé.

12º

Mr. José de Canto, tout au nom, qu'un qualité de représentant de Mr. le Directeur du jardin botanique de Coimbre, dûment autorisé par le Conseil de l'Université, comme sous sa propre responsabilité; de même le sieur Edmond Goëze, de son côté, s'engagent à exécuter fidèlement et ponctuellement toutes les dispositions énoncées dans le présent engagement.

En foi de quoi les prenants sus dénommés ont signé le présent contrat fait en double et échangé pour servir et valoir / ce que de droit et avec temoins au desir des contractants et ce à la date du¹.

¹ Espaço em branco.

[UA, J.C., Minuta, sem data nem assinatura, do contrato a estabelecer por José do Canto com o jardineiro Edmond Goëze, como representante do Director do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e do Conselho universitário]

Documento 21

Ex^{mo}. patricio Sr. José do Canto

Coimbra 30 de Julho 1866

Há tempo recebi o favor de V. Ex^a a que ainda não havia respondido pois esperava a chegada do Jardineiro, a fim de, com maior conhecimento, lhe agradecer todos os encommodos e fadigas que V. Ex. teve na procuração d'aquelle empregado. Hoje, que já o começamos a avaliar devidamente, mais temos a agradecer a V. Ex^a a sua boa escolha.

Estão aqui todos mui satisfeitos, pois que alem de nos parecer um excelente moço, é muito trabalhador e no pouco que já apparece feito, revela bem intelligencia, saber e gosto.

A primeira cousa de que elle se occupou foi da limpeza da estufa, preparando-a para receber as plantas, que a devem ornar. Neste pon/to porem estamos pobrissimos, e é necessario procurar e já não poucas plantas.

Antes do nosso patricio Antonio Borges da Camara sahir d'aqui este anno para os Açores havia-me elle suggerido a idea da conveniencia de mandar ali o jardineiro solicitar dos differentes amadores a sua quota para embelesamento do nosso jardim: bem viamos nós que tal viagem sem a coadjuvação de V. Ex^a, que ali possui a mais rica collecção, seria acanhada nos seus resultados, mas confesso francamente que me não atrevia a encommodar ainda V. Ex^a para tal fim.

Vendo porem a carta que V. Ex^a dirigio em 31 de Maio ultimo ao Director do Jardim, fazendo expontaneamente um offercimento, por que tanto anhelavamos, era evidente / que não pudiamos (sic) deixar de aproveitar um tal ensejo, e assim rezolvemos mandar já Mr. Goëze no paquete de 15 d'Agosto proximo.

Uma outra vantagem, que esta viagem sem duvida oferece, é o estudo mesmo das estufas em S. Miguel, afim (sic) de elle poder observar as condições caloriferas que é necessario dar ás nossas, etc, etc.

Como porem era indispensavel que elle fosse ali achar as respectivas ordens de V. Ex. é por isso que eu, conhecedor da generosa offerta de V. Ex., tomo a liberdade de lhe rogar previna o seu jardineiro de S. Miguel afim de que franqueu (sic) a Mr. Goëze o que V. Ex. entender e julgar conveniente.

Este pedido devia já ter sido feito, pois que só nos faltava 15 dias para a resposta / d'esta poder ir pelo paquete de 15 d'Agosto, como convinha, mas ainda se poderá remediar se V. Ex. poder de prompto dar as suas ordens.

Peço a V. Ex. me recommende aos seus cunhados, se ainda ahi estão, e muito folgarei saber que a doente vai recuperando a saude.

Se V. Ex. entender que em qualquer cousa eu lhe possa ser util nesta terra obsequieia-me em dispor sempre de quem se preza de ser com toda a consideração.

De V. Ex.
Patricio e Amigo obrigadissimo

[ass.] Carlos M^a Gomes Machado

[UA,JC, Carta de 30-7-1866, dirigida a José do Canto, em Paris]

Documento 22

Jardineiro

Quer-se um homem solteiro de 30 annos para cima que seja sobrio, e bem morigerado, tendo ao mesmo tempo genio affavel, e trabalhador. Quer-se este homem para plantar um predio, segundo o plano que se lhe der para o que se lhe fornecirão os necessarios meios — a plantaçaõ consta simplesmente de arbustos e flores — arvores de fructo não forçadas, e o que os inglezes chamão "pleasure grounds"; quer-se tãobem que o jardineiro forneça regularmente a familia que o toma de hortaliças — (couves, repolhos, alfaces e outras salladas — couves flores (sic), espargos — sweet herbes, cenouras e ervilhas) —; depois de plantado o campo não se exige senão a sua conservação e augmento, bem como a cultura da horta, entendendo-se que se lhe darão sempre os homens que extraordinariamente carecer.

Seria muito conveniente que este homem conhecesse os elementos de Botanica, e tivesse noções geraes da Agricultura aperfeiçoada da Grã-Bretanha — não para a praticar, mas para dar algumas informações.

O Paiz para onde vae é para a Ilha de S. Miguel nos Açores — para a cidade principal — logar tão temperado que nunca se accende fogo, e aonde / durante o anno 200 a 300 navios de Inglaterra (sic).

Dar-se-lhe-ha um quarto confortavel, cama, roupa lavada, comida, e vinho ao jantar, remedios e medico se estiver doente. Quer-se justo por 3 annos, podendo continuar por mais, se convier as partes contractantes e se antes de findar o prazo alguem não preencher as condições, decidirá a pendencia o Consul e um subdito Inglez, ficando o proprietario livre de fazer as despezas de torna viagem, se for o Jardineiro que faltar ao estipulado, ou tiver alguma quebra no seu character. O Proprietario dará por fiança do seu contracto (sic) um ou dous negociantes Inglezes, e o jardineiro apresentará os seus certificados e atestações inclusive o de Mr. Whileley e Osborne.

O Proprietario obriga-se a fazer a despeza de viagem (sic), e da sua volta, salvo o caso já especificado. O Jardineiro começará a vencer o seu ordenado desde o dia do seu embarque para S. Miguel que será impreterivelmente de 15 de Julho ao fim d'Agosto do corrente anno; mas como

serão precisos os seus serviços na compra d'algumas sementes, plantas, e instrumentos, recebera um (sic) gratificação diaria, que se convencionar, pelos dias empregados.

Que ordenado se deverá dar?

N.B. Não havendo nenhum, outro jardineiro na Ilha, se alguém requerer os seus serviços, dispensando-o o Proprietario, qualquer gratificação que elles mereção pertencerá ao Jard^{ro}.//

[UA,JC, Rascunho sem data nem assinatura, servindo de minuta para a contratação por José do Canto, do jardineiro George Brown]

Documento 23

Attesto em como o Señr Jorge Brown me servio na qualidade de jardineiro durante 3 annos e 3 mezes. Em todo este decurso não tive occasião de o achar uma só vez menos activo, probro, ou intelligente. Esteve empregado na composição d'um jardim, cuja construcção offerencia muitas difficuldades, e em todas as operações que emprehendeo mostrou perfeito conhecimento da sua arte, e uma practica mui superior.

Na elevação de planos, nivelamentos, e propagação de plantas mostrou-se muito habil, bem como em todos os mais ramos de jardinagem, taes como a producção de hortaliças, tratamento de arvores fructiferas, de flores e estufas.

É um homem regularissimo no seu trabalho, perfeitamente bem educado, e não lhe conheci nunca o menor vicio. Foi sempre muito honesto, religioso, e delicado, por cujo motivo não tivemos nunca a menor desintelligencia, e o considerei sempre antes como um Amigo do que como um jardineiro./

Não solicitou de mim este certificado, mas julguei devêl-o ao zelo, e boas qualidades que lhe conheço, estando certo que o seu novo Employer, sendo um Cavalheiro rasoavel, terá muitas occasiões de reconhecer a verdade do que affirmo.

S. Miguel nos Açores

[ass.] José do Canto//

[UA,JC, Certificado de José do Canto sobre a competência e qualidades do seu jardineiro Jorge Brown, ms. sem data]

Documento 23 a

Catalogo das plantas existentes em Sta. Anna com etiquetas de chumbo
por extenso começado em Janeiro de 1847

Ulmus	pendula
“	viminalis
Cedrus	Deodara
“	Libani
Abies	Canadensis
Acer	Monspessulanum
“	Creticum
AEsculus	Hippocastanum
“	Whiteleyii
Amelanchier	botryapium
Arbulus	hybrida
“	Millerii
“	procera
Aristotelia	Macqui
“	“ varieg.
Aralia	japonica
Aucuba	japonica
Benthamia	fragifera
Berberis	dulcis /
Berberis	heterophylla
“	aristata
“	empetrifolia
Betula	laciniata
Broussonetia	papyrifera
Budlea	globosa
Buxus	balearica
Caragana	arborescens
“	spinosa
Cerasus	lusitanica
“	laurocerasus
Chimonanthus	frangrans
Gum	Cistus
Cistus	purpureus
“	laxus

“	crispus
Cornus	alba
“	sanguinea
Cotoneaster	denticulata
“	buxifolia
“	microphylla
Mandevillea	suaveolens
Switenia	mahogani /
Cratægus	Crus galli
“	punicea
“	punicea flora plena
“	oxycantha multiplex
“	mexicana
“	pyracantha
Cupressus	sempervirens
“	torusola
Cytisus	incarnatus
Daphne	pontica
Deutzia	scabra
Edwardsia	grandiflora
Escallonia	mondevidense
Garrya	elliptica
Gymnocladus	canadensis
Hypericum	Elatum
Iley	balearica
Juniperus	suecica
“	virginiana
“	phœnicia
“	recurva
“	chinensis /
“	Bermudiana
Loycesteria	formosa
Liriodendron	tulipifera
Lonicera	Brownii
Magnolia	grandiflora exomiensis
“	tripetala
“	conspicua
“	Soulangeana
Ornus	europœa
Mahonia	Fascicularis
Ardisia	crenulata
Lagerstromia	indica
Pergularia	odoratissima
Pavia	discolor
Philadelphus	flore pleno

Phylirea	angustifolia
“	latifolia
Photinia	serrulata
Picea	pectinata
“	balsamea
“	religiosa
Pinus	combra
“	excelsa /
Populus	nigra
“	angulata
“	heterophylla
“	candicaus
“	salicifolia
Prinos	Glaber
Pyrus	hybrida
“	Aria
Quercus	fulhaniensis
“	coccinea
“	Lucombeana
“	rubra
“	Ilex
“	Ballota
“	lanata
“	conferta
Rhamnus	hybrida
Rhus	cotinus
Salix	babylonica crispa
Spyroa	opulifolia
Sophora	japonica pendula
Scarlet	Lilae /
Tilia	alba
“	pendula
Ulmus	nana
Taxus	fastigiata
Taxodium	sempervirens
Achimenes	picta
“	multiflora
“	longiflora
“	grandiflora
“	pedunculata
Gloxindia	candida
“	bartonii
“	rubra
“	speciosa
Lilium	lancifolium album

OS “CANTO” NOS JARDINS PAISAGÍSTICOS DA ILHA DE S. MIGUEL

“	“ punctatum
“	“ rubrum
Acacia	pendulina
Croton	variegatum
“	pictum
Dracona	ferrea
“	terminalis /
Salvia	cardinalis
“	pseudo coccinea
“	pactus
Plumbago	rosea
Rhododendron	arboreum album
“	“ roseura
“	Smithis
“	alta-clarense
“	Cannighamii
“	nobleanum
Echinocactus	cornigerus
“	othonis
“	obvallatus
“	erinaceus
“	corynodes
“	robustus
“	ingens
“	gayanus
“	concinus
Echinopsis	multiplex
“	zuccarini
Mamillaria	Rhodantha
“	aureiceps /
“	nivea
“	Karninskiana
“	dolichocentra
“	quadrispina
“	pyracantha
“	cirrhifera
Cereus	azurens
“	nigricans
“	variabilis
“	Cavendishii
“	Strigosus
“	rostratus
“	Deppei
“	nycticalus
“	Bomplandi

NESTOR DE SOUSA

“	ramosus	
“	speciosissimum	
“	heplagonus	
“	grandiflorus	
“	flagelliformis	
“	triangularis	
Epiphyllum	Achermanii major /	
“	coccineus grandiflorus	
“	Russelianum	
“	truncatum	
“	speciosum	
Philocereus	senilis	
Opuntia	Cylindrica	
“	“	
“	“	
Eugenia	malacensis	coccineum
Begonia		
Laurus	cinamomum	
Gardenia	radicans	
Musa	Cavendishii	
Ixora	Coccinea	
Euphorbia	splendens	
Acacia		
Poinciana		
Tabernomontana	angustifolia	
Hibiscus	rosa sinensis rubra plena	
Poinsetia	pulcherrima	
Swainsonia	galegifolia /	
Daphne	sinensis	
Stephanotis	floribunda	
Stochia	speciosa	
Franciscea	latifolia	
Crotolaria	elegans	
Jasminum	grandiflorum	
“	revolutum	
Metrosideros		
“		
“		
Hoia	carnosa	
Cytisus	n. sp New Holland	
Pistachia	vera	
Russelia	jumea	
Thea	viridis	
Hennedia	monophylla lilaima	

OS “CANTO” NOS JARDINS PAISAGÍSTICOS DA ILHA DE S. MIGUEL

“	“
Chamorops	humilis
Melaleuca	
Calystachis	ovata
Bignonia	speciosa /
Gardenia	? (sic)
Ephedra	altissima
Crinum	amabile
“	americanum
Amaryllis	longifolia
Pranocratum	declinatum
“	Slliricusa
“	Vereendum
“	Maritimum
Homanthus	coccinea
Arbulus	unedo
Azalea	indica alba
Azalea	phonicea
Stapelia	
Ruca	falcata
Opuntia	
“	
Acacia	vestita
Sollya	heterophylla
Clematis	Sieboldii
“	azurea
“	florida fl. pl. //

[UA, JC, relação manuscrita por José do Canto]

Documento 24

Ponta Delgada 22 9^{ber} 1849

Dear Sir,

After I have received your obliging letter (17 July 1848), every day I have intended [intended] to answer you, and every day I have been opposed to by the difficulties I feel in writing [writing] in english [English]. Be so good as to excuse my fault, sure as you must be the origin of it is not my disconsideration for you.

I have received all the remaining drawings and details you have forwarded me by Mr. Pereira, and they pleased me very much.

The progress of my works is not so great as any Englishman [Englishman] would anticipate, because the workmen here are very slow, and also because my means are not sufficient to build in few year [in a few years] as large a building as you have given me the plans; but I expect to finish everything if God keeps my life.

I have begun [began] with the gardens under Mr. Brown's direction, and notwithstanding [notwithstanding] many local difficulties I meet, they are now complete with the exception of the lake, whose excavation is going on under my new gardener Mr Wallace. I ha [have] completed the greenhouse by your plan, and a series of pit [pits] for pineapples according to the drawing of Mr Wallace. The stable offices are near [nearly] complete; at least [I hope] to get it complete in the course of two or three months. I have builded also [also built] the pigstys [pigsties] according to your plan.

I am now repairing a house I have bought adjoining my fields to dwell in, while the larg [large] one is builded [built], whose erection will begin I suppose next year.

I have have (sic) also conducted water [from] a long distance and made a very large reservoir to furnish the gardens and the house. This reservoir is 90 feet above the level of the house.

I have made walls round all my ground and I have been contiunally working.

Mr. Brown is the bearer of this letter, and I can assure you scarcely a more probe and intelligent gardener could be found for myself. Unhapily [Unfortunately] he returns to England to see her [his] family and I could not keep him longer.

He can explain you everything you wish to know better than myself with my unintelligible writting [writing].

The garden you proposed to make in the front¹ of the dinning [dining]-room and greenhouse must be the better [best] and nicest in the lot (?) on account of their conspicuous plan, and by (sic) being the only spot particularly devoted to flowers [on] the ground, [it] is now level, ready to sow in grass, and you would oblige me very much if, paying so[me]² [at]²tention to Mr. Brown[’s] notices (sic), dimensions and levels, you would f[rom]² (?) me with a large plan for that part. I could not adopt a plan from any other hand, by fear it would not be in harmony with the remainder, and because this would injure the good tact (sic) you have shown in all your drawings.

Excuse me //

¹ Sobre a palavra “Front” está intercalada a palavra “Between”.

² Deduzido devido ao papel estar rasgado.

[UA, JC, Rascunho de carta de José do Canto destinada ao arquitecto David Mocatta].

[Tradução]

Ponta Delgada, 22 de Novembro de 1849

Ex^o Senhor,

Desde que recebi a sua prestimosa carta (17 Julho 1848), todos os dias tentei dar-lhe resposta e todos os dias me confrontei com as dificuldades que sinto ao escrever em Inglês. Tenha a bondade de perdoar esta deficiência, certo como estará de que ela não significa desconsideração da minha parte para consigo.

Recebi os restantes desenhos e pormenores que me enviou pelo Sr. Pereira, os quais muito me agradaram.

O progresso nos meus trabalhos não é tão grande como um inglês poderia esperar, porque aqui os trabalhadores são muito lentos, e também porque os meus meios não são suficientes para construir em poucos anos um edificio tão grande como este que me projectou; mas espero completar tudo, se Deus me der vida.

Comecei com os jardins sob a orientação do Sr. Brown e, a despeito das muitas dificuldades locais com que deparo, estão já concluídos, excepto o lago, cuja escavação continua, agora dirigida pelo meu novo jardineiro, Sr. Wallace. Terminei a estufa segundo o seu plano, e uma série de regos para ananazes, de acordo com o desenho do Sr. Wallace. Os estábulos estão quase prontos; pelo menos, espero acabá-los dentro de dois ou três meses. Construí também as pocilgas, segundo o seu plano.

Estou agora a reparar uma casa que comprei junto ao meu terreno, para habitar enquanto se constrói a grande, cuja edificação espero iniciar no próximo ano.

Também trouxe água de grande distância e fiz um grande reservatório para servir os jardins e a casa. Este reservatório está a 90 pés acima do nível da casa.

Fiz muros à volta da minha propriedade, e tenho estado sempre a trabalhar.

O Sr. Brown é o portador desta carta, e posso garantir-lhe que dificilmente poderia ter arranjado um jardineiro mais íntegro e inteligente. Infelizmente regressa a Inglaterra para ver a família, e não pude retê-lo mais tempo.

Ele pode explicar-lhe qualquer coisa que deseje saber melhor do que eu com esta escrita ininteligível.

O jardim que me propôs fazer em frente¹ da sala de jantar e da estufa tem de ser o melhor e o mais belo do conjunto, em vista do seu notável plano, e sendo o único local especificamente destinado a flores o espaço já está nivelado e pronto para plantar relva, e ficar-lhe-ia muito grato se depois de prestar al[guma]² [at]enção² às informações do Sr Brown, sobre dimensões e níveis, se dignasse apresentar-me (?) um plano global para essa parte. Não poderia aceitar um plano feito por qualquer outra pessoa, por reçar que não se harmonizasse com o resto, e porque isso iria colidir com o bom gosto que todos os seus desenhos evidenciam.

Peço desculpa //

¹ Sobre a palavra “Front” (Frente) está intercalada a palavra “Between” (Entre).

² Deduzido devido ao papel estar rasgado.

[UA,JC, Rascunho de uma carta de José do Canto destinada ao arquitecto David Mocatta]

Documento 25

Hull, Jan^y 28/50

Hon^b Sir,

Hitherto I have not been able to send the plants you requested me for the weather has been so very bad. nothing but frost and snow ever since I have been in England. but they are all ready except the Orchids which are to (sic) expensive many of them from 1 to 10 £ each. but I have got a few sorts at a cheaper rate. I remained in London till the 26 th Jan. in hope of gething [getting] them off but the frost was so sevear [severe] that I dare not move them. the Pines I have got as near the list as I could but some are not grown for sale but I have substituted others that I know are good so hope they will suit Mr Wallace and also the other plants I hope will give satisfaction. The pipes for the jet I have had great difficulty in getting the information required. for the iron founders could tell me that the pipes 2 in bore would cost 9^d per foot 3 in bore 1^s but did not know the best size to obtain the greatest altitude so at last I have got the inclosed (sic) information from Mr Merryweather but fearing you would not like to go to (sic) great expense. so I have wrote to tell you before thinking there would yet be time to get them out this season. Mr M has given a variety of nozzles [?]¹ but the pipes will cost about 3^s per yard so by this you will be able to know about the cost you require and if you write to me or Mr Merryweather he will send them or Mr. Osborne.

I have not yet got settled but was married last week so yet I cannot say where I shall remain in England. I hope you with your Lady and Family are in the enjoyment of good health as thank God this leaves me Remaining
Hon^d Sir your Faithful Serv^t

[ass.] G. Brown//

¹ Palavra de leitura difícil, pela caligrafia, que poderá ser "nozzles"

[UA,JC, Carta de George Brown referindo diligências sobre encomendas de José do Canto, informando-o do seu casamento e de eventual demora em Inglaterra]

[Tradução]

Hull, 28/Janeiro/50

Ex^o Senhor,

Até ao momento ainda não consegui enviar as plantas que me pediu porque o tempo tem estado terrível, geada e nevões constantes desde que cheguei à Inglaterra, mas estão todas prontas excepto as Orquídeas que são caríssimas, muitas de 1 a 10 libras cada mas arranjei algumas espécies a preço mais barato. Fiquei em Londres até ao dia 26 de Janeiro na esperança de as poder despachar mas a geada era tão forte que não me atrevi a mexer-lhes. Quanto aos Pinheiros segui a lista o melhor que pude mas de alguns não há criação para venda mas substituí-os por outros que sei que são bons por isso espero que agradem ao Sr Wallace e também espero que as outras plantas satisfaçam. Os canos para o repuxo tive grande dificuldade em conseguir a informação pretendida porque os fundidores de ferro disseram-me que os tubos de 2 [polegadas] de diâmetro custam 9 dinheiros o pé e os de 3 um xelim mas não sabia qual o melhor tamanho para alcançar maior altura finalmente consegui junto do Sr Merryweather a informação junta mas temo que V. Ex^a não queira fazer uma despesa tão grande por isso escrevo para dar já esta informação, na ideia de que ainda havia tempo para os mandar nesta estação. O Sr. M deu uma quantidade de bocais [?]¹ mas os canos custam 3 xelins a jarda, assim já V. Ex^a verá quanto lhe vai custar e se me escrever ou ao Sr. Merryweather ele manda-os, ou o Sr. Osborne.

Ainda não me instalei mas casei na semana passada por isso não sei ainda dizer onde me vou fixar na Inglaterra. Espero que V. Ex^a, a sua Ex^a Senhora e família estejam no gozo de perfeita saúde como graças a Deus está este seu fiel servidor de V. Ex^a

[ass.] G. Brown //

¹ Palavra de leitura difícil, pela caligrafia, que poderá ser “nozzles” (bocais).

[UA,JC, Carta de George Brown referindo diligências sobre encomendas de José do Canto, informando-o do seu casamento e de eventual demora em Inglaterra]

Documento 26

O Senr. Jorge Brown pagará a Mr. Whileley e Osborne o saldo das nossas contas.

Na primeira ocasião de Navio depois da sua chegada a Londres mandará as sementes, Ananazes, flores e instrumentos constantes das notas N^os 1, 2, 6.

Desejavão-se na mesma ocasião o valor de £ 50 empregadas pelo Senr Jorge Brown á sua escolha e consideração; tendo em vista as notas N^os 3, 4, 7, 8, 9. Isto é mandará todas aquellas que á vista lhe parecerem bonitas, proprias para o nosso clima, e não excessivamente caras. Como em S. Miguel são pouco conhecidas a maior parte das plantas, todas aqui são novas; e por isso me convem ter antes muitas¹ plantas, do que poucas e novissimas.

Espera-se pois que o Señr Jorge Brown procederá n'esta compra com a sua usual descrição.

Vindo plantas delicadas deverão vir n'uma estufinha. Como o Senr Brown conhece muitos Capitães, esco-/lherá um dos que commandão algum Navio mais veleiro, a cujo entregará os caixões das plantas e sementes, nas vesporas (sic) da sahida.

Igualmente se pedem ao Senr Brown, uns canos de ferro, torneiras, e outros objectos, constantes da nota N^o (...) ². Estes objectos devem vir em Navio de carga, e deverão ser entregues a Mr. Pereira, Great Power St. 91. para que que (sic) elle m'os remetta.

O mesmo Senr Pereira recebe ordem para entregar ao Senr Brown as quantias necessarias para estas despezas.

A respeito das quatro columnas para estufa, de que vão as medidas, desejo que o Senr. Brown as ajuste, e mande dizer o preço, e o fabricante, para então se mandarem vir.

Quanto aos canos deseja-se tambem saber o nome do fabricante, para depois se mandarem vir os que faltão; e dezeja-se que venhão explicações quanto ao modo / de unir uns aos outros os canos.

O Senr Brown receberá do Senr Pereira £ 20 que lhe offerece como gratificação que lhe offereço; e carregará nas compras que fizer a sua Commissão.//

¹ Sublinhado no original

² Espaço em branco no original

[UA,JC, Rascunho de carta de José do Canto, sem data nem assinatura, sobre remessa de sementes, ananáses, flores e objectos vários, e nota de aquisição de mais flores, canos de ferro, torneiras etc, a cargo de Jorge Brown, em Londres]

Documento 27

Fulham Nursery

Oct^r. 15th 1853

Sir

We have the pleasure to acknowledge the receipt of your communication from Paris of the 11th Inst and in compliance with your request — send annexed a list of the plants contained in the 3 Cases received from Paris the cost of the conveyance of which amounted to £ 3.18.5 and which we have paid — we have not yet received from our Broker the expences on the 2 Cases of Plants received from Hamburg viâ (sic) Havre which with the exception of the one plant named on the other side arrived in good condition — not so those from Paris.

Here is a Vessele leaving London for St. Michaels on Monday next and we are informed there will be several more shortly — so that as soon as we are favored by your instructions we will despatch the plants without delay.

We have the honor to remain

Sir

Your very obedient
and very obliged faithful servant

[ass.] Osborn & Sons

To José Do Canto Esq.

*Acacia Cunninghamii*¹
Acacia floribunda
Acacia trinerva
Acacia viscosa
Acacia pinifolia
Acacia cordata
*Acacia pungens*¹
Acacia Lindleyana

- 2 Melaleuca acrostichoides¹
 Melaleuca hypericifolia
 Melaleuca decussata
 Melaleuca ericifolia
 Melaleuca Bellerii
 Melaleuca coronata
 Melaleuca corifolia
 Melaleuca sp. arborea
- 12
- Metrosideros — numbered 1, 2, 3, 4, 6 e 7
 Metrosideros crassifolia
 Metrosideros viridis
 Metrosideros florida
- Ficus spurius
 Ficus subpanduræfolius
 Ficus aspera
 Ficus splendens
 Ficus elastica var.
 Ficus radicans
 Ficus imperialis
 Ficus nerifolium
 Ficus catappæfolium
 Ficus ovata
 Ficus Braziliensis
 Ficus crassifolia
 Ficus persicifolia
 Ficus speciosa
 Ficus diversifolia
 Ficus lucida
 Ficus formosa²
- Allicoma serrata¹
- Myrtus spectabilis
 Myrtus horizontalis
 Myrtus myrsinodes
 Myrtus coccololafolium
 Myrtus melastomoide
- Calothamnus pinafolium (sic)
 Calothamnus sanguinens
 Calothamnus virginium
 Calothamnus longissima
 Calothamnus chenophylla

Calothamnus villosus
Calothamnus pubescens

Olea paniculata
Fraxinus californica
Brakea trinerva
Eugenia pedunculari

*Banksia marginata*¹
Banksia solandra
Banksia compar
Banksia Hugelii
Banksia integrifolia
Banksia spinulosa
Banksia palustris
*Banksia sp.*³

Bignonia carolinæ
Bignonia pareira
Bignonia flava (?) *speciosa*
Bignonia excelsa
Bignonia marmorata
Bignonia pentaphylla
Bignonia sanguinea præcox
Bignonia speciosa
*Bignonia rad. atrosang. purpurea*³
Bignonia sp.

*Borosma sp.*¹
Driandra Fraserii
*Driandra cimeata*¹
*Driandra armata*¹
Liospermum racemosum
Tetranthera Japonica
Gilsemium capreola
Viburnum asiaticum
Viburnum suspensum
Viburnum aneafuki
*Hakea sp.*³
Aralia sp. /
Dacridium Maii
Caladium odorum
*Coccoloba pubescens*¹
Coccoloba macrophylla
Plumiera aurantia
Plumiera macrophylla

Sterculia coccinea
Euria latifolia
Irenela macrostachisa
Gethea cauliflora
Jasminum odoratissimum
Jasminum multiflorum
Jasminum Poiteau
Beanfortia spartia
Clethra macrophylla
Clethra sp.
Pittosporum eriocarfium
Pittosporum tennifolium
Pittosporum bracteatum
Pittosporum sp.
Aralia excelsa
*Aralia guatemalensis*³
Aralia qumquefolia
Kunzia vestita
Dicera dentata
Dicera nigra
Dracæna umbracalifera
Dracæna fragrans
Calliscostris glabra
Ocea australis
Jecoma sempervirens
Jecoma skinnerifolia
Jecoma jasminoide (?)
Jecoma australis
Indigoffera decora
Sparmannia africana
Spiræa venusta
*Babingtonia camphorosma*¹
Calotris ericoides
Carolinea fastuosa
Penteraphia cubensis
Stadmannia d'Urvilla
Pterospermum platanifolium
Panax arborea
Alixia floribunda
*Clusia elliptica*¹
Bœckia pendula
Jambosa linearis
Velophora mimosæfolia
Brachysema sp.
Cissus heterophylla
Philifrodium (?) *rigidum*

Pereskia grandiflora
Corylus californica
Sapium Drummondii
Giradela fragrans
Achmena floribunda
Castanorperssum (?) australe
Annanassa bracteata

The following are dead

Melaleuca salicaria
Leiorpermum (?) speciosum
Jorenia asiatica
Cassia magnifica
Beanfortia splendens
Myrthus bullata
Banksia elatior
Callicoma serratifolia
Acacia sparagoides
Litorpermum rosmarinifoli
Eucalyptus pleurocarpa (?)
Chrysophylla sylvestris
Rubus sp.
3 plants unnamed

in the farmer packages from Hamburg

Daviesia latifolia dead//

¹ Acrescentado à frente “morta”

² Acrescentado à frente “substituída”

³ Acrescentado à frente “falta”

[UA,JC, Carta de “Osborn & Sons” a José do Canto, com relação de plantas recebidas de Hamburgo para o destinatário]

Documento 28

1854		
Janeiro,	10 - Plantas para José Jácome	3.00
“	- 1 para mim [José do Canto]	1.00
“	17 - Plantas	5.00
“	20 - Plantas a Chantin	38.00
“	21 - Plantas compradas a Cels	200.00
“	22 - Plantas a Chantin	80.00
“	23 - Plantas a Cels	31.00
“	24 - Viagem de Versalhes ida e volta	2.85
“	24 - Plantas a Duval	7.00
“	26 - Plantas a Thibault	50.00
“	A Chauviere por conta de Plantas	40.00
“	28 - Plantas a Pellé	35.00
“	Plantas para José Jácome	10.00
“	30 - Plantas a Cels	71.00
Fevereiro,	1 - A Chantin por conta de plantas	30.00
“	2 - Por 3 Casuarinas a Thibaut (sic)	3.00
“	- Por resto de Plantas a Chantin	30.00
“	3 - Por conta de Plantas a Ryfkogel	100.00
“	4 - Por plantas para mim a Ryfkogel	26.00
“	- Por plantas para José Jácome ao dito	13.00
“	6 - Por plantas a Cels para mim	39.40
“	- Por ditas a dito para José Jácome	18.00
“	7 - Por plantas a Gontur para mim	25.00
“	19 - Plantas a Chantin	15.00
“	24 - Plantas por conta de José Jácome	87.00
“	- Ditas por conta dito	20.50
“	- Ditas minhas a Thibault	25.00
“	25 - Por resto de Plantas a Chauviere para José Jácome	22.00
“	- Por ditas que comprei para mim	122.00
“	26 - Plantas à Gontier	15.00
Março,	1 - Por plantas a Jonghe	60.00
“	7 - Plantas a Galeoti	125.00
“	- Ao Jardineiro do J. B. Bruxella (sic)	1.00
“	8 - Plantas compradas a Makoy	400.00
“	- Ditas por conta de José Jácome	137.00
“	10 - Plantas a Jonghe	536.50
“	- Ditas no Jardim Botanico	131.20
“	11 - Plantas a Linden ()	275.00
Bruxelas	14 - Por Dahlias a Chauviere	97.50
“	- Plantas a Pellé	10.00

OS “CANTO” NOS JARDINS PAISAGÍSTICOS DA ILHA DE S. MIGUEL

“	18 - Ditas para José Jácome		57.00
“	- Sementes para mim		94.70
“	24 - Por trez plantas a Chantin		21.00
“	27 - Pago a Chauviere por minha conta		61.70
“	- Dito por conta de José Jácome		23.75
“	31 - A Mr. Temper despeza Planta		36.00
Abril,	2 - Transporte das Plantas de Ryfkogel		
“	por conta de José Jácome	37.75	
“	28 - Plantas de Zeidel de Dresde		88.95
“	29 - A Chantin por embalagem		
“	de plantas	30.00	
“	- Ao dito por 2 Eucalyptus		10.00
“	- Ao dito por outras plantas		100.00
Maió,	9 - Por plantas no leilão de Cels		
“	10 - Embalagem de plantas a Thibaud (sic)	3.00	
“	- Dita a Chauviere de		
“	plantas minhas	55.00	
“	- Dita ao dito de José Jácome	35.00	
“	- Por 2 plantas para José Jácome		40.00
“	13 - Plantas a Chantin		161.00
“	- A Ryfkogel por conta de José Jácome		400.00
Junho,	1 - Por pago de Plantas a Linden		90.00
“	2 - A Chauviere 2 plantas		20.00
“	- A Thibault por 13 plantas		53.40
“	3 - 1 Planta a Thibault		4.00
“	15 - Por Plantas a Low	5. 0. 0	
“	16 - Planta a Wecks	1.16. 0	
“	- Dita a Veitch	1. 1. 0.	
Julho,	1 - A Vilmorin pelas de Vienna	3.00	274.30//

[UA, JC, Relação e despesa de plantas, flores e sementes compradas por José do Canto, também para José Jácome Correia, a diversos viveiristas europeus, de Janeiro a Julho de 1854]

Documento 29

Ministère de
l'Agriculture
du Commerce
et des travaux
publics¹

École impériale d'Agriculture de Grignon
(pav. Neauphle-le-Chateau; Seine-et-Oise)
Affranchir¹

Grignon, le 21 Juin 1854

Monsieur

J'ai reçu hier seulement la réponse du Directeur du Potager impérial, d'après ma demande il consent très volontiers à un échange avec vous; vous aurez un individu du Bambusa Barbata², et un individu fort du Psidium Lattleyanum². Il met un prix un peu Elevé à charge. Il les estime 25f. Soit donc 50 f. les deux.

Je ne sais si ce prix vous conviendra; bien entendu il ne veut pas recevoir d'argent, mais il acceptera en Echange une douzaine de petit Conifère² ou une quinzaine dont il me donne la liste, et que vous pourrez vous procurer pour ce même prix de 50 f. en petit et Moyen échantillons.

Je connais à Versailles (sic) l'horticulteur Pépiniériste / chez qui ont peut trouver ces conifères Réussis.

Voici donc ce que je vous propose: j'irai vendredi à Versailles, je me trouverai à 9h. du matin au Potager. Si vos affaires vous permettent de vous y rendre, vous me trouverez chez Monsieur Hardy, et delà (sic) nous irons Ensemble choisir les conifères.

Si vous ne pouviez venir à Versailles vendredi, veuillez me répondre un mot pour m'autoriser à terminer cette affaire, à acheter pour vous les conifères² pour une valeur de 50f. Et à les Echanges contre les plantes convenues Bambusa, Et Psidium vous me diriez en même temps où et comment Vous desirez que je vous les fasse parvenir.

Je remarque, que ma lettre ne vous parviendra que demain jeudi 22 et que même quand vous me répondriez de suite je ne pourrais avoir la vôtre ici que le vendredi 23 à Midi. Or je partirai à 6h 1/2 du matin pour être à Versailles à 8h 1/2 ou 9h. Si vous ne pouviez venir, adressez-moi votre lettre au café Grognet Rue de la Chancellerie² au coin de la place

d'armes² à Versailles². J'y passerai dans tous les cas pour avoir de vos nouvelles, si vous n'arrivez pas au potager avant 10h ou 10h 1/2.

Il faut tout prévoir, s'il est possible, et comme vous m'avez Dit que vous projetiez un voyage en Angleterre, Il pourrait se faire que votre Retour / n'ait pas été aussi prompt que vous le désiriez. Dans ce cas, vous ne trouveriez cette lettre que trop tard pour me répondre, ou vous trouver vendredi à Versailles.

Alors veuillez m'écrire à Grignon et m'indiquer un jour et une heure pour Rendez-vous à Versailles.

Non seulement je voudrais vous aider à terminer l'échange En question; mais j'aurais à vous remettre le plan de la vacherie pour Monsieur de Medeiros, ... (?) divers Papiers pour lui et Monsieur de Machado³ ainsi qu'une lettre dont je vous prierai de vouloir vous charger.

En attendant de vos nouvelles, ou l'avantage de vous voir Vendredi à Versailles, je vous pris d'agrèer,

Monsieur,
L'assurance de Ma
Considération très distinguée

[ass.] L. C. Caillat
S. Dr.

P.S. Une affaire imprévue me survient pour vendredi Et me force à rester ici absolument j'en suis fâché; mais samedi sans manque je serai à Versailles au Potage impérial à 9h. Cela vous conviendra-t-il. Au moins j'aurai le temps de Recevoir votre réponse vendredi si cette lettre vous trouva demain chez vous et si vous me répondez de suite avant 5h du soir

L. C. C^t./.

¹ Impresso.

² Sublinhado no original.

³ Tratava-se, provalvemente, do Dr. Agostinho Machado de Faria e Maia, padras-to da mulher de José do Canto.

[UA,JC, Carta de L. C. Caillat a José do Canto, sobre intercâmbio de plantas do Horto Imperial de Versalhes com coníferas de José do Canto e visita a horticultor daquela cidade]

[Tradução]

Ministério da Agricultura, Escola Imperial Agrícola de Grignon
Comércio e (pav. Neauphle-le-Chateau; Seine-et-Oise)
Obras Públicas¹ Timbrar¹

Grignon, 21 de Junho de 1854

Ex.^{mo} Senhor

Só ontem recebi a resposta do Director do Horto imperial, conforme o meu pedido aceita de muito boa vontade um intercâmbio; V. Ex.^a receberá um exemplar de Bambusa Barbata² e um exemplar robusto de Pisidium Lattleyarum². Ele impõe a cobrança de um preço um tanto Elevado. Avalia-os em 25f.. Ou seja, 50f. pelos dois.

Não sei se este preço lhe convirá; é evidente que ele não deseja receber dinheiro, mas aceitará em Troca umas doze ou quinze pequenas Coníferas² cuja relação me forneceu e que V. Ex.^a poderá encontrar por aquele mesmo preço de 50f. em espécimes pequenos e Médios.

Conheço em Versaille (sic) o horticultor viveirista onde se podem encontrar estas coníferas já bem pegadas.

Assim, proponho o seguinte: na sexta feira vou a Versailles, estarei no Horto às 9h da manhã. Se as ocupações de V. Ex.^a permitirem essa deslocação, encontrar-me-á em casa do Senhor Hardy e de lá iremos Juntos escolher as coníferas.

Se V. Ex.^a não puder vir na sexta feira a Versailles, queira enviar-me uma palavrinha autorizando-me a fechar este negócio, comprando para V. Ex.^a as coníferas² por um valor de 50 f. Quanto aos Intercâmbios com as plantas pretendidas, Bambusa, E Psidium V. Ex.^a dir-me-á também onde e como deseja que as faça chegar.

Faço notar que a minha carta só será entregue amanhã, quinta feira 22 e que, mesmo respondendo-me de imediato, eu só poderei ter cá a carta de V. Ex.^a na sexta feira 23, ao Meio-dia. Ora eu sairei às 6h e meia da manhã para estar em Versailles às 8h e meia ou 9h. Se V. Ex.^a não puder vir, queira enviar-me a sua carta para o Café Grognet Rue de la Chancellerie² na esquina da Place d'armes² em Versailles². De qualquer forma passarei por lá para ter notícias de V. Ex.^a, caso não apareça no horto até às 10h ou 10h e meia.

Convém prever tudo, na medida do possível, e como V. Ex.^a me Disse que estava a projectar uma viagem a Inglaterra, poderá acontecer que o Regresso / não seja tão rápido quanto desejaria. Nesse caso, só encontrará esta carta quando for demasiado tarde para me responder, ou para ir a Versailles na sexta feira.

Nesse caso, queira escrever-me para Grignon indicando-me dia e hora para um Encontro em Versailles.

Não desejaria apenas ajudar V. Ex.^a a concluir a permuta em questão; mas gostaria de enviar-lhe o plano da vacaria para o Senhor de Medeiros,... (?) diversos Papéis para ele e para o Senhor de Machado³ assim como uma carta da qual rogo a V. Ex.^a queira encarregar-se.

Aguardando notícias, ou na expectativa de encontrar V. Ex.^a na sexta feira em Versailles, queira aceitar

Ex.^{mo} Senhor
Os protestos da Minha
maior estima e Consideração

[ass.] L. C. Caillat
S. Dr.

P.S. Surgiu-me para sexta feira um assunto imprevisto E vejo-me absolutamente forçado a ficar aqui o que me deixa muito incomodado; mas sábado estarei sem falta no Horto imperial às 9h.. Será isto conveniente para V. Ex.^a. Pelo menos terei tempo de Receber uma resposta na sexta feira se esta carta o encontrar amanhã em casa e se me responder imediatamente antes das 5 horas da tarde.

L. C. C t.//

¹ Impresso.

² Sublinhado no original.

³ Tratava-se, provalvemente, do Dr. Agostinho Machado de Faria e Maia, padraço da mulher de José do Canto.

[UA,JC, Carta de L. C. Caillat sobre intercâmbio de plantas do Horto Imperial de Versalhes com coníferas de José do Canto e visita a horticultor daquela cidade]

Documento 30

Fulham, 12 - Dez - 1855

Senhor

Pelo “Slater Rebow” temos agora o prazer de enviar os Rhododendros e outros artigos que nos fez o favor de pedir e esperamos que lhe cheguem todos em boas condições e aprove com satisfação.

As 50 £. que teve a amabilidade de nos enviar recebidas em devido tempo e [de que]¹ enviamos uma relação das nossas despesas através da qual poderá ver o balanço de que sobra [...] ² £. 21-15-0.

Enviamos também uma lista de todas as Coníferas que possuímos que criamos de semente.

Por esta altura já as terá recebido em condições e com os nossos agradecimentos dos seus favores

Somos Senhor

Os obedientíssimos e obrigados criados

[ass.] Osborn & Son

III^{mo}. [Sr.]

José do Canto//

¹ Deduzido.

² Não decifrado.

[UA.,JC, Carta de Osborn & Filho, anunciando o envio de plantas, nota de crédito e lista de Coníferas]

Documento 31

Factura de Generos Embarcados pelo "Kate" para S. Miguel à consignação do Ill^{mo}. Snr. Ant^o. Bernardes d'Abreu Lima e por conta do Ill^{mo}. Snr. José do Canto de Pariz.

JC	5	4 P. com 8 Busheis de semente d'Erva 8/6	3.8.-	
		Saccos	- 4.8	
			<u>3.12.8</u>	
		Desconto 5%	<u>3.8</u>	3.9.0
		1 Caixa [com] 2 Ks de Hydrocoliphe Asiatica a 8	- 16 -	
		Caixa	- 3 -	- 19 -
		Gastos	18.6	<u>4.8.0</u>
		Frete 12/6 Despachar 3/6 Embarcar 2/6	- 2 -	<u>1 - 6</u>
		Conhecimentos	£	<u>5 8 6</u>

Salvo Erro
Londres 6 de Fevereiro 1864

[ass.] Ill^m. Mc. Andrews Sons//

[UA, JC]

NESTOR DE SOUSA

Documento 32

1

Octr. 26th. 1865

My Dear Sir

In reply to your note, I send by this morning Carrier 3 of the plants named in your list of desiderata being the only kinds named of which we have duplicates either in the Botanic Gardens or Pleasure Grounds, trusting they may come safe to hand

I am
Dear Sir
Yours very Truly

[ass.] John Smith//

¹ Selo branco, com as armas reais britânicas ao centro entre dois leões rompantes. Por cima "Royal Gardens Kew".

[UA, JC., Carta do Royal Gardens Kew, de Londres, a José do Canto, morador no nº 20 da estrada de Versalhes, "Villa de la Réunion", em Auteuil, arredores de Paris, pelo vapor Leal]

[Tradução]

1

26 de Outubro de 1865

Ex.^{mo} Senhor

Em resposta à nota de V. Ex.^a envio pelo vapor desta manhã 3 das plantas mencionadas na sua lista de desiderata sendo as únicas espécies

mencionadas das quais possuímos duplicados quer nos Botanic Gardens quer nos Pleasure Grounds esperando que cheguem em boas condições.

Sou
De V. Ex.^a
Muito atenciosamente

[ass.] John Smith//

¹ Selo branco, com as armas reais britânicas ao centro entre dois leões rompantes. Por cima “Royal Gardens Kew”.

[UA, JC, Carta do Royal Gardens Kew, de Londres, a José do Canto, morador no nº 20 da estrada de Versalhes, “Villa de la Réunion”, em Auteuil, arredores de Paris, pelo vapor Leal]

Documento 33

Royal Exotic Nursery
Kings Road, Chelsea, S. W.
30 Dec 1865

Monsieur Jose do Canto

Sir

I am duly in the receipt of your letter of the 19th inst and of all the Ferns named in your list. I am sorry I cannot only supply you with nice plants of those I enumerate / below viz.

Dicksoma Yonngii
Gonopteris pennigerd
Lomaria Gibba
Goniophybuim subauriculatum
Todea arborea
Alsophylla Cooperi
Alsophylla Macarthurii

and the above I propose to give you for the Balantium your Gardener sent me, I hope that they will meet your / approbation, and I shall now hold these Ferns at your disposal.

The other Ferns you enumerate are with me very scare (?) and beside my large plants I have none saleable.

I shall be glad if you will select from my Catalogue any other plants you may require that they may be sent with those I mention above, so as to / make one case.

With the assurance of my careful attention always

I am Sir

Your obed^t. sevit.

[ass.] James Veitch//

[UA,JC, Carta de 30-12-1865, com relação de Fetos, afirmando a impossibilidade de fornecer certas plantas e propondo substituições e escolha por Catálogo]

[Tradução]

Real Viveiro de Espécies Exóticas
Kings Road, Chelsea, S. W.
30 de Dezembro de 1865

Monsieur Jose do Canto

Ex.^{mo} Senhor

Acuso a recepção da carta de V. Ex.^a datada de 19 do corrente e de todos os Fetos indicados na S/ relação. Lamento só poder fornecer em boas condições as plantas que indico / abaixo, a saber

Dicksoma Yonngii

Gonopteris pennigerd

Lomaria Gibba

Goniophybuim subauriculatum

Todea arborea

Alsophylla Cooperi

Alsophylla Macarthurii

e estas proponho oferecê-las em troca do Balantium que o jardineiro de V. Ex.^a me enviou, espero que elas mereçam a sua / aprovação e mantenho agora estes Fetos à disposição de V. Ex.^a.

É muito raro dispor dos outros Fetos que enumera e além das minhas plantas crescidas não tenho nenhuma para venda.

Dar-me-ia grande prazer se escolhesse do meu Catálogo quaisquer outras plantas que deseje para que as possa enviar com as que menciono acima de modo a / fazer uma só embalagem.

Com protestos da mais dedicada atenção

Sou de V. Ex.^a

Obediente Servidor,

[ass.] James Veitch//

[UA,JC, Carta de 30-12-1865, com relação de Fetos, afirmando a impossibilidade de fornecer certas plantas e propondo substituições e escolha por Catálogo]

Documento 34

London, 28 King Street,
Cheapside (near the
Guildhall) and 15,

Lawrence Lane, E. C.¹

14 de Dezembro de 1865

Mon^r. Jose do Canto
20 Route de Versailles
Villa de la Reunion
Auteuil Paris

Ex^{mo}. Senhor

Estamos de posse do seu favor de 12 próximo e em resposta, temos a informar que ao receber a sua ordem, imediatamente procuramos saber junto dos Srs. Mc Andrew C^o. quando partiria o “Maria Pia”, e eles informaram-nos de que o dia 4 era o ultimo para receber encomendas e que ele [navio] partiria no dia 6. Nestas circunstâncias tivemos que adquirir as plantas o mais depressa possivel e envià-las para a Doca para serem despachadas no dia 4, tendo ficado todos os pormenores ao cuidado dos Mess^{rs}. Mc Andrew.

No dia 7 procuramos também saber se o “Maria Pia” havia partido no dia anterior e a resposta foi como dissemos na nossa ultima, que o mau tempo tinha impossibilitado a sua chegada a Londres no tempo previsto para partir na data marcada. Por isso não nos podemos considerar de qualquer modo responsáveis pelo que aconteceu às plantas devido ao atraso, porque agimos inteiramente de acordo com as instruções dadas no seu favor do dia 24 ultimo.

A falta, se houve alguma, cabe a Mess^{rs}. Mc Andrew C^o., cuja informação, nos disse para lhes pedir, se provou estar errada.

Confiamos que esta explicação o satisfará na medida em que fizemos o melhor possivel no respeitante a este assunto e podemos acrescen-

tar que agora é demasiado tarde para transferir as caixas para um veleiro porque já despachadas para bordo do “Maria Pia”, que parte dentro de dois dias.

Somos de V. Ex^a
os seus mais sinceros

[ass.] Peter Lawson & Son
W^m. Baxter Smith
Administrador//

¹ Impresso.

[UA,JC, Carta de Peter Lawson & Son, anunciando o envio de plantas pelo navio Maria Pia]

Documento 35

Jardin Botanique
Sydney le 24 Juin 1866

Monsieur

C'est avec le plus grand empressement que je réponds à votre estimée et intéressante lettre:

Une collection de plantes, telle que celle que vous possédez, sous la direction de M. Reith, me démontre tout le goût que vous avez, et le grand intérêt que vous portez, à la culture de plantes. Autant, que, cela pourra être en mon pouvoir, je me ferai vraiment un plaisir, d'aider, et d'augmenter cette collection, et la saison n'eut-elle pas été aussi avancée, pour un envoi par voie du Cap Horn, je vous aurai immédiatement adressé une caisse vitrée remplie de ces plantes qui, selon toute probabilité eussent été une nouveauté pour votre jardin. Je suis en ce moment, à même de préparer mon catalogue, et aussitôt son impression, je me ferais un devoir, de vous en transmettre une copie, par ce moyen, vous pourrez faire un relevé des espèces que vous désiriez obtenir; par la même occasion, je vous ferai parvenir une collection de nos graines indigènes, qui, végèteront sans aucun doute, ayant été tout récemment recueillies.

Je me permettrai d'ajouter, que nous ne possédons pas une quantité étendue d'espèces dans notre jardin, notre object, se bornant à la culture / culture de ces plantes, qui peuvent avoir un intérêt soit, pour leur valeur économique, soit pour la beauté de leur feuillage et de leur floraison. La manière de disposition de notre jardin, tel qu'il est, en ce moment, est de toute beauté, une moitié, étant plantée d'une grande quantité d'arbres et d'arbrisseaux, l'autre moitié étant légèrement andulée (sic) est formée en pelouse, plantée, d'arbres d'ornement soit en groupe, soit en sujet disseminé, dans toute l'étendue du jardin. Les herbes que nous employons pour gazon sont: le *Cynodon Dactylon*, the Doub¹ de l'Inde, nommé Couch Grass¹ par nos colonistes² (?), et le *Stenotaphrum glabrum*, espèce à feuilles larges, de forte croissance, ce dernier, est le plus appréciable sous tous les rapports les chaleurs et la sécheresse ne produisant aucun effet sérieux sur lui. Je vous recommande cette espèce tout particulièrement, ne la posséderiez vous pas déjà.

Recevez, Monsieur,
l'assurance de ma considération distinguée
Votre dévoué Serviteur

[ass.] Charles Moom (?)//

¹ Sublinhado no original.

² Palavra que o autor da carta emendou na 2ª e 3ª sílabas, tornando a leitura menos clara.

[UA, JC, Carta do Director do Jardim Botânico de Sydney a José do Canto, residente na Estrada de Versalhes, nº 20, Auteuil, arredores de Paris]

[Tradução]

Jardim Botânico
Sydney, 24 de Junho de 1866

Ex.^{mo} Senhor

É com a maior prontidão que respondo à sua apreciada e interessante carta.

Uma colecção de plantas, como a que V. Ex.^a possui, sob a direcção do Sr. Reith, dá-me provas do muito gosto que tem, e do grande interesse que devota, à cultura de plantas. Na medida, em que, isso possa estar ao meu alcance terei grande prazer, em contribuir para essa colecção, e em aumentá-la, e se a estação não fosse tão adiantada, para uma remessa via Cabo Horn, ter-lhe-ia imediatamente enviado uma caixa envidraçada cheia de certas plantas que, muito provavelmente viriam a ser uma novidade para o jardim de V. Ex.^a. Estou agora exactamente, a preparar o meu catálogo, e mal ele esteja impresso, assumo a obrigação, de enviar um exemplar, por esse meio, poderá fazer um levantamento das espécies que desejaria obter; na mesma altura, far-lhe-ei chegar uma colecção das nos-

sas sementes indígenas, que, hão-de sem dúvida germinar, já que terão sido recolhidas pouco tempo antes.

Permito-me acrescentar, que não dispomos de grandes quantidades de espécies no nosso jardim, pois o nosso objectivo, limita-se à cultura / cultura de algumas plantas que possam revestir-se de interesse, quer pelo seu valor económico, quer pela beleza da folhagem e da floração. Tal como se encontra, neste momento, o estilo da disposição do nosso jardim oferece a maior beleza, estando uma metade plantada com grande variedade de árvores e arbustos e a outra metade, ligeiramente ondulada, coberta de relvado onde se acham árvores ornamentais, quer em grupos, quer em exemplares isolados, em toda a extensão do jardim. As espécies que usamos para o relvado são: o *Cynodon Dactylon*, the Doub¹ da Índia, chamado Couch Grass¹ [grama de ponta] pelos nossos colonos² (?) e o *Stenotaphrum glabrum*, uma espécie de folhas largas, de rápido crescimento, sendo esta última a mais apreciável em todos os aspectos pois os calores e a seca não lhe produzem qualquer efeito grave. Recomendo-lhe muito particularmente esta espécie, caso ainda a não possua.

Queira, Ex.^{mo} Senhor,
receber o penhor da minha máxima estima e consideração.

Ao inteiro dispor de V. Ex.^a

[ass.] Charles Moom(?)//

¹ Sublinhado no original.

² Palavra que o autor da carta emendou na 2ª e 3ª sílabas, tornando a leitura menos clara.

[UA, JC, Carta do Director do Jardim Botânico de Sydney a José do Canto, residente na Estrada de Versalhes, nº 20, Auteuil, arredores de Paris]

Documento 36

Jardin Botanique
Sydney le 24 Octobre 1866

Monsieur

Je suis vraiment reconnaissant, de votre aimable lettre du 27 Août dernier, et des bons offres que vous me faites, de m'expédier graines et plantes. Il serait inutile de vous dire, que, je serai infiniment charmé de recevoir, n'importe ce qu'il vous plairait de m'envoyer, mais, en préférence, quelques unes de ces plantes que vous m'annoncez avoir reçu de Para, ayant, tout lieu de croire que, notre climat leur conviendrait parfaitement bien. Notre intérêt auprès de M. Netto du Jardin Botanique de Rio Janeiro (sic), serait, je vous l'assure, accepté avec grand empressement, et je vous serai mille fois reconnaissant, si, par votre entremise vous aviez l'extrême bonté de prier ce Monsieur, de m'expédier ou graines ou plantes de tout ce qui pourrait / pourrait être intéressant; soit pour la beauté de ses fleurs, ou de son feuillage, soit pour l'excellence de son fruit: en retour ce sera un plaisir et un devoir pour moi, de lui transmettre, des graines de différentes espèces d'Eucalyptus, ce qui aura lieu le mois prochain, ou peut-être que je prendrai avec moi le mois suivant, époque de mon départ de la colonie pour l'Europe, devant être présent à l'Exposition Universelle de Paris, en qualité de Commissaire pour la Nouvelle Galles du Sud; quand alors j'espère avoir le plaisir de faire votre connaissance personnellement.

Je suis fâché de vous annoncer, que, mon nouveau catalogue n'est pas encore publié, quoiqu'il soit en ce moment-çi (sic) entre les mains de l'imprimeur du Gouvernement, mais, je me flatte de pouvoir vous l'adresser prochainement, sinon, de vous le présenter moi même.

Je possède et graines et plantes (sic) de / de Leucodendron argenteum, mais, je désirerai beaucoup obtenir des plantes de Ekebergia Capensis, que je n'ai pas.

Recevez, Monsieur,
l'assurance de ma parfaite considération.
Votre dévoué serviteur

[ass.] Charles Moom (?)
Directeur//

[UA, JC, Carta do Director do Jardim Botânico de Sydney a José do Canto, residente na Estrada de Versalhes, nº 20, Auteuil, arredores de Paris]

[Tradução]

Jardim Botânico
Sydney 24 de Outubro de 1866

Ex.^{mo} Senhor

Estou verdadeiramente reconhecido, pela amável carta de V. Ex.^a, de 27 de Agosto passado, e pela simpática oferta que me faz, de me enviar sementes e plantas. Seria inútil dizer, que, ficarei infinitamente encantado por receber, tudo o que V. Ex.^a julgue por bem enviar-me, mas, de preferência, algumas das plantas que me informou ter recebido do Pará, havendo todas as razões para crer que, o nosso clima lhes convirá na perfeição. Posso afiançar que o nosso interesse, pelo que toca ao Senhor Netto do Jardim Botânico do Rio Janeiro (sic), seria encarado com grande solicitude e ficaria mil vezes grato, se, por intercessão de V. Ex.^a tivesse a extrema bondade de solicitar a esse Senhor, que me enviasse quer sementes quer plantas de tudo o que pudesse / pudesse ser interessante; seja pela beleza das flores, ou da folhagem, seja pela excelência dos frutos: em troca seria para mim um prazer e uma obrigação, enviar-lhe, sementes de diversas espécies de Eucalyptus, facto de que

tratarei no próximo mês, ou talvez as leve comigo no mês seguinte, altura em que partirei da colónia para a Europa, pois devo participar na Exposição Universal de Paris, na qualidade de Comissário para a Nova Gales do Sul; espero ter então o prazer de travarmos conhecimento pessoalmente.

Lamento informar, que o meu novo catálogo ainda não está publicado, embora neste momento se encontre nas mãos do tipógrafo do Governo, mas terei brevemente o orgulho de o poder enviar, ou mesmo de o oferecer pessoalmente.

Possuo tanto sementes como plantas de / *Leucodendron argenteum*, mas gostaria de obter plantas de *Ekebergia Capensis*, que não tenho.

Receba, Ex.^{mo} Senhor,
os protestos da minha maior consideração.
Seu devotado servidor,

[ass.] Charles Moom (?)
Director//

[UA, JC, Carta do Director do Jardim Botânico de Sydney a José do Canto, residente na Estrada de Versalhes, nº 20, Auteuil, arredores de Paris]

Documento 37

Monsieur

Voici la liste des variétés des orangers que je pourrais vous faire pour votre collection. Je vous prie d'en faire la choix tout de suite pour que je puisse les faire passer et vous les expédier en automne prochain.

Je (sic) accepte volontiers en échange des Protéacées vivantes de la Nouvelle Hollande.

J'espère que l'année prochaine j'aurais l'honneur de faire votre connaissance personnelle en allant à Paris lors de l'Exposition universelle: je profiterai alors de vos lumières pour avoir des renseignements exactes sur les Iles Açores pour mon travail sur la géographie botanique. J'ai déjà sur elles des notes précieuses par Mr. Gutnük¹ (?) de Rome, dont je possède les plantes ainsi que de Mr. Hokenacker¹ (?) dans le grand herbier de Florence.

Veillez, Monsieur, agréer l'assurance de la considération distinguée avec la quelle (sic) j'ai l'honneur d'être

Votre devouée (sic) serviteur

[ass.] Ph. Parlatore

Florence le 13 Mai 1866

Veillez me rappeler au bon
[...]² (?) de Mr. Vanhourtte¹ (?)
dans votre première lettre

Citrus Aurantius. Arancio, a frutto anche immaturo sempre dolce
Citrus Aurantius. Arancio Bizzarria
Citrus Aurantius. fetifero a fiore doppio
Citrus Aurantius. da fiore Arancio di Firenze
Citrus Aurantius. salicifolia
Citrus Aurantius. corniculato
Citrus Aurantius. rugoso
Citrus Aurantius. scannellato
Citrus Aurantius. incannellato

Citrus Aurantius. russo a foglia var
Citrus Aurantius. buxifolia pendula
Citrus Aurantius. australis
Citrus Aurantius. hyxtris
Citrus Aurantius. Del gigante
Citrus Aurantius. Riccio
Citrus Aurantius. Arancio Limone di Scio
Citrus Aurantius. myrtifolia
Citrus Aurantius. myrtifolia maggiore
Citrus Aurantius. Pompa di Genova
Citrus Aurantius. Pompelmos a folia di arancio riccio
Citrus Aurantius. Binfura
Citrus Aurantius. di Portogallo
Citrus Aurantius. di jugo rosso
Citrus Aurantius. fetifero dolce
Citrus Aurantius. Taiti
Citrus Aurantius. margheritino
Citrus Aurantius. di seme dolce
Citrus Aurantius. salicifolia
Citrus Aurantius. Mandarino
Citrus Aurantius. Arancio a pera
Citrus Aurantius. a folia variegata
Citrus Limonium, Limone di seme
Citrus Limonium, Limone di Genova
Citrus Limonium, Limone Cerisco
Citrus Limonium, Limone d'Amalfi
Citrus Limonium, Limone di Spagna lungo
Citrus Limonium, Limone di Spagna tondo
Citrus Limonium, Limone di Gazza
Citrus Limonium, Limone Paradiso
Citrus Limonium, Limone nona Pari
Citrus Limonium, Limone lustrato di Roma
Citrus Limonium, Limone scannellato /
Citrus Limonium Limone Rondinino
Citrus Limonium Limone a frutto variegato
Citrus Limonium Limone Teresiano
Citrus Limonium Limone Ponzino di Napoli

Citrus Limonium	Limone Ponzino tondo di Firenze
Citrus Limonium	Limone a sugo rosso a folia variegato
Citrus Limonium	Limone della Regina
Citrus Limonium	Limone di S. Remo
Citrus Limonium	Limone di Salerno
Citrus Limonium	Limone Laura
Citrus Limonium	Limone di Portogallo
Citrus Limonium	Limone di Smirne
Citrus Limonium	Limone di Scio
Citrus Limonium	Limone Granatino
Citrus Limonium	Limone di Lisbona sugo dolce
Citrus Limonium	Limone di Firenze sugo Cs ^a .
Citrus Limonium	Limone Perettone scannellato
Citrus Limonium	Limone Perettone a Zucchetta
Citrus Limonium	Limone Perettone liscio
Citrus Limonium	Limone Canarone
Citrus Limonium	Limone Cedrato
Citrus Limonium	Limone Consacrazione dei Vescovi
Citrus Limonium	Limoncello di Napoli tondo
Citrus Limonium	Limoncello di Napoli lungo
Citrus Limonium	Limoncello di Napoli a pera
Citrus Limonium	Limoncello di Napoli scannellato
Citrus Limonium	Cedra di Firenze
Citrus Limonium	Cedra di Salò
Citrus Limonium	Cedra di Scio
Citrus Limonium	Cedra della China
Citrus Limonium	Cedra varietà da nominarsi
Citrus Limonium	Lima grossa di Spagna
Citrus Limonium	Lima piccola Cs ^a .
Citrus Limonium	Lima a forma d'olla
Citrus Limonium	Lima di seme di Boboli a grappoli
Citrus Limonium	di Scio
Citrus Limonium	Limetta romana
Citrus Limonium	Melangola amara
Citrus Limonium	Pergamotta
Citrus Limonium	Melarosa
Citrus Limonium	Pergamotta scannellata

Citrus Limonium Pergamotta di seme di Boboli
Citrus Limonium Lumia cedrata lunga
Citrus Limonium Lumia cedrata tonda /
Citrus Limonium Lumia Limone
Citrus Limonium Lumia Nozza di Vacca
Citrus Limonium Lumia dolce
Citrus Limonium Lumia rugosa
Citrus Limonium Lumia varietà da nominarsi
Citrus Limonium Peretta spadafuo
Citrus Limonium Peretta doppia
Citrus Limonium Peretta di S. Domingo
Citrus Limonium Peretta striata
Citrus Limonium Peretta Scannellata
Citrus Limonium Spongino a frutto grosso
Citrus Limonium Spongino a frutto piccolo
Citrus Limonium Pomo di Adamo
Citrus Limonium Pera bianca
Citrus Limonium Pera del Commendatore //

¹ Nome de leitura difícil, devido à caligrafia miúda e cursivamente descuidada.

² Palavra não decifrada, pelas razões antes apontadas.

[UA, JC, Carta, contendo relação de variedades citrinas, enviada a José do Canto para possível permuta com Proteaceas, Florença, 13-5-1866]

[Tradução]

Ex.^{mo} Senhor

Junto a lista das variedades de laranjeiras que poderei arranjar para fazer a colecção de V. Ex.^a. Peço o favor de fazer uma escolha imediatamente a fim de as mandar separar para as expedir no próximo outono.

Em troca, aceito de bom grado Proteáceas robustas da Nova Holanda.

No próximo ano como vou a Paris por altura da Exposição Universal espero ter a honra de nos conhecermos pessoalmente: poderei então beneficiar da erudição de V. Ex.^a para recolher informações exactas sobre as Ilhas dos Açores com vista ao meu trabalho de geografia botânica. Tenho já sobre elas umas notas preciosas da autoria do Sr. Gutnück¹ (?) de Roma, cujas plantas possuo bem como as do Sr. Hokenacker no grande herbário de Florença.

Queira Ex.^{mo} Senhor, aceitar os protestos da maior consideração com a qual tenho a honra de me colocar

Ao inteiro dispor de V. Ex.^a

[ass.] Ph. Parlatore

Florença 13 de Maio de 1866

Queira recomendar-me ao bom [...] ² (?)
do Sr. Vanhourtte¹ (?) na sua primeira carta.//

¹ Nome de leitura difícil, devido à caligrafia miúda e cursivamente descuidada.

² Palavra não decifrada, pelas razões antes apontadas.

[UA, JC, Carta, contendo relação de variedades citrinas, enviada a José do Canto para possível permuta com Proteáceas, Florença, 13-5-1866]

Documento 38

Montserrat
July 5th. 1866

Mr. do Canto
Dear Sir

If aving (sic) now ready and in good Condition 52 difrent (sic) Species of Fern plants to send you, and shall be glad if you will dress me a line to informe me in which way you would like me to send them to you. Hoping your self (sic) and Family are quite well, my kind respects to Mr. Reith.

I Remain Sir
Your's Obediently

[ass.] F. Burt//

[UA, JC, Carta a José do Canto, do jardineiro do parque de Monserrate, em Sintra, com indicação de ter sido *Recebida em 19 de Julho de 1866*]

[Tradução]

Sr. do Canto
Ex.^{mo} Senhor

Tendo presentemente prontas e em boas Condições 52 Espécies diferentes de plantas de Feto para mandar a V. Ex.^a, e muito gostaria que me escrevesse umas linhas informando como deseja que lhas mande. Esperando que V. Ex.^a e Família estejam bem, envio os meus respeitosos cumprimentos ao Sr. Reith.

Creia-me Ex.^{mo} Senhor
De V. Ex.^a At.^o Ven.^{or} e Obr.^o

[ass.] F. Burt//

[UA, JC, Carta a José do Canto, do jardineiro do parque de Monserrate, em Sintra, com indicação de ter sido *Recebida em 19 de Julho de 1866*]

Documento 39

José do Canto Esq ^{re} .	Clapton Nursery London E. Bought of Hugh Low & C ^o . ¹
1873	
Oct.	1000 Cedrus atlanticus 2. - -
28	4000 d ^o . Deodara 32. - -
	1000 Thuja gigantea 7. - -
	Collection Garden seed 3. 5. -
	8 Cases paky 3. 5. -
	<hr/> £ 48.0.0//

¹ Impresso.

[UA, JC, Factura remetida pelo vapor “Oceano”]

Documento 40

Lisboa 31 de Janeiro de 1877

Conta das despesas de 1 caixa com sementes, que de Londres me remetterão os Snr^s. Hugh Low e C^a. pelo vapor Neva, de conta do Ex^{mo}. Sñr José do Canto da ilha de S. Miguel, a quem faço remessa pelo

	Vapor Luso	
JC	Despacho n'alfandega	\$955
1 caixa	Conhecimento e bote	\$480
	Frete ao vapor Luso	1\$300
	Minha com. ^{ão} de 60\$000 a 1%	\$600
	Seguro da dita quantia a 1/2%	\$300
		<hr/>
	Rs.	3\$635

[ass.] João Pedro Ferr^a. da Costa//

[UA, JC, 3056-Ap.]

Documento 41

For “Oceano”¹
Tatham & C^o. 35, Pudding Lane,²
Ship & Insurance Brokers,
& Commission Merchants² London 7 Feb. 1877

E.C.

José do Canto Esqre.
St. Michaels

Dear Sir

By request of Mr. Sturge of Birmingham, we forward you for
“Oceano” a case of plants. Hoping it will arrive safely

We are Dear Sir
Yours and truly

[ass.] Tatham & [...]³Tatham//

¹ Manuscrito.

² Impresso.

³ Abreviatura não decifrada.

[UA, JC, Carta anunciando a remessa de uma caixa com plantas, a pedido de fornecedor de Birmingham]

Documento 43

July 23, 1877

My dear Sir

I trust you will have received safely a box of greenhouse plants despatched to you two months ago. Sir Joseph Hooker is at present traveling in N. America and I am not sure that he wrote to you to announce the sending of these plants before his departure.

I hope you will kindly remember your promise to let me have a frond from the *Encephalactos villosus* which produced the splendid cone you sent us some time ago

Believe me
Yours faithfully

[ass.] W. T. Thiesetton Dyer//

[UA,JC, Carta do Royal Gardens Kew a José do Canto]

[Tradução]

23 de Julho de 1877

Caro Senhor

Espero que tenha recebido em boas condições uma caixa com plantas de estufa despachada para V. Ex^a. há dois meses. Sir Joseph Hooker está presentemente a viajar na América do Norte e não tenho a certeza de que tenha escrito a V. Ex^a. antes de partir, anunciando o envio destas plantas.

Espero que V. Ex^a. tenha a bondade de não esquecer a promessa de me mandar um ramo do *Encephalactos villosus* que produziu o esplêndido cone que nos enviou há tempos

Creia-me de V. Ex^a. atento

[ass.] W. T. Tiesetton Dyer//

[UA, JC, Carta do Royal Gardens Kew a José do Canto]

Documento 44

Lisbôa 4 de Fevereiro de 1879

Conta das despesas de 1 caixa com sementes que de Londres pelo vapor London me remetteram os Snr^s. Hugh Low & C^o. de conta do Ex^{mo}. Sñr José do Canto da ilha de S. Miguel a quem faço remessa pelo vapor Acor (sic)

JC	Descarga para alfandega	\$240
1 caixa	Despacho, conhecimen ^{to} . e bote	1\$730
	1150 80 500	
	Frete ao vapor Açor	1\$300
	Minha com ^ã o. de transitio	<u>\$500</u>
	Rs.	3\$770

[ass.] João Pedro Ferr^a. da Costa//

[UA, JC, 3040-Ap]

Documento 45

Lisbôa 17 de Fever^o. de 1879

Conta das despesas de 2 caixas com plantas que me forão reme- tidas de Southampton pelo vapor Elbe por ordem dos Snr^{es}. Hugh Low & C^a. de conta do Ex^{mo}. Sñr. Jose do Canto da ilha de S. Miguel a quem vão ser remettidas pelo vapor Luzo

JC	Descarga p ^a . a Alfandega paga a Knowles	\$320
2 1/2 caixas	Despacho, e bote p ^a . bordo	3\$150
	Frete ao vapor Luzo, e conhecimentos	13\$080
	13 000 80	
	Minha comm ^ã o. de tranzito	<u>1\$000</u>
	Rs.	17\$550

[ass.] João Pedro Ferr^a. da Costa//

[UA, JC, 3038-Ap]

Documento 46

Ex^{mo}. Sñr José do Canto
S. Miguel

Lisboa 19 de Fevr^o. de 1879

Am^o. e Sñr.

Pelo vapor Açor foi a minha ultima carta a V. Ex^a. dactada em 4 do corr^e. que confirmo. Recebi mais depois o seu prezado favor de 1 do corr^e., a que vou responder.

Pelo vapor Luso remetto a V. Ex^a. duas caixas com plantas como do conhecim^{to}. incluzo, cujas caixas me forão enviadas de Southampton pelos Snr^{es}. Hugh Low & C^o. As despesas que aqui fiz como da conta Rs. 17\$550, tenho debitado a V. Ex^a., e mais Rs. 3\$375 pagos pela sua assign^a. do jornal a Revolução de Setembro como do recibo incluzo. Quando vierem mais encommendas que V. Ex^a. pedio p^a. Pariz, tomarei conta, e farei remessa a V. Ex^a.

Desejo-lhe a melhor saude e sou com a maior consideração

De V. Ex^a.
Am^o. muito obrig^o.

[ass.] João Pedro Ferr^a. da Costa//

[UA, JC, 3038-C]

Documento 47

48, Moorgate Street, London, E.C.
31 de Dezembro de 1890

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel
Via Lisbôa

Am^o. e Sñr.,

A nossa carta levou data de 15 do corrente e estamos de posse de sua prezada da mesma data, cujo conteúdo notamos, e em separado enviamos a V. S^a. os catalogos de flores que nos pediu.

Segundo o nosso costume agora incluímos um extracto de sua conta-corrente fechada em data de hoje a qual, depois de feita a transferencia abaixo notada, mostra um saldo como da nota que levamos em conta nova.

Desejando-lhe um anno novo de toda a felicidade,

Somos com muita estima,

De V. S^a.

M^{to}. att^{os}. V^{es}. e am^{os}.

[ass.] Knowles & Foster

Conta Corrente¹

Saldo ao debito da nova conta £ 80.15.0

Transferencia¹

Letra transferida p^a. credito da conta nova £ 100. 0. 0 //

¹ Sublinhado no manuscrito original.

[UA, JC]

Documento 48

48, Moorgate Street, London, E.C.
14 de Fevereiro de 1891

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel
Via Lisbôa

Am^o. e Sñr.,

Temos presentes os seus estimados favores de 19 e 30 do mez passado, de cujos conteúdos ficamos scientes, e prestamos a nossa melhor attenção á sua encommenda de Sementes e Instrumentos de jardinagem, tomando a devida nota de todas as suas observações a respeito.

Debitamos em conta de V. S^a. £ - 16.0¹ custo da assignatura ao jornal “Illustrated London News”; e sem mais por hoje

Somos com muita estima,

De V. S^a.

m^{to}. att^{os}. Ven^s.

[ass.] Knowles & Foster//

¹ Sublinhado no manuscrito original.

[UA, JC, Carta referente a encomenda de sementes e instrumentos de jardinagem feita por José do Canto no mês de Janeiro de 1891]

Documento 49

48, Moorgate Street, London, E.C.
28 de Fevereiro de 1891

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel
Via Lisbôa

Am^o. e Sñr.,

Confirmamos a nossa carta de 14 d'este mez e nenhum estimado favor seu temos a responder servindo esta para incluir a factura da caixa de Sementes que enviamos a V. S^a. pelo vapor "La Plata" por intermedio do Sñr Germano Serrão Arnaud, de Lisbôa, a quem já mandámos os respectivos pormenores para descarga.

Pelo vapor que partirá de Londres na semana que vem embarcaremos os utensilios de jardinagem que V. S^a. nos tinha pedido.

O importe da factura acima mencionada debitamos em sua conta.

Somos com muita estima,

De V. S^a.

Am^{os}. Att^{os}. Ven^s. e C^{os}.

[ass.] Knowles & Foster

Factura.¹

Sementes por "La Plata" £ 6. 18.7¹//

¹ Sublinhado no manuscrito original.

[UA, JC, Carta anunciando o envio de caixa de Sementes e respectiva factura e a próxima remessa dos utensilios de jardinagem encomendados em Janeiro de 1891]

Documento 50

48, Moorgate Street, London, E.C.
16 de Março de 1891

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel
Via Lisbôa

Am^o. e Sñr.,

Escrevemos a V. S^a. em 28 do passado e sem favor seu a que responder temos agora a incluir a factura notada abaixo, cujo importe debítamos em sua conta.

Já fizemos indagações, mas não achando vapor que sahiria (sic) em breve para São Miguel, temos feito embarque dos utensilios para re-embarque em Lisbôa.

Esperando que cheguem ao seu agrado,

Somos com muita estima,
De V. S^a.
Am^{os}. Att^{os}. Ven^s. e C^{os}.

[ass.] Knowles & Foster

Factura.¹

Utensilios por “Cadiz”

£ 9. 13.1//

¹ Sublinhado no manuscrito original.

[UA, JC, Carta contendo despesa dos utensílios de jardinagem e informando do envio dos ditos via Lisboa]

Documento 51

48, Moorgate Street, London, E.C.
15 d' Abril de 1891

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel
Via Lisbôa

Am^o. e Snr.,

Confirmamos a nossa carta de 16 do passado e accusamos recebidas as estimadas de V. S^a. de 17 e 31 do mesmo, de cujos conteúdos ficamos scientes, esperando que as sementes e utensilios tenham sahido ao seu agrado.

Teremos muito prazer em attender ao embarque dos Chinezes, e presumimos que o seu agente em Macáo nos dará aviso em devido tempo da sua partida com nome do vapor em que sahem a fim de podermos fazer os necessarios arranjos n'este lado.

Na nossa proxima responderemos à sua pergunta quanto ás folhas de chumbo.

Somos com muita estima,
De V. S^a.
Am^{os}. Att^{os}. Ven^s. e C^{os}.

[ass.] Knowles & Foster //

[UA, JC, Carta com referência às sementes e utensílios enviados e à disponibilidade de tratar do reembarque dos chineses de Londres para Ponta Delgada]

Documento 52

48, Moorgate Street, London, E.C.
15 de Setembro de 1891

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel
Via Lisbôa

Am^o. e Sñr.,

Estamos de posse do seu estimado favor de 29 de Agosto e tomamos a melhor nota do conteúdo.

Vemos o que V. S^a. nos escreve quanto aos dous chinezes e temos por motivo na presente avisar que acabam de chegar de (sic) China os utensilios para fabrico de chá e embarcaremol-os (sic) no vapor "Malaga" que sahirá na semana que vem para Lisbôa, o que será em tempo para reembarque lá no vapor de 5 do mez vindouro para S. Miguel.

Somos com muita estima,
De V. S^a.
Am^{os}. Att^{os}. Ven^s. e Cr^{os}.

[ass.] Knowles & Foster //

[UA, JC, Carta informando do próximo envio de utensílios para fabrico de chá, acabados de chegar da China a Londres]

Documento 53

48, Moorgate Street, London, E.C.
30 de Setembro de 1891

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, via Lisbôa

Am^o. e Sñr.,

Dirigimo-nos a V. S^a. em 15 do corrente e ainda ficamos privados de suas estimadas cartas.

Temos por motivo na presente incluir a nota das despesas incorridas com o reembarque dos utensilios para fabrico de Chá, e debitamos o importe £ 55.18.5 em sua conta.

Em devido tempo estimaremos receber uma amostra do Chá preparado que V. S^a. vai cultivar.

Somos com muita estima,

De V. S^a.

Am^{os}. Att^{os}. Ven^s. e Cr^{os}.

[ass.] Knowles & Foster //

[UA, JC, Carta sobre o assunto da anterior, mas com nota das despesas]

Documento 54

48, Moorgate Street, London, E.C.
15 de Outubro de 1891

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel
Via Lisbôa

Am^o. e Sñr.,

Escrevemos a V. S^a. em 30 do passado e temos hoje de accusar recebido (sic) a sua presada carta de 29 do mesmo, de cujo conteúdo tomamos devida nota.

Do Sñr Antonio Joaquim Garcia, de Macau, recebemos aviso de que os dous Chinezes partirão para Londres pelo proximo vapor de Hong Kong, e devem chegar aqui perto do fim do mez corrente; os seus nomes são “Lan sam” e “Chon sem”.

Logo que cheguem aqui trataremos do reembarque d’elles para Lisbôa, dando a V. S^a. o respectivo aviso.

Debitamos em sua conta 16/-^S pela assignatura ao jornal “Illustrated London News”.

Sem mais por esta occasião

Somos com muita estima,
De V. S^a.
Am^{os}. Att^{os}. Ven^s. e Cr^{os}.

[ass.] Knowles & Foster //

¹ Sublinhado no manuscrito original.

[UA, JC, Presumíveis embarque em Hong Kong e chegada a Londres dos dois chineses contratados por José do Canto para a sua produção de chá em S. Miguel]

Documento 55

48, Moorgate Street, London, E.C.
16 de Novembro de 1891

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel
via Lisbôa

Am^o. e Sñr.,

Confirmamos a nossa carta de 15 do passado e temos presentes as suas presadas de 18 e 30 do mesmo, de cujos conteúdos tomamos bôa nota.

Quanto aos dous chinezes acabamos de receber carta do Snr. Garcia, de Macáu, informando-nos que estes não podiam seguir no vapor a que elle se referiu, tendo a Comp^a. de vapores recusada (sic) aceital-os com receios de que passassem mal com o frio depois de sairem os mares tropicaes^x; porisso foram embarcados no vapor “Glenartney” em 2^a classe, cujo vapor chegou aqui hoje tarde de mais para elles apanharem vapor que chegaria em Lisbôa em tempo para seguirem no vapor de lá em 20 do corrente para os Açores. Seguirão (sic) portanto para o vapor açorense de 5 de Dezembro pf.

Dos Sñrs Brandão e C, de Hong Kong, recebemos o conhecimento de 3 caixas com folhas de papel pintado embarcadas por estes Sñrs no vapor “Cyclops” por ordem do Sñr Garcia, e na chegada aqui faremos o necessario.

Somos com muita estima,
De V. S^a.
Am^{os}. Att^{os}. Ven^s. e Cr^{os}.

[ass.] Knowles & Foster //

X Chamada no original, para o fim da página, que diz: “por não terem bom abrigo na coberta”.

[UA, JC, Chegada a Londres dos chinezes e partida, via Lisboa,
para Ponta Delgada]

Documento 56

48, Moorgate Street, London, E.C.
29 de Fevereiro de 1892

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel
via Lisbôa

Am^o. e Sñr.,

Confirmando a nossa ultima de 15 d’este estamos de posse de suas estimadas cartas de 11 e 20 do mesmo, de cujos conteúdos tomamos a melhor nota, estimando ver que o estado de sua saude vai-se melhorando.

As suas cartas acima mencionadas, ambas chegaram ás mãos hoje dia (sic), e logo expedimos o telegramma para o Sñr Coronel Antonio Joaquim Garcia segundo a indicação de V. S^a., e debitamos o custo £ 9.7.6¹ em sua conta.

Notamos as suas instrucções quanto aos tabuleiros de bambu, as que (sic) terão o nosso melhor cuidado na chegada.

Agora incluimos a factura constante da nota cujo importe debitamos em sua conta.

Na nossa proxima responderemos á sua pergunta em respeito de maquina para fabrica de Chá.

Somos com muita estima,
De V. S^a.
Am^{os}. Att^{os}. Ven^s. e Cr^{os}.

[ass.] Knowles & Foster

Factura¹

Diversos pelo “Ituni”

£ 121.13.9 //

¹ Sublinhado no manuscrito original.

[UA, JC, Resposta a instrucções de José do Canto para compra de tabuleiros de bambu e despesas debitadas]

Documento 57

48, Moorgate Street, London, E.C.
31 de Maio de 1892

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada
Isla (sic) de S. Miguel
via Lisbôa

Am^o. e Sñr.,

Confirmamos a nossa carta do 14 do corr.^{te} e estamos de posse da sua presada do 16 do mesmo capeando uma remessa de £ 100-0-0 ao credito da sua conta para cobrança. Recebemos esta manhã uma carta do Sñr Antonio Joaquim Garcia na qual nos informa ter despachado “500 tabuleiros de bambu para fazer chá com os pés.

Somos com muita estima,
Am^{os}. Att^{os}. Ven^s. e Cr^{os}.

[ass.] Knowles & Foster

Esperase (sic) o vapor no dia 9 do mez vindouro¹. //

¹ Sublinhado no manuscrito original.

[UA, JC, Remessa de Macau dos tabuleiros de bambu encomendados para produção de chá]

Documento 58

48, Moorgate Street, London, E.C.
31 de Março de 1892

III^{mo}. Snr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, via Lisboa

Am^o. e Sñr.,

Escrevemos a V. S^a. em 29 de Fevereiro pp e accusamos recebidas as suas estimadas cartas de 29 do passado e de 16 do corrente, e notamos os conteúdos.

Com referencia á sua pergunta em respeito ao machinismo para fabricar Chá, se pode ser encontrado em deposito ou quanto tempo levaria apromptar se fosse encomendado, impossivel é dizer definitivamente a este respeito sem saber quaes as peças que serão precisas. Como regra geral o machinismo mais pequeno pode ser encontrado em deposito e as peças maiores terião de ser feitas especialmente, mas quanto ao tempo que levirão em fabricação isto dependeria na (sic) classe de machinismo e se os fabricantes fossem muito occupados ao tempo.

Quanto á sua observação relativa aos Esteios estamos em communição (sic) com os fornecedores. Verá V. S^a. pela factura junta cujo importe debitamos em sua conta que mandamos outro lote de seus pedidos mas em não sendo o que se precisa pôremos em mão immediatamente outra quantidade.

Mandamos-lhe as amostras de Chá que nos pediu e não ha despeza com ellas: os preços vão marcados nas latas;

Creditamos em sua conta £ 100.0.0¹ recebidas dos (sic) Sñr Germano Serrão Arnaud, de Lisboa, e sem mais por esta / esta ocasião,
Somos com muita estima,

NESTOR DE SOUSA

De V. S^a.
Am^{os}. Att^{os}. Ven^s. e Cr^{os}.

[ass.] Knowles & Foster

Factura¹
Diversos pelo “Lynton” £ 51.7.0 //

¹ Sublinhado no manuscrito original.

[UA, JC, Resposta ao pedido de informação sobre aquisição de
máquina para fabrico de chá]

Documento 59

48 Moorgate Street, London, E. C.
14 de Maio 1892

III^{mo}. Sñr José do Canto
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel,
Via Lisbôa.

Am^o. e Sñr,

Accusamos ter recebido a sua presada carta do 1^o do corrente, assim como a carta para o Sñr Antonio Joaquim Garcia e dous pacotes com amostras de Chá os quaes já encaminhámos para Macau.

Somos com muita estima,
De V. S^a.
Am^{os}. Att^{os}. Ven^s. e Cr^{os}.

[ass.] Knowles & Foster //

[UA, JC, Envio de amostras de chá produzido por José do Canto para o governador de Macau, via Londres]

Documento 60

¹Secretaria d'Estado
dos Negocios
da Marinha e Ultramar
Direcção Geral do Ultramar
2ª Repartição
1ª Secção
Nº 1

III^{mo}. e Ex^{mo}. Sñr.

Venho novamente agradecer a V. Ex^a., em nome do governo e no meu, a obsequiosa attenção e deferencia com que V. Ex^a. se dignou attender o meu pedido de plantas de chá para ser tentada a sua introdução na provincia de Angola. Foi mais um relevante serviço por V. Ex^a. prestado á agricultura nacional, e alimento a esperanza de que a provincia de Angola terá n'esta cultura e na sua exploração industrial um novo elemento de riqueza. As plantas seguem da Madeira no paquete Angola e ao respectivo governador geral recommendei que me desse Conta dos resultados da plantação, seus progressos, e desenvolvimento, afim (sic) de ter a satisfação de os communicar a V. Ex^a. Renovo a V. Ex^a. os protestos da minha maior consideração.

Deus Guarde a V. Ex^a.

Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e / Ultramar 14 de dezembro de 1893.

III^{mo}. e Ex^{mo}. Snr José do Canto

O ministro da marinha e ultramar

[ass.] João Antonio de ...² das Neves Ferreira //

¹ Impresso.

² Palavra não decifrada.

[UA, JC, Agradecimento governamental a José do Canto, pela oferta de plantas de chá para introdução em Angola, solicitadas pelo ministro da Marinha e Ultramar]

Documento 61

Clapton Nursery
London, N.E. ¹

José Do Canto Esq^{ue}.

Bought of Hugh Low & C^o.

1895

apl	To Freight and Charges on 2 Cases	
3.	Fruit trees sent per s"Godiva"	£ 3. 1. 2

With of Low & C^o best thanks //

¹ Impresso.

[UA, JC, Despesa com frete e cargas de duas caixas de árvores frutíferas transportadas pelo vapor Godiva, 3-4-1895]

[Tradução]

Viveiro de Clapton
London, N.E. ¹

José Do Canto Esq^{ue}.

Compras feitas a Hugh Low & C^o.

1895

abril	Frete e cargas de duas Caixas de Árvores Frutíferas	
3.	enviadas pelo n. m. "Godiva"	£ 3. 1. 2

Com os melhores cumprimentos de Low & C^o //

¹ Impresso.

[UA, JC, Despesa com frete e cargas de duas caixas de árvores frutíferas transportadas pelo vapor Godiva, 3-4-1895]

Documento 62

St. Petersburg le 10 Jouin (sic) 70

Bien chér (sic) Monsieur

Mille fois merci (sic) pour les graines de la famille des Protéacées et pour les autres que vous avez en vue nous envoyer.

Nous nous intéressons principalement pour cette famille et chez nous on ne reçoit presque jamais des graines murs.

Sous que j'e (sic) vous enverrai une petit collection des graines que j'estime comme intéressante pour Vous. Veuillez me dire que je puis Vous être utile avec (sic) des plantes vivantes, / comme avec les arbres et arbustes de Japon dont nous avons la collection la plus complete qui existe en Europe, oû (sic) avec des fougères et Aroïdées Bumeliacées et Orchidées et Cactées, dont les collections sont assez complètes (sic).

En attendant (sic) Votre aimable reponse, je Vous prie autre fois envoyer des collections sous l'adresse:

“Jardin Imperiale botanique à St. Petersburg.

Des lettres sous mon adresse.

Avec la plus haute consideration
Votre bien dévoué serviteur

[ass.] Dr. E. Regel, Conseiller d'état. //

[UA, JC, Carta do Director do Jardim Imperial Botânico de S. Petersburgo a José do Canto]

[Tradução]

S. Petersburgo 10 de Junho 70

Muito estimado Senhor

Mil vezes agradecido pelas sementes da família das Proteáceas e pelas outras que tem a intenção de nos enviar.

Interessamo-nos principalmente por esta família e quase nunca recebemos cá sementes maduras.

Oportunamente (?) enviarei uma pequena colecção de sementes que imagino lhe interessará. Agradeço me diga de que modo posso ser-lhe útil relativamente a plantas robustas, / assim como a árvores e arbustos do Japão dos quais possuímos a colecção mais completa que existe na Europa, ou com fetos e Aroídees, Bumeliáceas e Orquídeas e Cactos, cujas colecções são bastante completas.

Aguardando a amável resposta de V. Ex.^a, solicito novamente que as colecções sejam enviadas para o endereço:

“Jardim Imperial botânico de St. Petersburgo.

As cartas deverão ser enviadas para o meu endereço.

Com a mais elevada consideração
Ao inteiro dispor de V. Ex.^a

[ass.] Dr. E. Regel, Conselheiro de estado. //

[UA, JC, Carta do Director do Jardim Imperial Botânico de S. Petersburgo a José do Canto]

Documento 63

St. Petersburg le 14 Juillet 70

Monsieur

J'ai l'honneur Vous annoncer l'envoi d'une petite caisse, contenant une collection de graines de la part du Jardin botanique à St. Petersburg.

Vous les recevrez par Votre correspondant,

Bruno Silva & Son¹

35 Crut. Fr² London.

auquel je les ai envoyé offrenissin (sic) (?).

Veillez agréer chère Monsieur, l'assurance de la plus haute consideration de Votre dévoué serviteur et ami

[ass.] E Regel /

Mes enfants possèdent une collection de timbres de postes. Pour le cas que Vous en avez quelques de Votre île, de l'Espagne et de Portugal de lettres que Vous avez (sic) reçu, je Vous prie vouloir avoir la bonté de m'envoyer avec Votre reponse. Je Vous ajoute inclus une enumeration des timbres de poste de Portugal, que mes enfants ne possèdent pas./

Demandes

Timbres de postes

Vieux timbres de Portugal du regentes (sic) de Donna Maria et de Dom Pedro V.

Vieux timbres de l'Espagne //

¹ Sublinhado no manuscrito original.

² Abreviaturas de Crutched Friars.

[UA, JC, Carta a José do Canto, anunciando envio de caixa com coleção de sementes do Jardim Botânico de S. Petersburgo]

[Tradução]

S. Petersburgo 14 de Julho 70

Ex.^{mo} Senhor

Tenho a honra de anunciar o envio de uma pequena caixa, contendo uma colecção de sementes da parte do Jardim botânico de S. Petersburgo.

V. Ex.^a recebê-la-á por intermédio do S/ correspondente,

Bruno Silva & Filho¹

35 Crut. Fr² London.

para quem a enviei como oferta (?).

Queira aceitar Ex.^{mo} Senhor, os protestos da mais elevada consideração deste dedicado servidor e amigo

[ass.] E Regel /

Os meus filhos possuem uma colecção de selos. Caso V. Ex.^a tenha alguns da sua Ilha, de Espanha e de Portugal de cartas que tenha recebido, peço que tenha a bondade de mos enviar quando responder. Incluo uma lista dos selos de correio de Portugal, que os meus filhos não têm./

Pedidos

Selos de Correio

Selos antigos de Portugal dos reinados de Dona Maria e de Dom Pedro V.

Selos antigos de Espanha //

¹ Sublinhado no manuscrito original.

² Abreviaturas de Crutched Friars.

[UA, JC, Carta a José do Canto, anunciando envio de caixa com colecção de sementes do Jardim Botânico de S. Petersburgo]

Documento 64

St. Petersbourg le 4 Avril 71¹

Bien chère (sic) Monsieur

La semaine passée j'ai dirigé à votre adresse "france"(sic) un paquet contenant une collection de 800 espèces de plantes en graines récoltées dans le Jardin de S. Petersbourg. J'espère que Vous y trouverez quelque chose que Vous interesse et je Vous prie penser au Jardin botanique à St. Petersbourg si Vous avez disponibles quelques graines de Votre Jardin. J'ai ajouté quelques livres pour Vous.

Un envoie que Vous ayez l'intention diriger à notre institut, veuillez / l'envoyer pour l'adresse

"Jardin Imperial botanique à St. Petersbourg,
[]² of Mr. Blackith & Comp. box's Quay Lower
Thames Street, London."

Veillez agréer l'assurance de la plus haute consideration de votre bien dévoué serviteur

[ass.] E. Regel

Mes remerciements pour Votre envoie de fruits de differentes espèces de Proteacées, qui avaient une haute interesse (sic) pour nous.

Mes enfants possèdent une collection de timbres de postes. Si Vous avez quelques unes de Votre pays où (sic) de l'Espagne que Vous pouvez ôbter (sic) des lettres reçues (sic), veuillez m'en communiquer quelques unes dans Votre prochaine lettre. //

¹ Data com emenda do algarismo 7 sobre um 6.

² Palavra ilegível devido à má caligrafia.

[UA, JC, Carta a José do Canto, anunciando o envio de coleção de sementes de plantas, solicitando intercâmbio e agradecendo a oferta de espécies de Proteaceas]

[Tradução]

S. Petersburgo 4 de Abril 71¹

Muito estimado Senhor

Na passada semana enviei para o endereço de V. Ex.^a em “frança” (sic) uma embalagem contendo uma colecção de 800 espécies de plantas em sementes recolhidas no Jardim de S. Petersburgo. Espero que nela encontrará algo de interesse e solicito que pense no Jardim botânico de S. Petersburgo no caso de ter disponíveis algumas sementes do Seu Jardim. Incluí alguns livros para V. Ex.^a.

Caso tenha a intenção de enviar uma encomenda ao nosso instituto, queira remetê-la para o endereço

“Jardim Imperial botânico de S. Petersburgo,
[]² of Mr. Blackith & Comp. box’s Quay Lower
Thames Street, London.”

Queira aceitar os protestos da mais elevada consideração deste devotado servidor

[ass.] E. Regel

Os meus agradecimentos pelo envio de frutos de várias de Proteáceas, que tinham grande interesse para nós.

Os meus filhos possuem uma colecção de selos do correio. Se V. Ex.^a tiver alguns do Seu país ou de Espanha que possa retirar de cartas recebidas, queira enviar-me alguns na próxima carta. //

¹ Data com emenda do algarismo 7 sobre um 6.

² Palavra ilegível devido à má caligrafia.

[UA, JC, Carta a José do Canto, anunciando o envio de colecção de sementes de plantas, solicitando intercâmbio e agradecendo a oferta de espécies de Proteaceas]

Documento 65

R. Scuola Sup. d'Agricoltura
in Portici (presso Napoli-Italia)
27 Dic. 87

Gentilissimo Signore

Vi chieggo scusa se non vi scrivo nella vostra lingua: la comprendo perfettamente, ma non so scriverla bene: perciò scrivo in italiano che certamente conoscerete allo stesso modo del mio portoghese.

Leggo in un articolo del Fouqué — *Voyages géologiques aux Açores. Les cultures de S. Miguel*, nella *Revue des deux mondes* del 1873 — come coteste contrade furono infestate da un brutto malanno / negli agrumi, il mal detto costi della lagrima¹ il quale incominciò verso il 1834 ed infieri nel 1840.

Desidero conoscere alcune notizie sul riguardo. Avete voi o qualcuno dei vostri concittadini scritto qualche cosa su questa malattia? Conoscete il rapporto del Morelet sul riguardo citato imperfettamente dal detto Fouqué?

Nel caso negativo, sareste voi così gentile di riferirmi lo stato attuale degli aranceti azzorriani per rispetto alla detta malattia? Mi bastano pochi righi (?), poichè occupandomi dello studio del male mi necessitano tali notizie.

Mi congratulo dei vostri splendidi saggi di acclimatazione, I quali oltre all'arrecare un'utilità seria / alle vostre splendide contrade, sono state altrettante conquiste scientifiche, che onerano chi le ha fatte ed il suo paese.

Io vorrei che questa mia lettera abbia la fortuna di rinvenire il Sig^e. José do Canto: se no, prego il suo erede di volerssi usare tale cortesia.

Prego di accettare un mio lauretti sulla malattia della gommosi degli agrumi, che è la stessa della lagrima, che tanto danne ha fatto alle nostre contrade.

Vi chieggo scusa del mio fastidio e se vi possa occorrere qualche cosa di queste contrade, comandatemi pure. Ossequiandovi distintamente credetemi

Vostro devot^{mo}.
Dott. Luigi Savastano
Professore di Arboricoltura //

¹ Sublinhado no manuscrito original.

[UA, JC, Carta a José do Canto pedindo informação sobre a moléstia dos laranjais em S. Miguel, denominada lagrima, e sobre a situação actual (1887) dos mesmos nos Açores]

[Tradução]

R. Escola d’Agricultura
in Portici (arredores de Nápoles - Itália)
27 de Dezembro de 87

Excelentíssimo Senhor

Peço desculpa de não escrever na sua língua: compreendo-a perfeitamente, mas não sei escrevê-la bem: por isso escrevo em italiano que certamente conhecerá do mesmo modo do meu português.

Leio num artigo de Fouqué — Voyages geologiques aux Açores. Les cultures de S. Miguel, na Revue des deux mondes de 1873 — como estas regiões foram infestadas por uma terrível moléstia nos citrinos / a doença chamada aqui da lagrima¹ a qual começou cerca de 1834 e terminou em 1840.

Necessito de algumas informações sobre o acontecimento. V. Ex^a. ou algum dos seus compatriotas escreveu qualquer coisa sobre essa doença? Conhece o relatório de Morelet sobre o sucedido transmitido imperfeitamente pelo dito Fouqué?

Em caso negativo, quererá V. Ex^a. ter a amabilidade de informar-me sobre a situação actual dos laranjais açorianos relativamente à dita moléstia? São suficientes algumas linhas, porque estando a estudar o mal ser-me-ão necessárias tais notícias.

Alegro-me pelos seus magníficos ensaios de aclimatização, os quais para além da importante utilidade que trazem às vossas esplendidas terras, constituíram outras tantas conquistas científicas, que honram não só quem os fez mas também o seu país.

Espero que esta minha carta tenha a sorte de chegar às mãos do senhor José do Canto: se não, peço ao seu herdeiro o favor dessa amabilidade.

Queira aceitar um modesto trabalho meu sobre a doença da gommosi dos citrinos, que é a mesma da lagrima, que tantos prejuízos causou aos nossos campos.

Peço-lhe desculpa pelo incómodo e se necessitar de alguma coisa destas regiões, basta pedir-me. Cumprimentando-o respeitosamente, creia-me

Seu devotadíssimo
Doutor Luigi Savastano
Professor de Arboricultura

¹ Sublinhado no manuscrito original.

[UA, JC, Carta a José do Canto, pedindo informações sobre a moléstia dos laranjais em S.Miguel, denominada lagrima, e sobre a situação actual (1887) dos mesmos nos Açores]

Documento 66

Royal Gardens Kew¹

The Director begs to convey to
Signor (sic) Jose do Canto²

the best acknowledgements of the Commissioners of Her Majesty's
Woods etc for the undermentioned contribution, Vizt. ² fruit of Lucuma
deliciosa³, Lind.

Royal Gardens Kew
June 15th 1888

[ass.] J. D. Hooker //

¹ Folha impressa, encimada pelas armas reais inglesas.

² Manuscrito.

³ Manuscrito e sublinhado.

[UA, JC]

[Tradução]

Jardins Reais de Kew¹

O Director solicita-me que transmita ao
Signor (sic) Jose do Canto²

os melhores agradecimentos dos Comissários das Matas de Sua
Majestade pelo seu contributo a seguir mencionado, nomeadamente fruto²
de Lucuma deliciosa³, Lind.

Jardins Reais de Kew
15 de Junho de 1888

[ass.] J. D. Hooker//

¹ Folha impressa, encimada pelas armas reais inglesas.

² Manuscrito.

³ Manuscrito e sublinhado.

[UA, JC]

Abreviaturas

A.A.- Arquivo dos Açores.

A.P.S.Pedro- Arquivo Paroquial de S. Pedro.

UA,JC- Universidade dos Açores, José do Canto.

Traduziram-se, integralmente, do inglês, francês e italiano, os documentos considerados de maior interesse para o discurso.

As palavras abreviadas nos manuscritos originais utilizados foram desdobradas nas transcrições, salvo as de uso comum e de fácil entendimento.

Conservou-se a grafia, acentuação e pontuação originais. Para não sobrecarregar as transcrições empregou-se “sic” apenas nos mais flagrantes casos de erros ortográficos, de sintaxe incorreta ou de repetições.

Assinalou-se com um travessão a mudança de página e com dois o fim dos documentos.

Agradecimentos

Aos meus amigos Dr. Eduardo Jorge de Magalhães Frias Soeiro e Dra. Maria Josefina Carvalho Reis Soeiro, pelas traduções finais, respectivamente, das transcrições em inglês e francês, que integram o Elenco Documental. Ao Dr. Artur Boavida Madeira, pelo auxílio na organização, em computador, de tabelas documentais.

À Simone Lopes, pelo trabalho inicial de passagem a computador.

Ao Senhor Maurício do Canto Sales da Câmara, pela cortesia de, em 1992, autorizar as fotografias reproduzidas com os n.ºs 3 e 4. Por igual modo, à Senhora Dona Margarida Jácome Correia O. Rodrigues, pela do n.º 7.

Fontes Manuscritas

Estão referenciadas nas notas de rodapé e no fim dos documentos do Elenco Documental.

Bibliografia

- Almeida, Gabriel d' - *As Ilhas dos Açores*, Lisboa, 1889.
- *Fastos Açorianos*, Lisboa, 1889.
- *Diccionario Histórico-geográfico dos Açores*, Ponta Delgada, 1893.
- Anglin, João Hickling - "Tomás Hickling", in *Insulana*, V, N^{os} 1 e 2, Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1949.
- Arquivo dos Açores* - Carta do Conde d'Almada ao ministro em resposta aos avisos de 29 de novembro de 1799, e 12 de julho de 1800, a respeito do chá vegetado na ilha Terceira (...), X, Ponta Delgada, 1992.
- Benevides, Francisco da Fonseca - *O Real Theatro de S. Carlos* de Lisboa, 15 de Setembro de 1883.
- Boid, capitão - "Descrição dos Açores ou Ilhas Ocidentais", London, 1835, in *Insulana* (trad. de João H. Anglin), V, N^{os} 1 e 2, Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1949.
- Bullar, Joseph e Henry - *Um Inverno nos Açores e um verão no Vale da Furnas*, (trad. de João H. Anglin), Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1949.
- Caldeira, Carlos José - "Apontamentos d'uma viagem de Lisboa à China e da China a Lisboa", in *Insulana*, XLVI, Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1990.

Cartas Particulares do Sr. José do Canto aos srs. José Jácome Corrêa e Conde de Jácome Corrêa, (1841 a 1893), Ponta Delgada, 1915.

Charageat, Marguerite - *L'Art des jardins*, Paris, P.U.F., 1962.

Ferreira, Herculano Amorim - “Naturalistas Britânicos nos Açores”, in *Insulana*, II, Nº 4, (Separata), Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1947.

França, José-Augusto - *A Arte em Portugal no século XIX*, 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1967.
- *Zé Povinho 1875*, Lisboa, Bertrand, 1975.

Fouquier, M. e A. Duchêne - *Des divers styles de jardins*, Paris, 1914.

Freitas, Bernardino José de Senna - *Uma Viagem ao Valle das Furnas na Ilha de S. Miguel em Junho de 1840*, Lisboa, 1845.

Grimal, Pierre - *L'Art des jardins*, Paris, P.U.F., 3.^{ème} Ed., 1974.
- *A Vida em Roma na Antiguidade*, Lisboa, Europa-América (trad. de Victor Jabouille e outros), s/d.

Gromort, Georges - *L'art des jardins*, Paris, Ed. Ch. Massin, 1983.

Hickling Jr., Thomaz - “Carta de (...) a Catherine Prescott”, in *Insulana* (trad. e notas de Henrique A. Oliveira Rodrigues), LI, Nº 2, Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1995.

Homero - *Iliada*, Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade, Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, 1959.
- *Odisseia*, *id, ib.*

Joffet, Robert - *Les Jardins et les Fleurs. La Décoration*, Paris, Hachette, 1965.

Levron, Jacques - *Grands travaux, grands architectes du passé*, Paris, Ed. Moniteur, 1980.

- Machado, Augusto Reis - *O Pensamento do Rei D. Pedro V*, Lisboa, 1941.
- Maia, Martim Machado de Faria e - “A vida operosa e meritória de Ernesto do Canto (1831-1900)”, in *Insulana*, XXXV e XXXVI, Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1979-1980.
- Marquez de Jácome Corrêa - *Leituras sobre a História do Valle das Furnas*, S. Miguel, 1924.
- Middleton, Robin e David Watkin - *Architettura dell'Ottocento*, 2 vols., Electa Ed., 2 vols., Milano, 1980.
- Motta, António Augusto Riley da - “Das colónias estrangeiras em São Miguel nos séculos XIX e XX”, in *Insulana*, XV, 1º semestre, Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1959.
- Pato, Bulhão - *Dos Açores - Cartas*, 2ª parte, S. Miguel, Ponta Delgada, 1868.
- Porcinai, Pietro e Attilio Mordini - *Giardini d'Occidente e d'Oriente*, Milano, Fratelli Fabri Ed., 1966.
- Prescott, William H. - “Quatro cartas do historiador (...)”, in *Insulana*, VII, Nºs 3 e 4, Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1951.
- Puttemans, Pierre - “Les jardins anglais”, in *Beaux-Arts*, nº 1265, 29-11-1969.
- Sequeira, Gustavo de Matos - “Fradique Mendes, símbolo dos “Vencidos da Vida”, *Vencidos da Vida*, [Lisboa], Século, 1941.
- Serpa, António Ferreira de - *Suum Quique*, Porto, 1925.
- Silva, Emygdio da - *S. Miguel em 1893*, XIII.
- Sousa, Nestor de - *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1986.

- “Sinais de presença britânica na vida açoreana (séculos XVI-XIX)”, in *Arquipélago*, Nº Especial 1988, Relações Grã-Bretanha - Açores, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1988.
- *Pintura de Duarte Maia, Catálogo da Exposição*, Ponta Delgada, 1993.
- *O Palacete Porto Formoso e outras imagens oitocentistas de Ponta Delgada*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1997.
- “Jardins privados paisagísticos ou à inglesa na Ilha de S. Miguel”, in *Jornal das Ilhas*, Ponta Delgada, 10-7-1998.

Tavares, Salette - “Dois Jardins Românticos de Sintra”, in *Grémio Literário*, Centro de Estudos do Século XIX – Estética do Roman-tismo em Portugal, Lisboa, 1974.

Visconde do Ervedal da Beira - *Narrativas Insulanas*, Ponta Delgada, 1894.